



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH *CAMPUS V*  
COLEGIADO DE LETRAS, LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

GABRIELE BORGES SANTOS E SANTOS

***A COR DA TERNURA: MODOS DE SER E SE CONCEBER NEGRO (A) NO MUNDO***

SANTO ANTÔNIO DE JESUS

2021

GABRIELE BORGES SANTOS E SANTOS

***A COR DA TERNURA: MODOS DE SER E SE CONCEBER NEGRO (A) NO MUNDO***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito obrigatório para obtenção do título da Licenciatura em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas, curso oferecido pelo Departamento de Ciências Humanas – *Campus V*, da Universidade do Estado da Bahia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosemere Ferreira da Silva

SANTO ANTÔNIO DE JESUS

2021

FICHA CATALOGRÁFICA  
Sistema de Bibliotecas da UNEB  
Dados fornecidos pelo autor

S237v

Santos, Gabrielle Borges Santos e

A cor da ternura: modo de ser e se conceber negro (a) no mundo / Gabriele  
Borges Santos e Santos . – Santo Antônio de Jesus, 2021.

96 fls.

Orientador(a): Prof. Dra. Rosemere Ferreira da Silva

Trabalho de conclusão de curso ( Graduação) - Universidade do Estado da Bahia.  
Departamento de Ciências Humanas, *Campus V*. Colegiado de Letras, Língua  
Portuguesa e Literaturas. Santo Antônio de Jesus, 2021.

GABRIELE BORGES SANTOS E SANTOS

*A COR DA TERNURA: MODOS DE SER E SE CONCEBER NEGRO (A) NO MUNDO*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito obrigatório para a obtenção do título da Licenciatura em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas, curso oferecido pelo Departamento de Ciências Humanas – *Campus V*, da Universidade do Estado da Bahia.

BANCA EXAMINADORA:



---

Profa Dra. Rosemere Ferreira da Silva (Orientadora)  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB – *Campus V*)



---

Profa. Mestre Ana Claudia Pacheco (Examinadora)  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB – *Campus V*)



---

Profa. Dra. Priscila Peixinho Fiorindo (Examinadora)  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB – *Campus V*)

Santo Antônio de Jesus, 21 de Junho de 2021.

Dedico este trabalho aos meus queridos pais, Edmilson e Evonilda, a minha amada e saudosa avó, Naide (*in memoriam*), e a minha irmã, Grazielle, os quais me amparam quando o desalento bate à porta e me impulsionam a ir além dos sonhos.

## AGRADECIMENTOS

Na infância, algumas pessoas costumam nos questionar sobre o que desejamos ser ou fazer quando nos tornarmos adultos. Prontamente e de imediato apresentamos uma lista de pretensões. Geralmente, nessa lista encontram-se os desejos mais cobiçados, incluindo a profissão almejada.

Ao adentrarmos a fase que perpassa a adolescência e a vida adulta, mais convictos do que realmente queremos e com uma identidade consolidada, nos vemos coagidos a escolher o caminho que pretendemos trilhar. E de repente, decidir algo que deveria ser simples, se torna complexo.

Como tomar decisões que serão cruciais em nossa jornada, assim, tão subitamente? Como elencar o caminho a ser percorrido sem saber ao certo o final dessa trilha? O que fazer se o caminho escolhido não for o correto? “De repente, não mais que de repente”, como diz Vinicius de Moraes (1938), tudo muda e nos vemos na posição de tomar decisões futuras incertos do que virá a ser esse futuro.

É assim, pressuponho, que surgem as pessoas que nos auxiliarão não só em uma das decisões mais importante de nossas vidas, como farão parte de todo esse percurso. Nessa perspectiva, sinto-me demasiadamente feliz por, nesse momento, ter a oportunidade de agradecer a todos que direta ou indiretamente me auxiliaram na busca e realização de mais um sonho.

Inicialmente, gostaria de agradecer a Deus, pois sem ele nada seria possível.

Em seguida, expresso profundo agradecimento aos meus pais, Evonilda Costa e Edmilson Borges, por toda dedicação, compreensão, motivação, que foram cruciais para permanecer nessa jornada difícil, mas não impossível.

Sou grata a minha avó, Naide Costa, (*in memoriam*), que ao se fazer presente em minhas lembranças me proporcionou a força necessária para remover as pedras que surgiram ao longo do caminho.

Agradeço a minha irmã, Grazielle Borges, por ser o meu apoio diário.

Expresso gratidão aos professores do ensino médio, sobretudo a professora Rita de Cássia.

Sou grata aos professores do curso de Letras, em especial a professora orientadora Dra. Rosemere Ferreira da Silva. Devido a todo o afeto, ternura, suporte, paciência, seriedade, empenho e dedicação a mim e ao meu projeto de pesquisa, conseguimos realizar este trabalho.

Agradeço a Alexandre Lima pelo apoio, incentivo, auxílio, carinho, amor, e companheirismo nesse momento importante.

Por fim, e não menos relevante, expresso gratidão aos amigos João Queiroz, Isadora Silva e, principalmente a Beatriz Neiva e a Isadora Araújo, visto que, sem elas o processo não seria tão sublime quanto foi. Sem elas, o fardo se tornaria muito mais pesado e nada faria sentido!

## RESUMO

Este trabalho objetiva apresentar o livro *A cor da ternura* (1998), de Geni Guimarães, como possibilidade crítica para discussões sobre o reconhecimento da identidade étnico-racial do sujeito negro. São explanadas, desse modo, reflexões sobre a relevância da Literatura Afro-brasileira e como o trabalho com obras dessa vertente literária pode contribuir significativamente no processo de compreensão de que existem diferenças étnico-raciais e que elas precisam ser respeitadas. Nessa perspectiva, apresenta-se o livro *A cor da ternura*, o qual possibilitará discussões sobre a importância de conhecer e reconhecer a cultura e história afro-brasileiras para, então, problematizar hierarquias sociais, identidades pré-estabelecidas e combater o racismo ainda enraizado no meio social. Diante disso, foram organizadas atividades didático-pedagógicas fundamentadas no livro *A cor da ternura* (1998), que poderão auxiliar o (a) professor (a) no desenvolvimento de um trabalho educacional democrático e antirracista. A metodologia, no que lhe concerne, está pautada na pesquisa bibliográfica, uma vez que se recorreu a teóricos dos quais destacam-se Souza e Lima (2006), Luiz Silva (2010), Duarte (2008), Munanga (1999, 2005 e 2009) e Albuquerque (2006) para desenvolver o estudo proposto. Depreende-se, portanto, que com este trabalho será possível refletir sobre a relevância da inserção e aplicabilidade da Literatura Afro-brasileira no ambiente educacional de forma eficiente. Será possível o entendimento da importância de despertar nos alunos afrodescendentes a compreensão do ser negro e nos alunos brancos a consciência de que são sujeitos de uma sociedade heterogênea e, assim, a escola estará cumprindo o seu papel de ambiente transformador de pensamentos antidemocráticos, racistas, discriminatórios e preconceituosos.

**Palavras -chave: Literatura Afro-brasileira. *A cor da ternura*. Educação Antirracista.**

## ABSTRACT

This research aims to present the book, *A cor da Ternura* (1998), by Geni Guimarães, as a critical possibility for discussions on the recognition of the ethnic-racial identity of the black subject. In this way, reflections are explained on the relevance of Afro-Brazilian Literature and how analysis about works of this literary aspect can contribute significantly to the process of understanding that there are ethnic-racial differences and that they need to be respected. In this perspective, the book *A cor da ternura* (1998) is presented, which will enable discussions on the importance of knowing and recognizing Afro-Brazilian culture and history, and then problematizing social hierarchies, pre-established identities and combating racism still rooted in the social environment. Therefore, didactic-pedagogical activities based on the book were organized *A cor da ternura*, which can assist the teacher in the development of a democratic and anti-racist educational work. The methodology, with regard to it, is based on bibliographic research, since it was used by theorists of which Souza and Lima (2006), Luiz Silva (2010), Duarte (2008), Munanga (1999, 2005 and 2009) and Albuquerque (2006) stand out to develop the proposed study. It can be insinuated, therefore, that with this research it will be possible to reflect on the relevance of the insertion and applicability of Afro-Brazilian Literature in the educational environment effective. It will be possible to understand the importance of awakening in afrodescendant students the comprehensions of the black being and in white students the awareness that They are subjects of a heterogeneous society and, thus, the school will be fulfilling its role as a transforming environment of undemocratic, racist, discriminatory and prejudiced thoughts.

**Keywords: Afro-Brazilian literature. *A cor da ternura*. Education Anti-racist.**

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>FIGURA 1</b> - Boneca Abayomi.....	58
<b>FIGURA 2</b> - Modelo para a produção dos cartazes.....	60
<b>FIGURA 3</b> - Modelo para a produção dos cartazes.....	60
<b>FIGURA 4</b> - Geni Guimarães e o livro <i>A cor da ternura</i> .....	63
<b>FIGURA 5</b> - Trecho 1 do livro <i>A cor da ternura</i> .....	65
<b>FIGURA 6</b> - Trecho 2 do livro <i>A cor da ternura</i> .....	66
<b>FIGURA 7</b> - Trecho 3 do livro <i>A cor da ternura</i> .....	66
<b>FIGURA 8</b> - Trecho 4 do livro <i>A cor da ternura</i> .....	66
<b>FIGURA 9</b> - Trecho 5 do livro <i>A cor da ternura</i> .....	67
<b>FIGURA 10</b> - Trecho 6 do livro <i>A cor da ternura</i> .....	67
<b>FIGURA 11</b> - Trecho 7 do livro <i>A cor da ternura</i> .....	67
<b>FIGURA 12</b> - Trecho 8 do livro <i>A cor da ternura</i> .....	68
<b>FIGURA 13</b> - Trecho 9 do livro <i>A cor da ternura</i> .....	68
<b>FIGURA 14</b> - Trecho 10 do livro <i>A cor da ternura</i> .....	68
<b>FIGURA 15</b> - Trecho 11 do livro <i>A cor da ternura</i> .....	69
<b>FIGURA 16</b> - Trecho 12 do livro <i>A cor da ternura</i> .....	69
<b>FIGURA 17</b> - Maquete do Quilombo dos Palmares.....	70
<b>FIGURA 18</b> - Zumbi e o Quilombo dos Palmares.....	71
<b>FIGURA 19</b> - Quilombo dos Palmares.....	71
<b>FIGURA 20</b> - Cordéis de Jarid Arraes.....	74
<b>FIGURA 21</b> - Machado de Assis .....	87
<b>FIGURA 22</b> - Conceição Evaristo.....	87
<b>FIGURA 23</b> - Djamila Ribeiro .....	87
<b>FIGURA 24</b> - Vinicius de Moraes.....	88
<b>FIGURA 25</b> - Abdias do Nascimento.....	88
<b>FIGURA 26</b> - Geni Guimarães .....	88
<b>FIGURA 27</b> - Beyonce.....	92
<b>FIGURRA 28</b> - Michael Jackson.....	92
<b>FIGURA 29</b> - Pelé.....	92

<b>FIGURA 30</b> – Rihanna.....	93
<b>FIGURA 31</b> – Mariele Franco.....	93
<b>FIGURA 32</b> – Taís Araújo.....	93
<b>FIGURA 33</b> – Thiaguinho.....	94
<b>FIGURA 34</b> – Léo Santana.....	94
<b>FIGURA 35</b> – Will Smith.....	94
<b>FIGURA 36</b> – Iza.....	95
<b>FIGURA 37</b> – Lázaro Ramos.....	95
<b>FIGURA 38</b> – Maju Coutinho.....	95

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>PASSOS DE UM PERCURSO EDUCACIONAL.....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: O DESCORTINAR DE CONCEITOS EXCLUÍDOS DO IMAGINÁRIO CULTURAL.....</b>	<b>13</b>
2.1	O ECOAR DE OUTRAS VOZES LITERÁRIAS .....	13
2.2	A ESCRITA AFRO-BRASILEIRA EM DIREÇÃO OPOSTA AO RACISMO.....	20
2.3	O RECONHECIMENTO DA IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL DE SUJEITOS NEGROS .....	25
<b>3</b>	<b>A <i>COR DA TERNURA</i>: UMA HISTÓRIA DE AUTORRECONHECIMENTO DA MULHER NEGRA.....</b>	<b>29</b>
3.1	POR GENI GUIMARÃES: UM ENLACE ENTRE AUTOBIOGRAFIA E FICÇÃO ...	29
3.2	DESCOBRINDO-SE NEGRA .....	34
3.3	COMPREENDENDO-SE NEGRA.....	42
<b>4</b>	<b>REPRESENTATIVIDADE AFRO-BRASILEIRA NO AMBIENTE EDUCACIONA .....</b>	<b>49</b>
4.1	A RELEVÂNCIA DA APLICABILIDADE DAS LEIS 10.639/03 E 11.645/08 POR UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA.....	49
4.2	O SENTIR E O SENTIDO DA EXISTÊNCIA NEGRA NOS AMBIENTE ESCOLARES .....	52
4.3	SEQUÊNCIA DIDÁTICA: A <i>COR DA TERNURA</i> , DESVELANDO O RACISMO E SUAS CONSEQUÊNCIAS NO ENSINO DE LITERATURA.....	55
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>80</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>82</b>
	<b>ANEXOS .....</b>	<b>85</b>
	<b>ANEXO A – POEMA INTEGRIDADE .....</b>	<b>86</b>
	<b>ANEXO B - IMAGENS DE ESCRITORES E ESCRITORAS.....</b>	<b>87</b>
	<b>APÊNDICES .....</b>	<b>89</b>
	<b>APÊNDICE A – JOGO DE TABULEIRO .....</b>	<b>90</b>

**APÊNDICE B - IMAGENS PARA O DESAFIO DO JOGO DE TABULEIRO .....92**

**APÊNDICE C – PRODUÇÃO AUTOBIOGRÁFICA.....96**

## 1 PASSOS DE UM PERCURSO EDUCACIONAL

Ao longo da minha trajetória enquanto estudante surgiram muitas dúvidas sobre o curso que auxiliaria na conquista da profissão estimada. Todavia, ao constatar que a disciplina de Língua Portuguesa, no período escolar, era a que despertava em mim mais prazer e afinidade, passei a dialogar com a professora da disciplina, Rita de Cássia. Nos diálogos que estabelecemos, a professora salientou a relevância de fazer o vestibular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus V*, o que despertou em mim e em uma amiga o desejo de ingressar no meio acadêmico através do curso de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas.

Na condição de professora, Rita sempre acreditou no potencial, eficiência e empenho dos alunos. Em razão disso, passou a ser a nossa inspiração e o “modelo” de professora, digno de toda admiração. Devido à estima da professora por nós, buscamos seguir o seu conselho, realizamos o vestibular e em 13 de julho de 2016, iniciamos mais uma etapa em nossas vidas. Um novo caminho começou a ser trilhado. Novas histórias, pessoas e o mais importante, informações diversas que estavam alheias ao nosso cabedal de conhecimentos tornaram-se parte crucial do nosso percurso.

Tudo era muito novo e a cada descoberta um aprendizado diferente. As discussões, os temas trabalhados sempre suscitavam o sentimento de deleite. Contudo, uma temática em específico prendeu minha atenção, despertando entusiasmo e um fascínio desmedido. Fiquei encantada ao ver afrodescendentes dialogando sobre os seus direitos, apresentando histórias não mais contadas pelo olhar de fora, falando sobre livros que traziam denúncias do processo de invisibilidade e exclusão da população afrodescendente.

Através dos diálogos travados nos componentes *O Estético e o Lúdico na Literatura Infantojuvenil*, *Literatura e Relações Étnico-raciais* e *Literatura e Cultura Afro-Brasileira*, compreendi melhor a divisão racial que o mundo carrega devido aos resquícios do período escravocrata e, assim, passei a ter uma outra visão sobre os modos de ser e se conceber negro/negra no mundo. As disciplinas citadas reafirmaram a relevância de discutir sobre representatividade negra nos ambientes educacionais, familiares e em qualquer outro grupo formado por pessoas.

*O Estético e o Lúdico na Literatura Infantojuvenil* foi a disciplina que possibilitou compreender mais sobre o processo de exclusão e silenciamento dos afrodescendentes ao discutir sobre o quanto a literatura clássica ainda retrata a realidade, representando o negro com visões estigmatizadas ao enaltecer e priorizar uma cultura branca. Por se tratar de uma disciplina

voltada para o público infantil, as reflexões partiam de análises de obras literárias escritas para esse público, as quais possibilitavam constatar que rara são as vezes que, ao se debruçar em um livro, a criança encontrará negros ocupando papéis de protagonistas.

A partir de então, passei a ponderar sobre como a representação negativa da população afrodescendente presente em obras literárias interfere no processo identitário, étnico-racial de sujeitos negros. Essas reflexões perduraram por um período, até que com as discussões suscitadas na disciplina *Literatura e Relações Étnico-raciais*, e a partir da metodologia utilizada pela mediadora da disciplina, pude conhecer uma outra vertente literária.

Por meio da disciplina mencionada foi possível conhecer uma literatura escrita por e para negros. Uma literatura que conta histórias completamente diferentes das que foram postas pela classe hegemônica ao longo do tempo. O primeiro livro que tive o prazer de apreciar e me encantar com cada descrição da narrativa foi o de Conceição Evaristo, *Ponciá Vicêncio* (2003), e desde então a Literatura Afro-brasileira passou a ser o acervo literário prioritário para enriquecer os meus conhecimentos.

No entanto, a vontade para trabalhar com o tema Literatura e Cultura Afro-Brasileira, como possibilidade crítica para discussões sobre o reconhecimento da identidade étnico-racial de afrodescendentes, surgiu com as aulas do componente *Literatura e Cultura Afro-Brasileira*, o qual despertou a imprescindibilidade de compreender mais sobre o assunto a partir de leituras e discussões que possibilitaram novas perspectivas e questionamentos sobre as representações do negro na sociedade através da literatura. Assim, na proporção em que aconteciam as aulas, surgiram problematizações pertinentes sobre a escolha de um “objeto” de pesquisa.

Surgiu também a necessidade de conhecer um mundo em que negros têm vez e voz para, assim ocuparem os seus lugares de fala, explicitando todas as suas histórias em narrativas literárias. Ao longo da minha trajetória infantojuvenil afloraram gradativamente situações racistas e preconceituosas por mim vivenciadas. Essas situações ampliaram o sentimento de indignação em relação à ausência de pessoas ou personagens negros, ocupando lugares de representatividade bem como narrativas em que negros falassem para e sobre negros na literatura.

Esse sentimento de repulsa foi se alastrando à medida em que presenciei situações que marcaram para sempre meu imaginário. Recordo-me de expressões que costumava ouvir como: “chuchu torrado”; “seu nariz parece que foi pisado por um boi”; “seus lábios são iguais ao berço de um cavalo”; “você é negra e eu não quero ser sua amiga”. Todas essas expressões negativas e fundamentadas no racismo foram direcionadas a pessoas conhecidas e que fizeram parte da minha vida.

No momento em que ocorreram, tais ações não foram detectadas como atitudes discriminatórias e tampouco as pessoas que presenciaram souberam como agir. As crianças vítimas do racismo foram tomadas pelo sentimento de frustração e crises de identidade. Após se dirigirem para suas casas, correrem para seus quartos em prantos passaram o resto do dia com o emocional abalado, questionando seus traços físicos, indagando a sua cor.

Os pais de cada uma delas ao saberem o que tinha acontecido tentaram mostrar o quanto elas são lindas e que não deixassem ninguém dizer o contrário. Eu, e outras pessoas que também presenciamos cenas dessa categoria, não soubemos como agir nem o que falar. Depois do acontecimento, apenas carreguei comigo o sentimento de incapacidade, tristeza e indignação por ter visto todas essas crianças sofrerem com atitudes discriminatórias e ninguém por perto saber como interferir e como mostrar para quem praticou tais atitudes, a importância de respeitar as diferenças e que ações racistas não são corretas e não devem ser praticadas.

Atitudes racistas como estas, infelizmente, ocorriam de modo constante, e uma em específico fincou na minha memória. No ensino fundamental, foi o momento que mais senti a necessidade de estar em contato com um ensino de literatura crítico, de aprender sobre fatos que foram negados e excluídos da história, para então dispor de argumentos antirracistas e me defender da perversidade que é o racismo. Uma vez que, ouvi e li palavras como: “Ela tem um cabelo tão feio que parece um ninho de passarinho.”

O acontecimento citado, ocorreu após um trabalho escolar em que foram tiradas algumas fotos para serem explanadas nos corredores do colégio. Uma foto minha foi divulgada no *Facebook* acompanhada de comentários racistas de algumas meninas da turma. Naquele dia, o racismo criou raízes na minha memória. No entanto, só foi possível compreender que se tratava de uma atitude racista, a partir do contato com as disciplinas ofertadas no meio acadêmico, pois todo o arcabouço teórico-literário, que aborda questões étnico-raciais, tem sido excluído das séries iniciais, do ensino fundamental e médio, mesmo com a implementação da Lei 10.639/2003.

Hoje, compreendo que o meu papel enquanto estudante de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas é atuar de forma ativa com os meus alunos na desconstrução do racismo. É explanar para os meus alunos afrodescendentes a necessidade de juntos rompermos com os limites impostos, nos dissociarmos das amarras do processo colonial e quebrarmos o alicerce que dá estrutura à classe hegemônica e lhe sustenta no poder.

A predominância do branco na literatura era algo frequente, mas, hoje, devido às Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 e aos escritores e integrantes de Movimentos Negros e Indígenas dizerem "não" para todo o processo de exclusão e silenciamento, pode-se abrir um livro e ver

as Histórias e Culturas Afro-Brasileiras e Indígenas representadas. É possível ver negros e indígenas escrevendo sobre suas vivências.

Aos poucos e a partir do contato com a Literatura Afro-brasileira, compreendi que o espaço escolar, familiar e qualquer outro devem se caracterizar como ambientes transformadores de pensamentos. Ambientes que ocasionam uma formação humana, disposta a compreender a heterogeneidade presente no meio social.

Ao pensar na multiplicidade e na negação identitária que a não aceitação dessa diversidade pode ocasionar em várias crianças e adolescentes negros, busquei realizar um estudo que suscitasse reflexões acerca da Literatura Afro-brasileira e sua influência no processo de rompimento das barreiras do racismo para, então apresentar a obra *A cor da ternura*, de Geni Guimarães, como possibilidade crítica para discussões sobre o reconhecimento da identidade étnico-racial do sujeito negro.

À medida que apreciava cada detalhe desta obra, surgiu a seguinte indagação: quais aspectos do livro *A cor da ternura* podem ser traduzidos como possibilidade crítica e fundamentalmente relevantes na formação e reconhecimento identitário dos afrodescendentes? O livro *A cor da ternura* foi escrito por Geni Guimarães e baseia-se na história de vida da própria autora, sendo caracterizado com uma narrativa autobiográfica.

Organizada em dez capítulos, a obra narra a história da protagonista Geni, a qual percorre um caminho de desencantos e encantos. Compreender melhor a sua história e de seus descendentes foi o ponto de partida para que a protagonista observasse a vida, a partir de outro viés e percebesse a sua importância no processo de rompimento do racismo.

Objetivou-se, dessa forma, elaborar uma pesquisa que promovesse discussões referentes à necessidade de educar os sujeitos para as relações raciais, pautando-se em uma literatura que reforçasse a relevância da história e cultura de afro-brasileiros na problematização das hierarquias sociais construídas, na formação de identidades estabelecidas e no combate do racismo.

Para elaborar essa pesquisa pautou-se em alguns recursos metodológicos que foram cruciais para uma execução significativa e satisfatória. Dessa forma, recorreu-se a pesquisa bibliográfica, a qual forneceu subsídios essenciais e relevantes para reafirmar a importância da Literatura Afro-brasileira e a necessidade de implementá-la nos ambientes educacionais como rege as Leis 10.639 e 11.645. Feito isso, apresentou-se uma análise crítica e reflexiva sobre a trajetória da protagonista Geni no livro *A cor da ternura* e, ao dar seguimento, foi organizada uma sequência didática com atividades baseadas na obra em questão.

Através das atividades didático-pedagógicas os professores poderão promover aulas lúdicas, com assuntos fundamentais, promovendo, assim uma educação antirracista, democrática e inclusiva. Nesse sentido, este estudo é apresentado em três seções que antecedem as considerações finais.

Assim, na segunda seção denominada *A Literatura Afro-brasileira: o Descortinar de Conceitos Excluídos do Imaginário Cultural*, apresenta-se o que é a Literatura Afro-brasileira, como surgiu, qual a sua finalidade e alguns autores que se dedicam a escrever sobre temáticas afrodescendentes. Em seguida, expõe-se reflexões acerca do racismo e como ele interfere negativamente na construção e no reconhecimento identitário étnico-racial de sujeitos negros. Essas discussões estão alicerçadas em teorias retratadas pelos seguintes escritores: Souza e Lima (2006), Silva (2010), Albuquerque (2006), Duarte (2008), Munanga (1999), Hall (2006).

A terceira seção, intitulada de *A Cor da Ternura: uma História de Autorreconhecimento da Mulher Negra*, é destinada à descrição da biografia de Geni Guimarães, escritora do livro *A Cor da Ternura* (1998), e interpretação desta obra. Essas análises estão fundamentadas nos pressupostos teóricos de: Davis (2016), Bernd (1988), Munanga (2009) e Souza (1983).

Na quarta seção, denominada de *Representatividade Negra no Ambiente Educacional*, são feitas discussões sobre a imprescindibilidade do trabalho com as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 nos ambientes educacionais como forma de apresentar histórias e culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas. Expõe-se, ainda mecanismos didáticos-pedagógicos elaborados a partir do livro *A cor da Ternura* (1998), os quais podem contribuir significativamente para o trabalho com obras afro-brasileiras. Essas discussões foram desencadeadas através de reflexões dos seguintes escritores: Silva (2005), Gomes (2005) e Munanga (2005).

Após as seções citadas, apresenta-se as considerações finais, que ratificam a importância que a Literatura Afro-brasileira possui, não só para conhecer a história e cultura dos afrodescendentes, bem como extinguir práticas racistas e enaltecer a identidade étnico-racial dos sujeitos negros. Por meio do trabalho com obras da Literatura Afro-brasileira é possível promover uma educação baseada na compreensão de que o mundo é composto de diferenças e essas diferenças são essenciais em todos os mecanismos, sejam eles sociais, econômicos, políticos, históricos ou culturais.

## **2 A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: O DESCORTINAR DE CONCEITOS EXCLUÍDOS DO IMAGINÁRIO CULTURAL**

A literatura é a representação artística que intenta expressar inúmeras formas de viver e se compreender do sujeito enquanto ser social. Através da arte da palavra, fatos culturais, tradicionais e históricos de uma sociedade são manifestados por intermédio de um discurso literário que se constitui como um instrumento capaz de denunciar, refletir e contestar situações postas no real. Assim, ao explanar a vida habitual, a literatura busca estratégias de compreensão do mundo e ocasiona aos sujeitos ponderarem sobre modos de agir para a sua existência e para a do outro.

Por meio do texto literário torna-se possível compreender e conhecer outras formas de ver e se conceber no mundo o que, por conseguinte, pode ocasionar ao sujeito restabelecer e agregar novas experiências. No momento em que o leitor se apropria de uma obra literária, ele passa a adentrar em outros mundos e a conhecer lugares, pessoas e comportamentos, até então, desconhecidos, logo tem a oportunidade de adquirir informações e atribuir essas informações ao seu dia a dia.

Assim, com o intuito de explanar narrativas que ao longo da história foram invisibilizadas surge a Literatura Afro-brasileira, vertente literária com enfoque particular nas trajetórias dos afrodescendentes. Uma literatura que busca retratar as tradições, culturas e histórias dos sujeitos negros como forma de resgatá-las, conhecê-las, reconhecê-las e afirmar uma identidade negra fincada em pilares positivos e de inclusão livre de estereótipos.

### **2.1 O ECOAR DE OUTRAS VOZES LITERÁRIAS**

A Literatura Afro-brasileira intenta apresentar ao público leitor, não só ao público afrodescendente, como também a todos não afrodescendentes, uma outra narrativa, uma história contada por quem conhece e sentiu todas as consequências do processo colonial e pós-colonial. Ao ocasionar um diálogo entre o campo histórico e ficcional e suscitar possibilidades de leituras e sentidos, as produções literárias afro-brasileiras fazem uso de materiais históricos e culturais já existentes para expressar uma visão de mundo singular.

Todavia, expor uma definição concreta do que seria essa produção literária voltada para discussões étnico-raciais de sujeitos negros é algo complexo. Isso em razão de que se encontra em processo de conceptualização, apresentando, até os dias que correm, uma definição propícia a modificações.

Contudo, estudiosos, escritores, pesquisadores dessa vertente literária afirmam que se trata de um arcabouço teórico-literário, cuja temática, ponto de vista estão voltados para a cultura e história afrodescendente. Ademais, dispõe de uma linguagem que se configura como fator discursivo, marcando a diferença cultural no texto literário e autores empenhados em ocupar os seus lugares de fala, denunciar o processo de exclusão e silenciamento ao qual foram colocados e enaltecer uma identidade que por muito tempo foi estigmatizada e atrelada a estereótipos.

Outra discussão que tem desencadeado opiniões divergentes entre escritores, críticos e leitores é a respeito da nomenclatura que melhor se adequa a essa vertente literária e se realmente deveriam ser utilizadas. De acordo com Souza e Lima:

Quando discutimos os vários sentidos contidos nessas expressões, utilizamos argumentos construídos a partir da literatura produzida em outros lugares, geralmente Estados Unidos, Antilhas negras e África. Em relação, por exemplo, à chamada literatura negro-africana, as pessoas quase nunca questionam a expressão, pois a consideram adequada, embora desconheçam as implicações que ela traz. No entanto, quando dizemos “literatura negra” ou “literatura afro-brasileira” em referência à produção artístico literária no Brasil, várias questões são suscitadas. (SOUZA & LIMA, 2006, p.11)

Os debates que envolvem essas expressões no Brasil surgem em razão de alguns estudiosos acreditarem na ideia de que trabalhar uma vertente literária de modo particularizado é restringi-la. Dessa forma, considera-se pertinente apresentá-la a partir de uma perspectiva geral. Acredita-se que, as expressões “negro(a)” e “afro-brasileiro(a)” correspondem a uma parte específica da literatura, descrevendo uma cultura em especial. De modo consequente, leva a conclusão de que os termos agregam temáticas específicas da cultura negra e desconsideram a cultura do povo de um modo geral, a cultura brasileira.

Outros estudiosos, no entanto, defendem que ao abordar temáticas étnico-raciais de sujeitos negros em uma literatura geral ou essas temáticas serão invisibilizadas ou serão trabalhadas a partir de perspectivas estigmatizadas. “A particularização é necessária, pois quando se adota o uso de termos abrangentes, os complexos conflitos de uma dada cultura ficam aparentemente nivelados e acabam sendo minimizados” (SOUZA & LIMA, 2006, p.12). A invisibilização citada por Souza e Lima foi representada na literatura hegemônica, a qual circula no mercado editorial e é discutida constantemente nos ambientes educacionais sem nenhuma crítica a respeito da ausência ou da presença do afrodescendente atrelada a situações vexatórias.

Verifica-se, diante disso, que atribuir a essa vertente literária o termo *Literatura Negra* ou *Literatura Afro-brasileira* é um processo que interfere diretamente na teoria literária tradicional. Portanto, abarca além de pressupostos estéticos, questões ideológicas, culturais e de poder.

Segundo os dados<sup>1</sup> catalogados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a porcentagem de pessoas negras que habitam os espaços geográficos da nação brasileira é maior do que a porcentagem de pessoas brancas ocupando este território. Entretanto, constata-se que o Brasil tem uma dificuldade descomunal em se autodeclarar como um país multiétnico de grande maioria negra. Essa dificuldade foi retratada na literatura instituída como forma de negar um Brasil popularizado por pessoas negras, como forma de negar uma identidade negra e apagar da história o processo de escravização e suas consequências.

Devido à carência de estudos voltados para a população afrodescendente, é que despontam os escritos literários designados como *Literatura Afro-brasileira* ou *Literatura Negra*. Esses termos são utilizados para representar produções literárias que apresentam características voltadas para a cultura africana difundida no Brasil e vinculada às dificuldades encontradas por esse grupo, servindo como inspiração para lutar e reivindicar o processo de exclusão legitimado pela sociedade.

Mas, *Literatura Negra* ou *Literatura Afro-brasileira*? Qual termo melhor se adequa? Enquanto a *Literatura Negra* está voltada para as histórias e culturas dos negros no Brasil, a *Literatura Afro-brasileira* está voltada para histórias e culturas dos negros que se iniciam no continente africano. De acordo com Souza e Lima:

[...] a denominação “literatura negra”, ao procurar se integrar às lutas pela conscientização da população negra, busca dar sentido a processos de formação da identidade de grupos excluídos do modelo social pensado por nossa sociedade. Nesse percurso, se fortalece a reversão das imagens negativas que o termo “negro” assumiu ao longo da história. Já a expressão “literatura afro-brasileira” procura assumir as ligações entre o ato criativo que o termo “literatura” indica e a relação dessa criação com a África. (SOUZA & LIMA, 2006, 23-24)

---

<sup>1</sup>Os dados foram catalogados no ano de 2018 a partir de pesquisas realizadas com moradores do território brasileiro e comprovaram que 56% é o percentual de pessoas que se autodeclararam negras ou pardas no Brasil e 43% é o percentual de pessoas que se identificam como brancos no país. Assim, de 207.805 habitantes que fizeram parte da pesquisa, 889.663 se reconhecem como brancos, enquanto 115.965 se reconhecem como pretos ou pardos o que, de forma conseguinte leva a conclusão de que a população negra no Brasil consiste na maioria.

Desse modo, *Literatura Negra*, assim autodenominada por estudiosos na década de 1970, é um fenômeno da diáspora negra, sobretudo, nas três américas. Nasce com a criação de movimentos que despontam nos Estados Unidos (1920), passam pelo Caribe (1930), espalham-se por outros espaços como a França (1930) com o Movimento da Negritude Francesa e chega ao Brasil no ano de 1940 com o Teatro Experimental Negro, organizado pelo escritor Abdias Nascimento.

Fenômeno de expressão da subjetividade e da experiência negra ao assumir voz de denúncia e um forte sentimento contra exclusão, o termo *Literatura Negra* foi utilizado em antologias como: *Caderno Negros* (1978), coletânea publicada pelo Quilombhoje de São Paulo; *Antologia Contemporânea de Poesia Negro Brasileira* (1982), organizada pelo poeta Paulo Colina e *Poesia Negra Brasileira* (1992), organizada por Zilá Bernd. Essas antologias, dispõem de materiais significativos, mas que dificilmente são apresentados e discutidos nos meios acadêmicos e nos programas de literatura das escolas de ensino fundamental e médio.

O termo *Literatura Afro-brasileira*, no que lhe concerne, passou a ser utilizado em antologias poéticas tardiamente e com intencionalidades que envolvem a definição mais ampla agregada pela expressão. Somente com a produção e publicação da série de número 18, *Os Cadernos Negros* adotaram os subtítulos Poemas Afro-Brasileiros e Contos Afro-Brasileiros.

Ao analisar as discussões que envolvem os dois termos o escritor e estudioso da área, Luiz Silva (2010), revalida o conceito apresentado por Souza e Lima (2006) destacando que:

[...] a expressão “afro-brasileiro” lança-nos, em sua semântica, ao continente africano, com suas mais de 54 nações, dentre as quais nem todas são de maioria de pele escura, nem tampouco estão ligadas à ascendência negro-brasileira. Remete-nos, porém, ao continente pela via das manifestações culturais. Como literatura é cultura, então a palavra estaria mais apropriada a servir como selo. (SILVA, 2010, p.18)

Diante do que foi exposto tanto por Souza e Lima (2006) quanto por Silva (2010) compreende-se que precisar o termo que se encaixa perfeitamente é uma tarefa difícil. Apesar das expressões disporem de diferenciações semânticas e contextuais, apresentam em comum um objetivo específico: explicar produções elaboradas a partir de uma consciência de pertencimento étnico-racial com a finalidade de atingir um público leitor afrodescendente, despertando uma consciência crítica para as diferenças socioculturais que permeiam a sociedade.

Optou, entretanto, por utilizar ao longo desse trabalho a denominação *Literatura Afro-brasileira*, a qual revela um processo de hibridização cultural em curso no Brasil desde a

chegada dos africanos. Trata-se de uma expressão particular de experiências diversificadas de afrodescendentes que trabalham a tradição, cultura, história que, por muito tempo, foram estigmatizadas, remetidas a situações preconceituosas e relegadas ao rol da invisibilidade, como forma de afirmar uma identidade positiva e livre de exclusão.

Conforme explicita o escritor Duarte (2008), essa vertente literária apresenta cinco critérios imprescindíveis para caracterizar um texto como afro-brasileiro e diferenciá-lo dos demais. Notabiliza-se que são critérios que se complementam e devem ser analisados de forma conjunta. Ao indagar questões como: “O que torna a escrita afro-brasileira distinta do conjunto das letras nacionais? Que elementos diferenciam e conferem especificidade à produção literária dos brasileiros descendentes de africanos?” (DUARTE, 2008, p.1), o escritor estabelece alguns elementos que podem ser utilizados como critérios de configuração dessa literatura.

O primeiro critério elencado pelo escritor e que deve ser o ponto de partida na análise de caracterização de um texto como afro-brasileiro é a temática. Os temas abordados nessa vertente literária são compostos da memória cultural e das condições sociais vivenciadas por esta parcela da população. São temas centrados no resgate da história da população negra, na diáspora brasileira, na denúncia do processo de escravidão e seus impactos, em problemas sociais, no preconceito racial, no processo de embranquecimento, entre tantos outros temas que têm assombrado os afrodescendentes desde o período escravocrata.

Ocupando a segunda posição dos critérios, destaca-se a autoria dessas produções. A ligação entre etnia do autor e autoria é um fator extremamente relevante. Desse modo, o escritor Duarte pressupõe que o afrodescendente é o sujeito mais capacitado intelectualmente e munido de informações para relatar com maestria as temáticas referentes a população afrodescendente. Logo, constata-se que não é suficiente utilizar temas que abordem questões sobre a população negra, é importante que o autor da produção textual se compreenda negro.

O ponto de vista, terceiro critério, contempla questões que já foram apresentadas tanto no critério temática, como no critério autoria. Eles se complementam. Portanto, o ponto de vista está ligado à vida e à história do afrodescendente. Nesse critério, o autor afrodescendente assume uma visão de mundo alicerçada em um conjunto de ideologias peculiares e diferente das que, comumente, são trabalhadas na literatura canônica.

O quarto critério que classifica o texto afro-brasileiro é a linguagem. Marcada por uma discursividade específica, expressões de ritmos, significados novos, esse critério intenta reverter valores que são contrários ao discurso racista. Assim, a afro-brasilidade torna-se visível a partir de uma discursividade que ressalta ritmos, entonações, opções diversificadas de

vocabulários e toda uma semântica própria empenhada em um trabalho de significação que contraria os sentidos hegemônicos da língua.

O último critério é o público leitor. O leitor afrodescendente é o público alvo da vertente literária afro-brasileira. A proposta é apresentar para uma parcela que foi excluída de todos os contextos sociais, histórico-culturais e literários da sociedade, a história contada a partir de um ponto de vista de quem conhece, sentiu e sente a discriminação racial e os efeitos do processo de negação de uma identidade negra. É uma forma de apresentar a história afro-brasileira a partir de uma perspectiva negra para negros.

Constata-se, portanto, que a vertente literária com enfoque nas experiências dos sujeitos negros, contempla uma linguagem específica para explicitar temáticas referentes à população negra no Brasil a partir de um ponto de vista afrodescendente. Ao envolver definições do que é ser negro e como isso interfere nesse tipo de produção, escritores buscam apresentar a um público leitor específico suas vozes de crítica e protesto, contra os modelos de representação das relações raciais no Brasil.

A Literatura Afro-brasileira é, portanto, um campo fértil para reflexões sobre a condição do negro e sua representação nas artes. É meio que o possibilita sair do anonimato e se conceber como aquele que tem voz e fala e não como aquele de quem se fala. A Literatura Afro-brasileira trata-se não somente de narrações sobre fatos ou de experiências vivenciadas pelo afrodescendente; como também relatos de experiências do mundo a sua volta. Conforme aborda Miriam Alves:

[...] consiste numa prática existencial para os seus produtores, que ressignifica a palavra **negro**, retirando-a de sua conotação negativa, construída desde os tempos coloniais, e que permanece até hoje, para fazê-la significar autorreconhecimento da própria identidade e pertencimento etnicorracial (Alves, 2010, p.42).

A Literatura Afro-brasileira surge, no Brasil a partir do século XIX, com escritores como Domingos Caldas Barbosa, Cruz e Sousa, Lima Barreto, Luís Gama, Maria Firmina que se dedicaram a apresentar as formas de reivindicações dos afrodescendentes. Já no século XX surgem autores como Muniz Sodré, Solano Trindade, Joel Rufino dos Santos, Geni Guimarães, Conceição Evaristo, Edmilson Pereira, Adão Ventura, entre outros autores.

No entanto, é com o surgimento dos *Cadernos Negros* do grupo Quilombhoje, que desde 1978 publica volumes anuais de prosa e poesia, que a literatura Afro-brasileira atingiu seu mais elevado ponto de crítica. Os *Cadernos Negros* são coletâneas que contém diversos autores negros de diferentes regiões do Brasil que custeiam suas publicações.

Os *Cadernos Negros* caracterizam-se como a coleção que descortina escritos críticos e reflexivos, desvendando como a criação literária desses intelectuais expressa o pertencimento étnico-racial como enfoque principal de suas obras. A escrita afro-brasileira é utilizada como ferramenta de produção teórica que embasa questões relacionadas à raça, à classe, ao gênero e à sexualidade presentes nos textos afro-brasileiros e ganha visibilidade por meio da ininterrupta publicação *Cadernos Negros*.

Tendo em vista, portanto, a importância dessa literatura para subverter o apagamento que os negros foram submetidos durante muito tempo, é que surgem diversas obras, as quais trazem outras representações e evidenciam a necessidade de que a literatura seja mais plural e menos excludente. Dessa forma, a Literatura Afro-brasileira foi adquirindo o seu espaço, ressignificando conceitos e desconstruindo estereótipos negativos associados à imagem dos negros, que raramente ocupavam papéis de protagonistas nas produções artísticas e literárias e, quando eram apresentados, quase sempre carregavam certos estigmas.

Durante muito tempo, a história contada a partir do ponto de vista dos colonizadores foi e ainda é gatilho emocional negativo para muitos que há ouvem. A partir dessas histórias fundamentadas em ideias racistas sucederam inúmeras sensações, emoções nos negros como a crise de identidade, por exemplo, e a busca por um ideal de embranquecimento inatingível.

Foi quando surgiu a importância e urgência de contar um outro viés da história, de narrar a história a partir do ponto de vista da população afrodescendente. Dessa forma, surgem os escritores, historiadores, pesquisadores interessados em desconstruir a visão racista apresentada pelos colonizadores.

Com a Literatura Afro-Brasileira o discurso que apresenta a população negra através de estereótipos é minimizado diante de histórias encantadoras, comoventes, admiráveis, delicadas, deletáveis e cheias de conhecimentos imprescindíveis. Através de livros dessa vertente literária é possível conhecer, compreender e difundir histórias, culturas, tradições que foram invisibilizadas ou excluídas do imaginário cultural. Com a leitura de obras Afro-brasileiras é possível averiguar que durante todo o processo de escravização e até os dias atuais os afrodescendentes buscam incansavelmente formas que possibilitem mudar a sociedade racista na qual estão inseridos, estão resistindo a toda tentativa de opressão e lutando por sobrevivência.

## 2.2 A ESCRITA AFRO-BRASILEIRA EM DIREÇÃO OPOSTA AO RACISMO

Falar de racismo na sociedade brasileira é de forma concomitante ouvir que esta caracteriza-se como uma sociedade democrática racialmente. Acreditar e difundir essa ideologia foi uma das formas que os dominadores encontraram para camuflar o racismo e a dominação de classes recorrentes no Brasil. Logo, a difusão do conceito de democracia contribui para preservação de regalias de uma minoria social e descarrega o sistema político do comprometimento de elaborar meios que modifique a situação da população negra no país.

Assim expressões como: “no Brasil não existe preconceito”; “o Brasil é um país antirracista”; “o preconceito está na sua cabeça”; “o Brasil é um país, onde impera a democracia racial”, são ditas por pessoas que acreditam na falácia de que todo o processo de escravização foi necessário e que a desigualdade racial não existe. Pessoas que, cotidianamente, difundem práticas racistas sejam elas verbais, físicas ou psicológicas de forma camuflada, fazem vítimas, provocando crises de identidade ou, até mesmo, contribuem para o aumento do índice de pessoas negras mortas no Brasil.

Vista por muitos como um processo quase ausente de conflitos entre dominadores e dominados e importante para a constituição do povo brasileiro, a escravidão da população negra, caracteriza-se como o fator inicial no desenvolvimento e difusão da segregação racial. Falar sobre preconceito racial e os mecanismos que interferiram e interferem nesse processo é lembrar que na história, os africanos, afrodescendentes foram vítimas de um regime escravocrata, o qual motivou uma pretensão em anular qualquer possibilidade de a população negra ser considerada como seres humanos.

Espalhados pelo mundo contra suas próprias vontades, retirados de suas casas, familiares, terras, lares de forma brutal e desumana, os africanos não trouxeram consigo nada além de memórias, lembranças de histórias que foram interrompidas por pessoas que os viram como mercadorias, animais que poderiam e deveriam ser prisioneiros de um trabalho escravo. Prisioneiros de um processo desigual, que mesmo depois de séculos da instituição da então sonhada “liberdade”, ainda impera no meio social brasileiro.

O termo “liberdade” escolhido para nomear o período pós-abolicionista, o qual permitiu aos negros que sobreviveram ao trabalho escravo “independência” e “autonomia” para continuarem suas vidas “livres” dos mecanismos da escravidão, não contemplou nenhuma das definições estabelecidas para a palavra liberdade. A possibilidade de ir e vir, o livre arbítrio, autossuficiência não foram mecanismos fáceis de serem alcançados.

Após ser decretada a falsa liberdade, não existiram sistemas de políticas públicas que integrassem os africanos e seus descendentes na sociedade por meio de direitos humanos como moradia, saúde, alimentação, educação e posições no mercado de trabalho. Permanecendo a tentativa de controlar a circulação do afrodescendente em locais que não eram permitidos. Souza (2006) explica esse fato afirmando que:

A legislação brasileira procurava [...] determinar locais e momentos em que era permitido ao afrodescendente circular pelos espaços urbanos e, mais do que isso, deixar patente que a abolição da escravatura não lhe outorgava direitos de cidadão comum. Assim, do mesmo modo que persistia quase invisível no campo das configurações do perfil nacional, o negro deveria permanecer invisível e ausente de certos espaços sociais tidos por exclusivamente destinados aos “brancos”. A “invisibilidade do afrodescendente adquire formatos variados na vida pública e privada, nos setores econômicos e político-sociais. (SOUZA, 2006, p. 34)

Nota-se diante do que foi mencionado por Souza (2006) que os negros saíram de um sistema escravista e entraram em um sistema de prisão e exclusão social. Saíram das senzalas, galpões escuros e úmidos para se aglomerarem em morros periféricos, trabalharem sem remunerações justas e que lhes permitissem os direitos e comodidades dignos a todos os cidadãos.

Todavia, mesmo diante de situações que não favoreceram em nada aos negros, eles continuaram tentando seguir, prosperar e reconstruir o que deles foram retirados: o tempo e a oportunidade de continuar suas histórias, culturas e tradições. Mesmo com a implementação de políticas públicas e mecanismos de controle social repressivo de mera inserção, mínima sobrevivência, os afrodescendentes resistem, cotidianamente.

Por meio de lutas pelo reconhecimento social e pelo exercício pleno da cidadania conseguiram resistir e batalhar por mudanças para as situações que lhes foram impostas. Estão conseguindo mudar a história que foi contada a partir do ponto de vista dos dominadores com o intuito de explicitar que a população negra foi e é símbolo de resistência, intelectualidade, força, coragem. Conforme destaca Albuquerque (2006):

A continuidade de associações nascidas no século XIX e o surgimento de outras, nas primeiras décadas do século XX, são a mais viva demonstração da participação política negra. Por meio delas, ativistas negros desenvolveram ações de combate à discriminação racial e formularam diversas propostas de inclusão social da população afrodescendente. (ALBUQUERQUE, 2006, p.78)

Essas reivindicações ganharam forma com a criação de Movimentos Negros que explicitaram o que é ser negro no Brasil, as referidas ações contribuíram significativamente na reconstrução da dignidade da população negra, no reconhecimento de uma autoestima positiva e possibilitou debates a respeito da proliferação do racismo alicerçada em um ideal de embranquecimento.

Surge, desse modo, o TEN (Teatro Experimental do Negro), fundado em 1944 e organizado por Abdias do Nascimento. O TEN despontou com a finalidade de contestar o racismo e a discriminação racial, formar atores e dramaturgos afro-brasileiros, além de viabilizar o enaltecimento de suas tradições e culturas.

As reivindicações propiciaram, também, a abertura de jornais que possibilitaram os escritores negros produzirem e noticiarem textos afro-brasileiros. Esses textos tinham como finalidade explicitar a condição do negro no Brasil ao denunciar os problemas sociais enfrentados por esse grupo nas diversas áreas e esferas. Surgem jornais como o *Quilombo*, o qual foi organizado e fundado por Abdias do Nascimento e ocasionou um avanço considerável para os Movimentos Negros ao propiciar a conquista de uma autoestima negra fincada em pilares positivos e do reconhecimento da população afrodescendente.

Em 1970, desponta o movimento de mulheres negras, organizado por Lélia Gonzalez, uma das primeiras mulheres ativista a ressaltar a importância de organizações voltadas para questões femininas. O propósito desse movimento era debater as peculiaridades da discriminação racial entre mulheres e homens. Em 1979, surge o *Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial* (MUCDR), denominação posteriormente modificada e reduzida para *Movimento Negro Unificado* (MNU), cujo propósito era unir as várias demandas reivindicatórias dos afrodescendentes contra a discriminação racial.

Muitos outros movimentos organizados pela população negra, na segunda metade da década de 1970, foram de grande valia para mudar a condição do negro na sociedade. Todas essas lutas, resistências e negociações permitiram que partidos políticos revissem suas ideologias a respeito do tema racial, ocasionando que grandes conquistas políticas fossem alcançadas.

Entre elas encontram-se propostas antirracistas e de inclusão como as Leis 7.716/1989, importante progresso na luta contra o preconceito racial ao considerar crime qualquer manifestação direta ou indireta de segregação, exclusão e racismo e a Lei 10.639/2003, a qual sofreu alterações e foi acrescida da Lei de nº 11.645/2008, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Africana, Afro-Brasileira e Indígena. Além da implementação de cotas sociais, que possibilitam a inclusão do aluno negro nas universidades.

Verifica-se que com muito esforço, reivindicações, exigências, algumas conquistas foram alcançadas, no entanto nenhuma delas foram suficientes para findar a segregação que ocasiona o preconceito racial, prática explícita e gritante no Brasil. Nenhum dos mecanismos políticos cedidos por meio de muita persistência da população negra foram suficientes para mudar o processo histórico-cultural de discriminação que a conduz a condições desiguais em diversos ambientes.

Por meio de dados catalogados em 2018 pelo IBGE, constatou-se que nos aspectos moradia, trabalho e educação há uma predominância do afrodescendente em condições desfavorecidas. Isto devido ao fato de os direitos da população negra não serem considerados como primordiais e relevantes para suscitar discussões e análises.

À vista disso, averigua-se que há uma predominância majoritariamente branca nos aspectos positivos, como ocupações em trabalhos sejam eles formais ou informais, em espaços de moradias próprias com coleta de lixo, abastecimento de água por rede geral, esgoto sanitário por rede coletora ou pluvial e uma educação de rede privada de excelente qualidade, que permite a população branca adentrar nos ambientes universitários públicos com facilidade. Os negros, no entanto, na maioria dos casos, ocupam comunidades periféricas, nas quais, dificilmente há coleta de lixo, esgoto sanitário e abastecimento de água por rede geral.

A população negra possui também uma educação sucateada que permite os negros, em situações raras, adentrarem ambientes de ensino superior e ocuparem cargos de trabalhos considerados como formais. De acordo com Souza (2006):

Em determinados papéis, a presença do afrodescendente é “naturalizada”; na maioria das cidades brasileiras vê-se como “normal”, por exemplo, um número majoritário de negros exercendo funções de subalternidade em empregos de baixa remuneração, circulando pelo centro da cidade e pelos chamados bairros nobre no exercício de tais funções, situações em que quase não são notados como pessoas, fazem parte do cenário – são invisíveis. (SOUZA, 2006, p.35)

Não ficam dúvidas de que existe uma segregação hierárquica no país que, além de colocar afrodescendentes em situações marginalizadas, interfere diretamente na construção de uma identidade positiva, resultando em uma autoestima negativa. Fica evidente que a ideia de democracia racial não passa de um mito, de uma falácia que torna o preconceito racial velado, mas não extinto. Logo, cotidianamente, termos como preconceito racial, racismo ou discriminação racial fazem parte do seio familiar, e, até mesmo, da escola, ou de qualquer outro grupo social do qual estejam presentes negros e afrodescendentes.

O racismo se configura como um julgamento perigoso que pode desencadear situações complicadas e, até mesmo, violentas. Isto em razão de que em uma sociedade racista, a discriminação racial caracteriza-se como uma prática de poder utilizado historicamente para separar e dominar etnias.

Infelizmente, “no Brasil, o racista acaba sendo concebido como um ente sem consistência concreta, um fantasma que, vez ou outra, resolve atacar os negros” (CUTI, 2010, p.11). Logo, verifica-se que o racismo velado, aquele que existe, mas não é reconhecido, é uma prática considerada como insignificante e recorrente no meio social. É uma atitude, comumente, diagnosticada como não ofensiva e muitas vezes caracterizada como vitimismo, passando despercebida por quem pratica e presencia tal atitude.

O racismo é um ato desumano, uma construção perversa que impacta de forma negativa a vida de pessoas negras. É uma construção da classe hegemônica com objetivos de impossibilitar a mobilização das pessoas negras, a tomada de consciência dos privilégios da população branca, uma construção identitária fundamentada em histórias e culturas étnico-raciais afrodescendente e desencadeia, na maioria das vezes, nos sujeitos negros o sentimento de inferioridade.

Através do racismo, a população branca humilha a população negra. Rejeita suas histórias, culturas, tradições e identidades. Por esta razão, os Movimentos Negros e todas as conquistas adquiridas por meio de muitas lutas e resistências, como por exemplo a Literatura Afro-brasileira, são indispensáveis para desestruturar o sistema racista que insiste em se manter no meio social.

É extremamente importante desconstruir as ideologias racistas ainda difundidas e praticadas. E a Literatura Afro-brasileira é um dos caminhos. Por meio da Literatura Afro-brasileira, é possível que tanto a população negra quanto branca se desvencilhe da “história única”, como afirma a escritora Chimamanda Ngozi Adichie<sup>2</sup> (2012), e conheça e reconheça as histórias que foram invisibilizadas ou excluídas ao longo do tempo. A Literatura Afro-brasileira é, portanto, uma das estratégias exitosas na luta de combate ao racismo e de conhecimento e reconhecimento dos modos de ser, pensar, sentir e agir dos afrodescendentes.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EC-bh1YARsc>. Acesso em: 11 de maio de 20.

### 2.3 O RECONHECIMENTO DA IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL DE SUJEITOS NEGROS

O afrodescendente foi a mão de obra predominante que contribuiu significativamente na produção da sociedade e da riqueza brasileira. Todavia, a ele foi negado o reconhecimento de participação ativa na construção da história e cultura do país. Com isso, ao longo da história literária, as representações da realidade explanadas, principalmente nas obras canônicas foram fundamentadas em ideologias hegemônicas, elitistas, machistas, racistas e preconceituosas.

Nas obras canônicas, a situação social do afrodescendente foi explanada, impossibilitando qualquer apresentação da luta e resistência da população negra para romper as barreiras que a discriminação impõe as suas trajetórias de vida. Assim, mulheres negras e homens negros foram excluídos da vertente literária canônica ou apresentados de formas estigmatizadas por pessoas que não vivenciavam os impactos negativos que é estar alheio as regras, aos padrões estabelecidos e adotados pela sociedade hegemônica.

Na literatura canônica, o homem negro foi retratado como operário, malandro do morro/periferia, ladrão, traficante, menino de rua, alcólatra, dependente químico, vendedor ambulante, vítima dos desmandos da polícia, violento, morador de rua. A literatura canônica retratou o homem negro em segmentos subjugados pelo trabalho duro, de menor renda, inaptos para cargos de prestígio, desprovidos de qualquer intelectualidade.

No livro *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*, do escritor Mário de Andrade, o personagem protagonista que possui o mesmo nome do título da obra é inicialmente caracterizado pelo autor como um “Herói de nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite.” (ANDRADE, 1928, p.2). No entanto, ao longo da narrativa, Macunaíma passa por transformações que possibilitam ao personagem se tornar um sujeito branco.

Mário de Andrade ao colocar um personagem negro como protagonista da sua obra o destituiu de valores e sentimentos humanitários e o faz adotar o ideal de embranquecimento como mecanismo de aceitação, uma vez que esse processo é colocado em prática quando Macunaíma se desloca do ambiente onde habitava, desde a infância, para São Paulo. Com isso, “O texto deixa à mostra seus fundamentos racistas.” (DUARTE, 2013, p.147). A partir do momento em que o protagonista Macunaíma adota o embranquecimento, são reiterados estereótipos e concepções racistas difundidas e sustentadas na sociedade.

Ainda na literatura canônica, a mulher negra, no que lhe concerne, é retratada como empregada doméstica, balconista, mulher da noite, costureira, dona de casa, com a formação escolar incompleta, rodeada pela miserabilidade, falta de oportunidades dignas e, quase sempre,

é objetificada e está vinculada a características exóticas. A representação da mulher negra através do exótico saiu do imaginário coletivo da população brasileira e encontrou raízes na literatura canônica.

Um dos exemplos clássicos de representação exótica da mulher negra é a personagem Gabriela do livro *Gabriela cravo e canela*, do escritor Jorge Amado. Gabriela é uma mulher negra vista como mulata e descrita com características que subalternizam os sujeitos negros. Em busca de melhores perspectivas, Gabriela passa pelo processo de migração, é explorada pelo mercado de trabalho precário, sofre assédio em razão da sua sensualidade vista como irresistível, e também é caracterizada como imoral e irresponsável.

Verifica-se, dessa forma, que ainda que a personagem protagonista da obra *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter* seja um homem negro e a personagem protagonista da obra *Gabriela cravo e canela* seja uma mulher negra, tanto o homem negro como a mulher negra estão atrelados a estereótipos que ratificam o racismo e demarcam as diferenças. Assim, o homem negro e a mulher negra, ainda que presentes na literatura canônica, são silenciados, invisibilizados, subalternizados e destituídos de qualquer sentimento humanitário.

A sociedade brasileira é composta por 56% de pessoas negras, sendo a maioria da população. No entanto, quando se fala em literatura canônica a população branca ocupa a maioria dos papéis disponíveis, enquanto a população negra, quando aparece, carrega certos estigmas. No ano de 2005, a escritora Regina Dalcastagné, realizou uma pesquisa, descrita no artigo intitulado *A personagem negra na literatura brasileira contemporânea*, na qual analisou 258 romances brasileiros contemporâneos publicados entre os anos de 1990 e 2004.

Ao catalogar os dados necessários para a pesquisa, Dalcastagné constatou que os personagens do romance contemporâneo são brancos. Em 56% dos livros publicados durante os anos de 1990 e 2004 não há presença de personagens negras e em apenas 1,6 não há personagens brancas. Nos livros analisados, a escritora averiguou que os negros correspondem 5,8% das personagens protagonistas, 2,7% de narradores e 8,7% dos personagens coadjuvantes. Portanto, na literatura canônica é detectável a ausência de personagens negros e autores negros. Não há nesse campo literário uma pluralidade étnica.

Ao negar características positivas à população negra, o sistema racista instaurado na literatura canônica exclui o afrodescendente que ocupa posições privilegiadas. O negro bancário, médico, advogado, promotor, juiz, doutor, dono de micro e macro empresas, professor, universitário e várias outros cargos que são ocupados pela população afrodescendente são inviabilizados. Essa invisibilidade influencia negativamente no processo de construção e reconhecimento da identidade étnico-racial da população negra.

No período diaspórico, com a junção de povos dos variados países presentes no continente africano houve um processo de hibridização de culturas, o qual foi inferiorizado em razão de uma cultura padrão nacional. Por esta razão, a identidade da população negra possui características complexas. Munanga (1999) destaca que a formação da identidade nacional brasileira esteve ligada a práticas eugenistas com o intuito de embranquecer a sociedade. O ideal de embranquecimento ocasionou a desvalorização de elementos que compõem a identidade étnico-racial da população afrodescendente.

Com o ideal de embranquecimento, a cor negra e tudo que a ela está associado foram ligados à situação pejorativas. Devido a isso, elementos que compõem a identidade afrodescendente foram e ainda são alvos do racismo. A cor da pele, o tipo de cabelo, formato do nariz, tradições e outras infinitudes de elementos foram vistos na sociedade a partir de perspectivas negativas.

A construção identitária se estabelece como um sentimento de identificação e pertencimento de uma herança racial peculiar de determinado grupo. É uma espécie de resultado adquirido através de contextos históricos, culturais e sociais a proporção em que o sujeito estabelece relações com o meio e o outro. A identidade consiste, portanto, em um processo que está para além de uma construção pessoal.

De acordo com Hall, a identidade “não se desenvolve naturalmente a partir do interior do núcleo do ser da criança, é formada em relação com os outros e o meio” (HALL, 2006, p. 37). Diante disso, destaca-se que a partir da leitura do texto literário afro-brasileiro, o leitor não só estabelece relação com os personagens, uma vez que ele tende a se identificar com as histórias narradas nessa vertente literária, bem como adquire conhecimentos que possibilitam a formação e o reconhecimento da identidade étnico-racial afrodescendente e desconstruem as imagens negativas apresentadas na literatura canônica.

Na Literatura Afro-brasileira os personagens negros saem do papel de meros coadjuvantes e passam a ocupar papéis de protagonistas de suas próprias histórias, protagonistas com direito a voz e que fazem de suas vozes instrumento de luta e resistência. É a literatura que possibilita aos escritores negros ressignificar as formas de preconceitos raciais ainda presentes na sociedade. A escrita com um olhar caracterizado pela negritude implica diretamente na crítica à formação identitária.

Ao ocuparem os seus lugares de fala, os escritores afro-brasileiros “juntamente a cultura de massa e a cultura popular atacaram o campo literário e reivindicaram para si a possibilidade de tematizar, no interior deste campo, questões e problemas sociais” (SOUZA, 2006, p. 8). Os escritores negros reivindicaram o direito de falar sobre suas vivências, familiares, amores,

dores, angústias, fatos históricos e feitos daqueles que agiram ativamente, lutaram e lutam por direitos igualitários.

A partir da intelectualidade, autonomia, reconhecimento e consciência do ser negro, a população afrodescendente tem rompido os limites impostos, driblado o racismo e ratificado a importância de reconhecer a identidade étnico-racial negra. Portanto, urge a necessidade dos escritos da Literatura Afro-brasileira fazerem parte de todos os ambientes sociais, principalmente, do acervo bibliotecário das escolas. Do mesmo modo, é imperiosa a necessidade de que esses escritos sejam de conhecimento de todos e que as vozes, antes silenciadas e afastadas do universo literário, sejam ouvidas e reconhecidas.

Nas produções afro-brasileiras, os escritores explicitam que assumir-se negro é compreender e ter consciência da importância de se dissociar de qualquer conceito ou ideologia que vincule o termo negro a significados e ações elaborados e difundidos por um processo de escravização. É entender que ser negro é ser luta e resistência diante de práticas hegemônicas e compreender a participação coletiva em atividades importantes na construção social.

Tendo em vista, portanto, a relevância e necessidade de se trabalhar temáticas étnico-raciais, cita-se como uma das possibilidades críticas que fomenta discussões significativas sobre identidade étnico-racial a obra *A cor da ternura*, de Geni Guimarães. Autora negra, defensora dos direitos de igualdade a todos os gêneros e raças, expõe conflitos raciais de forma reflexiva, questiona a literatura instituída e combate o racismo de maneira simples e potente.

A escritora Geni Guimarães explicita que na sociedade brasileira nunca existiu a possibilidade de negros e brancos serem tratados como iguais, que o racismo, ainda que velado, existe e é uma prática cruel que não deixa marcas explícitas na sociedade como um todo, mas deixa marcas profundas na vítima. Com o livro *A cor da Ternura*, Guimarães mobiliza o público leitor afrodescendente para a compreensão de que a reconstituição e valorização da identidade da população negra se dá no sentido de resistir e lutar contra o preconceito racial e, sobretudo, contra o racismo.

### **3 A COR DA TERNURA: UMA HISTÓRIA DE AUTORRECONHECIMENTO DA MULHER NEGRA**

Através da arte da palavra conhecimentos diversos que permeiam a população negra são explanados na Literatura Afro-brasileira como forma de despertar a capacidade crítica e reflexiva do seu público-alvo para o mundo que o cerca. Quando o afrodescendente ocupa a posição de escritor, ele não só quebra os limites que estabelecem os lugares designados, o de subalternidade e invisibilidade, como também ocupa a posição de afrodescendente autoidentificado com fatores histórico-culturais africanos e afro-brasileiros.

#### **3.1 POR GENI GUIMARÃES: UM ENLACE ENTRE AUTOBIOGRAFIA E FICÇÃO**

Na categoria de escritores afro-brasileiros que buscam rever as histórias contadas pela classe hegemônica e explanar outros vieses apresenta-se Geni Mariano Guimarães, escritora que mescla biografia e ficção como forma de explanar os modos de ser, ver, agir, sentir e pensar da população negra na sociedade brasileira. Mulher negra pertencente a uma família de classe média baixa, Geni Guimarães é a penúltima de doze filhos do casal Benedito Mariano de Camargo e Sebastiana Rosa Camargo. Nasceu em 8 de setembro de 1947 no interior de São Paulo, em uma fazenda intitulada Vilas Boas localizada no município de São Manuel.

Geni Guimarães cursou da primeira à quarta série em uma escola mista e foi aluna do ginásio após se mudar para a cidade com a família, uma vez que a escola da fazenda onde moravam não dispunha do curso de magistério. Desse modo, estudou da quinta à oitava série e o magistério no Colégio e Escola Normal Barra Bonita (CENE). Guimarães cursou também Letras na IMES (Faculdade Localizada na Cidade de São Manuel) e antes de atuar como professora e escritora trabalhou como babá e empregada doméstica.

Professora engajada na luta contra o preconceito racial direcionado a pessoas negras, Geni Guimarães iniciou a sua luta contra o racismo desde os primeiros momentos de compreensão de mundo. Criança dotada de uma inteligência desmedida, desde cedo percebia o sistema opressor que é a sociedade brasileira, e, à proporção que se tornava vítima desse processo, resistia e persistia para quebrar as barreiras que lhe mantinham aprisionada a esse sistema.

Em determinando momento da fase infantil, assim como várias outras crianças, Guimarães deixou a imaginação aflorar e sentiu a necessidade de se comunicar com os animais. Essa necessidade surgiu em razão do nascimento do irmão, o qual ocasionou que as atenções

de todos os integrantes da família se voltassem para o mais novo integrante. Com a sobrecarga do nascimento do irmão, todos se mantinham ocupados o tempo todo. Com isso, a autora ficou em segundo plano.

Sentindo-se sozinha, Guimarães encontrou refúgio no mundo animal. Começou a passar grande parte do dia se comunicando com aranhas e outros bichos que encontrava, mantendo contato com as pessoas só em caso de extrema necessidade. Certa vez, a autora se viu comovida com uma barata morta sendo carregada por formigas. De imediato, ela se sensibilizou com a situação e decidiu acompanhar o “enterro” da barata, retornando para casa somente ao anoitecer. Esse fato foi descrito no Livro *A cor da Ternura* (1998) e em 1988 narrado na IV Bienal Nestlé de Literatura. A narração no evento da Bienal não só possibilitou a autora maior visibilidade ao seu trabalho como ocasionou a publicação do livro *Leite do Peito* (1989).

Antes mesmo de adentrar o ambiente educacional, Geni Guimarães dedicava parte do seu tempo para apreciar algumas poesias, histórias dispostas em livros e jornais que encontrava em casa. Com sete anos de idade, ao fazer parte da comunidade escolar, local que a levou a um caminho de encantos e desencantos, descobriu, após escrever um poema, que tinha habilidade para a escrita. Com a fase adolescente adveio a oportunidade de a autora ser colaboradora dos jornais *Debate Regional* e *Jornal da Barra*, os quais viabilizaram a publicação de seus contos, poemas e crônicas.

Em 1979, o primeiro livro escrito e intitulado de *Terceiro Filho*, foi editado e publicado por meio de muito esforço devido aos problemas econômicos que ainda permeavam a família. No lançamento deste livro, estiveram presentes alguns conhecidos e, principalmente, aqueles que duvidaram da competência e intelectualidade de Guimarães. Com essa obra a autora ficou conhecida pela crítica de intelectuais negros e passou a ter contato com outros escritores afrodescendentes. Com uma escrita mais decisiva e segura, publicou dois contos no volume de n. 4 da série dos *Cadernos Negros* e lançou mais um livro de poemas denominado de *Da flor o afeto* em 1981.

Desde muito cedo, Guimarães estabeleceu uma relação com a literatura, devido à ligação de amor e afeto que possuía com a mãe, que era repentista, sua sensibilidade poética foi despertada, ainda na fase infantil e, desde então, de modo subliminar e subjetiva, Guimarães explana, por meio da prosa e da poesia, a sua trajetória e as vivências de todo um grupo étnico que se vê representado nos escritos da autora. Ao estabelecer uma relação afetiva com a literatura, que se iniciou através do processo de contação de histórias, que ocorriam em sua casa, passando pelo o hábito de leitura e pela criação de versos poéticos, Guimarães agrega a sua escrita o arcabouço histórico e cultural afro-brasileiro.

Por meio do contato com temáticas presentes na Literatura Afro-brasileira foi possível ter uma escrita mais definida, uma vez que a autora se identificou com os temas trabalhados e abordados nessa vertente literária. A partir de então, passou a fazer parte de grupos de antologias e a ser convidada para participar de eventos culturais, os quais buscavam enaltecer escritoras negras e escritores negros que se dedicavam a escrever sobre vivências da população afrodescendente como forma de denúncia e resistência.

Todos esses grupos e eventos alavancaram a carreira de Geni Guimarães e ela passou a ser vista não só nacional como internacionalmente. Dentre esses eventos encontram-se a antologia *Schwarze Poesi*, Alemanha Ocidental e Bienal Nestlé de Literatura, que ocasionaram o convite da Secretaria da Cultura de Colônia, onde explanou seus trabalhos no projeto “As diferentes faces da América Latina – Encontro com autores de cinema brasileiros”, em novembro de 1988.

Em 1987, Guimarães publicou a primeira edição do livro *A cor da Ternura*, o qual recebeu o prêmio Jabuti, em 1990, e o prêmio Adolfo Aisen, em 1992, pela Academia Brasileira de Letras. Com a presença e atuação da autora no evento organizado pela Bienal, a Fundação Nestlé, reconhecendo o seu potencial e competência, publicou o livro de contos *Leite do Peito*, em 1988.

Além das produções mencionadas, Guimarães escreveu e publicou: *Balé das Emoções* (1993); *A dona das folhas* (1995); *O rádio de Gabriel* (1995); *Aquilo que a mãe não quer* (1998). Para mais, participou também de algumas antologias, das quais destacam-se *A Antologia contemporânea da poesia negra brasileira* (1982); *Antologia de poetas negros brasileiros* (1986); *O negro escrito: apontamentos sobre a presença do negro na literatura brasileira* (1987); *Poesia Negra* (1988). E até os dias que correm, a autora tem participado de palestras em diversas capitais brasileiras e também no exterior.

Em 03 de setembro de 2020, a Balada Literária, evento que ocorre anualmente desde 2006, realizou uma edição online, na qual a escritora Geni Guimarães foi homenageada. Nesse evento ocorreu um bate-papo com as escritoras Geni Guimarães, Conceição Evaristo, a cineasta e escritora Day Rodrigues e a educadora social Bel Santos Mayer, e foi transmitido um documentário, produzido e dirigido por Day Rodrigues. No documentário, são explanados fatos que fazem parte do cotidiano de Guimarães e apresentados alguns dos integrantes que atualmente compõem o seu ciclo familiar, estando entre eles: dois filhos, netos, sobrinhos e a irmã Cema.

No documentário Geni Guimarães explicita a relação afetuosa e terna que mantém com seus familiares, em especial, com a irmã Cema. Fala também sobre os impactos negativos que

o racismo deixou em sua vida e relata alguns acontecimentos que ocorreram ao longo da sua trajetória como o desejo de conhecer o mar, que mais tarde foi realizado com o apoio do escritor Cuti. Esse desejo foi narrado no livro *A cor da ternura* (1998).

Para Guimarães, o processo de escrita viabiliza externar os seus princípios, conceitos, ideologias, ocupar o seu lugar de fala e explicitar histórias, culturas e a identidade étnico-racial de sujeitos negros a partir de uma ótica positiva. Por meio de uma escrita engajada, a autora, além de expor conflitos raciais de maneira reflexiva e crítica, apresenta em seus escritos personagens negros autônomos e resistentes, além de evidenciar o que é ser negro em uma sociedade, na qual a ideia de democracia racial ainda se faz presente como forma de camuflar todo o racismo destilado.

Desse modo, caracterizados como escritos fundamentados em uma representação feminina negra dissociada de toda e qualquer forma de arquétipos negativos, alguns textos de Guimarães são considerados como autobiográficos, uma vez que ela assume o papel de sujeito enunciador da sua própria história ao narrar as suas vivências. Tratam-se também de escritos que se revestem de tons de protesto contra o preconceito racial e possuem como um dos focos principais a valorização de histórias, culturas e a identidade étnico-racial de sujeitos negros.

Ao longo da sua trajetória, Guimarães passou por um processo de autoestima negativa muito grande. Até chegar a uma autoafirmação de sua identidade negra percorreu um longo caminho de dificuldades, persistência, coragem, força e combate de práticas racistas. Em razão disso, a autora destaca a importância do trabalho voltado para culturas e histórias afro-brasileiras com crianças negras e, principalmente, com crianças brancas, uma vez que são as crianças brancas que tendem a difundir e sustentar o preconceito racial.

Destaca-se, portanto, que Geni Guimarães é uma escritora afro-brasileira de contos, poesias, crônicas e romances, professora engajada na luta contra o racismo, mulher negra que ao entrelaçar biografia e ficção busca explicar o processo de invisibilidade e inferioridade da população negra. Vítima das variadas práticas de racismo violentos, principalmente, da primeira à quarta série, somente após se autoidentificar como uma mulher negra consciente e conhecedora dos elementos de raízes africana e afrodescendente, Guimarães aprendeu a amar a sua cor e passou a se perceber como uma mulher negra confiante e autossuficiente.

A Literatura Afro-brasileira se constitui de produções que dispõem de uma subjetividade construída, experimentada, vivenciada por mulheres negras e homens negros. Dentro desse contexto, surge o livro *A cor da Ternura* (1998), o qual pode ser lido como uma espécie de autobiografia ficcionalizada da autora, uma vez que ao descrever todos os seus percursos de dores, alegrias, angústias, lutas, resistência e superação, aliando realidade e ficção de modo

excepcional, Guimarães chama atenção do leitor para uma ficção, cuja elaboração está embasada a partir de fatos fixados em uma dada realidade.

Ao retornar o passado e rememorar fatos que marcaram a sua trajetória da infância a vida adulta e narrativas de pessoas que direta ou indiretamente fizeram parte dessa trajetória, Guimarães transforma os momentos familiares, no ambiente educacional, com amigos e conhecidos em uma narrativa literária. Desse modo, a autora estabelece um diálogo entre realidade e ficção, fazendo da sua narrativa de vida uma representatividade e inspiração para todos que se debruçam sobre o livro *A cor da ternura* (1998).

A memória e a arte literária comungam entre si como forma de denunciar o sistema racista e opressor que acomete os negros, cotidianamente. Todavia, destaca-se que ainda que Guimarães tenha estabelecido um elo entre realidade e ficção, explanando no livro um retrato fiel da sua trajetória, ao apresentar essa trajetória por meio de uma narrativa literária, ela faz uma recriação de um passado que mesmo estando vivo em suas memórias, dificilmente seria retratado fidedignamente, o que torna a obra *A cor da Ternura* (1998) uma autobiografia ficcionalizada.

Ao explicitar uma visão distanciada de si mesmo e ocupar a posição de telespectador da sua própria história para analisar a sua narrativa com o olhar de fora e reconstruir as lembranças do passado a partir de uma perspectiva subjetiva, apresentando interferências de ideias, princípios, conceitos do momento presente, Guimarães possibilita que a realidade seja filtrada pela ficção. Constata-se, portanto, que a trajetória da escritora Geni Guimarães e da protagonista Geni estão interligadas e se configuram como uma representação positiva para os leitores afrodescendentes.

Ao fazer uma construção intertextual de fatos passados, Guimarães presentifica a mulher negra apresentando-a como um sujeito autônomo, sonhador, persistente, resistente. Uma mulher negra que mesmo diante das várias situações racistas e preconceituosas continuou lutando não só para sair dos lugares e cargos designados a população afrodescendente, como também para inspirar, motivar milhares de crianças, jovens, e adultos afrodescendentes que se vêm representados pela história apresentada no livro *A cor da Ternura* (1998). Com isso, Guimarães (re) constrói a imagem do ser mulher negra na sociedade.

Assim, notabiliza-se que partir dos escritos de Geni Guimarães e de vários outros caracterizados como Literatura Afro-brasileira é possível mudar a história que foi sustentada e contada pelos colonizadores e, de forma conseguinte, mudar os modos de representação da população afrodescendente. É possível ver negros, falando sobre negros e para negros e explicitar que mulheres negras e homens negros podem e devem ser retratados na literatura de

forma significativa, atuando positivamente para a construção histórica, cultural, econômica e social do país.

### 3.2 DESCOBRINDO-SE NEGRA

O livro *A cor da Ternura*, publicado em 1998, configura-se como um dos exemplos de obras afro-brasileiras que desconstróem histórias contadas a partir do ponto de vista dos dominadores, histórias atreladas a estereótipos que tendem a discriminar a população afrodescendente com o intuito de enfatizar as diferenças. Escrito em dez capítulos por Geni Guimarães, o livro consiste em uma descrição narrativa autobiográfica que retrata a trajetória da personagem e protagonista Geni, apresentando todas as situações positivas e negativas que fizeram parte do seu percurso enquanto mulher negra de classe social média baixa.

A obra *A cor da Ternura* (1998) expressa a tentativa de não negar um passado histórico de sofrimento, mas sim explicitá-lo, no intuito de associá-lo à resistência, luta e coragem do negro na busca por sua liberdade. Ao escrever *A cor da ternura*, Geni Guimarães adota para si o poder de tocar profundamente os leitores, ao revelar medos, agonias, dores de classes e etnias e, de forma concomitante, despertar ternura, resistência, dedicação, esperança e expectativa de vida.

A obra se configura, portanto, não apenas como uma leitura obrigatória para leitores negros como também para todos que fazem parte da sociedade brasileira, uma vez que esta sociedade continua preservando processos de segregação racial, os quais formam e difundem práticas racistas, cotidianamente. A partir da leitura do livro, compreende-se a relevância de atuar na reversão de valores coloniais, na reconstrução de histórias e culturas étnico-raciais de sujeitos negro tomados como negativos.

No livro *A cor da ternura* (1998) é narrada a história da protagonista Geni. Salienta-se que o livro se configura como uma narrativa autobiográfica e, por esta razão o nome da personagem principal é igual ao nome da autora, Geni Guimarães. No primeiro capítulo do livro, a personagem Geni transporta o leitor ao passado e revive cenas do relacionamento afetuoso que mantinha com a família. Essa união é apresentada no fragmento inicial, no qual Geni, motivada pela curiosidade emocional, faz as seguintes indagações a mãe:

- [...] - Mãe, a senhora gosta de mim?
- Ué, claro que gosto, filha.
- Que tamanho? - perguntava eu. Ela então soltava minha cabeça, estendia os braços e respondia sorrindo:

- Assim. [...]

Era o tanto certo do amor que precisava, porque eu nunca podia imaginar um amor além da extensão dos seus braços (GUIMARÃES, 1998, p. 09).

Nesse diálogo, o leitor já consegue identificar a personalidade da protagonista e caracterizá-la como uma menina carinhosa, encantadora, esperta, perspicaz, sensível e curiosa. Essas características, dificilmente, são encontradas em obras canônicas em que há a presença de personagens negros. A partir dessa apresentação positiva da personagem Geni, verifica-se que um dos pontos primordiais dos textos afro-brasileiros consiste em retratar os personagens negros alheios as representações negativas disseminadas ao longo do tempo.

Devido a sua inteligência e sagacidade, ainda na infância, a protagonista já compreendia e detectava as diferenças advindas da cor. Desde muito cedo, Geni percebia os aspectos negativos atrelados a cor negra, aspectos associados a resquícios de um sistema colonial, o qual segrega e submete as pessoas negras a situações inferiores. Diante da necessidade de entender a lógica racial presente na sociedade, Geni indaga sobre a seguinte situação:

- Mãe, se chover água de Deus, será que sai a minha tinta?

- Credo-em-cruz! Tinta de gente não sai. Se saísse, mas se saísse mesmo, sabe o que ia acontecer?

- Pegou-me e, fazendo cócegas na barriga, foi dizendo: você ficava branca e eu preta, você branca e eu preta... Repentinamente paramos o riso e a brincadeira. Pairou entre nós um silêncio esquisito. Achei que ela estava triste, então falei:

- Mentira, boba. Acha que eu ia deixar você sozinha? Eu não. Nunca, nunquinha mesmo, tá? (GUIMARÃES, 1988, p.10).

Com os questionamentos levantados pela protagonista no trecho anterior fica evidente a sua consciência sobre a situação de desprestígio social relacionada à cor negra. Munanga (2009) relata que “na simbologia de cores da civilização europeia, a cor preta representa uma mancha moral e física, a morte e a corrupção, enquanto a cor branca remete a vida e a pureza” (MUNANGA, 2009, p.29). Diante da afirmação do referido escritor, na qual ele destaca os aspectos negativos que estiveram relacionados à cor negra, constatam-se os motivos da insatisfação da protagonista Geni com a sua cor e o desejo de retirá-la.

Todavia, apesar de não estar satisfeita com sua cor, diante da resposta e com a percepção de que a sua indagação não agradou e que tal ação a distanciaria da mãe, Geni revela que prefere “ficar com essa cor mesmo” (GUIMARÃES, 1998, p.10). A conclusão foi feita ao perceber a possibilidade de deixar a mãe sozinha, de deixar para trás não somente os familiares, como também as tradições, histórias, culturas, valores nutridos pela população afrodescendente. No

momento em que a protagonista decide permanecer com a cor negra, ela não só nega toda uma construção social negativa atrelada a cor negra como também reconhece sua afrodescendência e reafirma a sua identidade.

Apesar da ligação de companheirismo e afeto existente entre Geni e a mãe, em determinando momento, as duas se distanciaram e ao constatar que o motivo desse distanciamento era o nascimento de mais um irmão que estava para acontecer, Geni se reaproxima da mãe e ressalta o carinho imenso que possui por ela afirmando:

Ela era linda. Nunca me cansei de olhá-la. O dia todo arrastava os chinelos pela casa. Eu também ia, eu também vinha, quando me pegava no flagra, esboçava um riso calmo, curto. Meu coração saltitava feliz dentro do peito. (GUIMARÃES, 1998, p.13)

Nesse trecho, verifica-se mais uma vez a imagem da mulher negra associada a aspectos positivos. Ao descrever a beleza admirável e encantadora da mãe, mulher linda, terna, serena, admirável, Geni rompe com a imagem negativa que esteve atrelada a mulher negra ao longo da história social e literária. Devido a um processo de inferioridade e desvalorização dos traços da população afrodescendente, a beleza da mulher negra foi desconsiderada e, em algumas situações, essa beleza era ressaltada e enaltecida somente quando possuía aspectos considerados exóticos.

Com o nascimento do irmão, após momentos de aflição e angústia, Geni relata que “um choro forte de bebê abriu espaço e entrou no quarto abruptamente. Jesus nascia” (GUIMARÃES, 1998, p.20). No entanto, quando a protagonista decidiu conhecer e admirar o irmão mais novo, de imediato, verificou que o nome Jesus não era adequado. Ao ver o irmão, Geni sentiu uma sensação de alívio por não ter mais o compromisso de chamá-lo de menino Jesus, pois era negro (GUIMARÃES, 1998). Com essa afirmação, a protagonista explicita que o seu irmão negro não tinha possibilidade alguma de ser comprado com Jesus. O Jesus, branco, com olhos azuis e cabelo liso.

No cristianismo, a imagem criada de Jesus é uma imagem alheia a tudo que compõe e representa a cor negra. A partir do momento em que os brancos foram vistos com superiores e os negros como inferiores, a população branca passou a ocupar todos os lugares de prestígio social, logo os representantes que apresentam uma imagem enaltecida socialmente, a exemplo de Jesus, foram descritos como brancos. Diante disso, a imagem propagada de um Jesus, branco, com olhos azuis e cabelo liso, homem típico europeu, anulou todas as possibilidades de este ser considerado negro.

Com o nascimento do irmão mais novo, Geni se atentou para a ausência, falta de cuidado e atenção dos familiares para como ela. Logo, a protagonista se viu em um estado de solidão profunda, suscitando o desinteresse por elementos essenciais como comer e dormir o que, de forma conseguinte, a deixou doente. Muitos não compreendendo o motivo pelo qual Geni se encontrava em estado abatido e debilitado, com a ajuda de Dona Chica Espanhola, a benzedeira, deduziram que tal estado poderia estar sendo causado por uma lombriga aguda.

Com a presença da personagem Chica Espanhola na narrativa, destaca-se também aspectos da cultura afro-brasileira, pois, em razão dos conhecimentos adquiridos de geração em geração, informações ancestrais, a personagem possui habilidade e competência para diagnosticar e curar com utensílios e tratamentos medicinais determinadas doenças. Na figura de Chica Espanhola, são representadas mulheres negras que dedicavam e dedicam tempo para ajudar, através de ervas e informações adquiridas por meio de tradições africanas e afro-brasileiras, os afrodescendentes em momentos de enfermidades e partos.

Ainda em razão da falta de atenção de seus familiares, a protagonista passou a estabelecer diálogos com os animais. Todavia, o fato de Geni se comunicar com animais foi vista pelos demais integrantes do seu ciclo familiar como um ato fora do comum e diagnosticado, por Chica Espanhola, como uma atitude praticada devido à presença do espírito de Zumbi. Mais uma vez, o conhecimento de Chica Espanhola referente a alguns aspectos da cultura afro-brasileira é destacado, evidenciando, também, que apesar da cultura branca ter sido implementada, as culturas, tradições africanas e afro-brasileiras ainda se mantêm vivas na memória da população negra.

Ademais, a partir do momento em que Chica Espanhola menciona o nome de Zumbi, relembra o líder quilombola que lutou incansavelmente em prol da abolição da escravatura. Com isso, a personagem explicita que conhece as narrativas de Zumbi, reafirma e enaltece figuras ancestrais e ratifica que as culturas e histórias africanas e afro-brasileiras são conhecidas, respeitadas e importantes para a população afrodescendente.

À medida que Geni adentrava outros espaços, passou a observar as diferenças sociais e os modos de relações raciais na sociedade da qual faz parte. A protagonista percebe um contexto diferente do qual estava acostumada, um contexto em que os brancos estão dotados de conhecimentos falsos a respeito de afrodescendentes e de visões permeadas por estereótipos formulados a partir do preconceito racial.

A primeira marca que o racismo deixa em Geni é desencadeada quando algumas crianças pronunciam, como forma de expressão de ódio, termos que nada mais são do que estereótipos construídos para invisibilizar e associar a imagem do negro a tudo que é

considerado ruim. “Boneca de piche, cabelo de bombрил!” (GUIMARÃES, 1998, p.45). Foram palavras direcionadas a Geni e que evidenciaram que qualquer falha vinda do negro é motivo para ressaltar elementos negativos como forma de inferiorizá-lo.

Assim que ouve as palavras racistas, as quais desestruturam e abalam o emocional por completo, a protagonista não viu nada que pudesse ser feito, além de se retirar do local e utilizar o silêncio como mecanismo de defesa e sobrevivência. A sua única reação foi chorar como forma de externar toda a dor e sofrimento ocasionados ao ouvir tais expressões. Geni, assim como milhares de crianças vítimas do preconceito racial, nada mais fazem além de chorarem, se calarem perante a situação e seguirem cabisbaixas, reflexivas, tentando compreender o que acabara de acontecer.

Muitas crianças não percebem que foram vítimas do racismo, outras percebem e até comunicam aos pais o fato, mas esses, devido a todo um processo de silenciamento e opressão, se sentem impotentes e incapazes de fazer algo que mude o que seus filhos acabaram de sofrer. Então, assim como a mãe de Geni, muitos pais recomendam esquecer ou fazer de conta que nada aconteceu. Tal situação é retratada no seguinte fragmento:

- E se no caminho, o Flávio me xingar de negrinha?
- Não quero saber de encrenca, pelo amor de Deus! Você pega e faz de conta que não escutou nada. Calei-me. Quem era eu para dizer-lhe que já estava cansada de fazer de conta? (GUIMARÃES, 1998, p.46)

Com esse diálogo verifica-se que, desde pequena, Geni já se dá conta do preconceito velado presente na sociedade. Porém, isso se torna mais perceptível a partir do momento em que ela adentra o ambiente escolar e ideias e expressões racistas são reiteradas a todo momento. A condição histórica e ideológica do racismo que coloca o negro na condição de inferioridade, compõe diversos aspectos na sociedade, mas, é na infância, no momento em que a criança negra passa a fazer parte do ciclo educacional que as diferenças são explanadas, tornando-a vítima das variadas formas e práticas racistas.

Com Geni, essas diferenças foram evidenciadas antes mesmo de sair de casa para iniciar o ano letivo. Uma vez que, a mãe receosa da protagonista não está de acordo com os padrões estabelecidos pela classe dominante, recita uma lista de recomendações, com o intuito de prevenir Geni de ser vítima do sistema opressor que é a sociedade. Na interação a seguir, ficam perceptíveis os impactos dessa violência racial:

- Amanhã seu cabelo já está estará pronto. Hoje você dorme com lenço na cabeça pra não desmanchar. Não se esqueça de colocar o lenço novo no bernal. Pelo amor de Deus, não vai esquecer o nariz escorrendo. Lava o olho antes de sair.
- Se a gente for de qualquer jeito, a professora faz o quê? – perguntei.
- Põe de castigo em cima de dois grãos de milho – respondeu-me ela.
- Mas a Janete do seu Cardoso vai de ramela no olho e até muco no nariz e...
- Mas a Janete é branca – respondeu minha mãe, antes que eu completasse a frase (GUIMARÃES, 1988, p. 48).

Vítima de uma sociedade racista, a mãe de Geni mostra costume diante de situações humilhantes e de desprestígio em que se encontra. Geni, no entanto, já dispõe de uma criticidade excepcional que a capacita para perceber todo esse processo opressor que a coloca na posição de sujeito de segunda categoria e coloca Janete, a menina branca, na posição de primeira categoria, na categoria de privilégios.

A partir das cobranças da mãe de Geni, é possível perceber que o negro possui um limite de falha menor do que o branco. Desde cedo, é importante que ele compreenda a necessidade de evitar falhas e erros. O negro não pode ser somente bom naquilo que faz, ele tem que ser excelente. E mesmo sendo excelente, perfeito, a sua capacidade é questionada. Para ele sempre estarão voltados olhares julgadores.

Com a explanação do tratamento diferenciado entre brancos e negros e a atitude da mãe da protagonista diante de tal situação, Geni leva o leitor a refletir sobre a importância de os pais estarem presente na luta contra a formulação de estigmas que fazem parte não só da vida de seus filhos como, os acometem, cotidianamente. Ela evidencia a relevância dos pais apoiarem os filhos positivamente e mostrarem como agirem, o que falarem diante de situações semelhantes.

A criança que desde a mais tenra idade assimila valores, crenças e padrões de comportamento estigmatizados através das relações sociais, passa por um processo de dor e sofrimento muito grande. Os estereótipos caracterizam o negro como sujeito não pertencente da sociedade e, como consequência, ele pode se colocar em posições sociais excludentes ao acreditar que são posições ideais. E tudo isso, tende a influenciar diretamente na formação de uma autoimagem, autoestima negativa.

Ao iniciar o curso primário, Geni se depara com um mundo completamente diferente do qual estava acostumada, a começar pela prática desrespeitosa e preconceituosa da professora. Após receber um beijo de Geni, a professora demonstra sentimento de repulsa ao limpar com as costas da mão a “lambuzeira que [...], inadvertidamente, havia deixado em seu rosto” (Guimarães, 1998, p. 55) enquanto os seus colegas foram bem recepcionados. Tal atitude

ocasionou em Geni uma “dor sem nome” por ratificar a sua posição de inferioridade em relação aos outros.

Outra atitude equivocada da professora foi quando transmitiu para os alunos informações dotadas de desconhecimento a respeito da formação histórica afrodescendente no Brasil. A personagem, ao lembrar esse processo descreveu os negros como sujeitos passivos diante da condição desumana em que se encontravam.

Ao perceber que tal afirmação era contrária aos fatos narrados por Vó Rosária, velha senhora negra contadora de histórias que ressaltava na narrativa as lutas e bravura dos afrodescendentes perante o processo de escravidão, Geni se viu em conflito interno. As histórias eram diferentes e, com isso a protagonista não sabia se se identificava com a história que enaltecia os afrodescendentes ou com a história estigmatizada e racista narrada pela professora:

- Hoje comemoramos a libertação dos escravos. Escravos eram negros que vinham da África. Aqui eram forçados a trabalhar e pelos serviços prestados nada recebiam. Eram amarrados nos troncos e espancados às vezes até a morte. Quando...

E foi ela discursando por uns quinze minutos. Vi que a sua narrativa não batia com a que nos fizera a Vó Rosária. Aqueles. Eram bons, covardes, imbecis, estes me apresentados então. Não reagiam aos castigos, não se defendiam ao menos. (GUIMARÃES, 1998, p.65)

As imagens dos negros produzidas e transmitidas nos livros canônicos e didáticos e os métodos utilizados pelos professores para descrever como se deu o deslocamento dos africanos para outros países com fins de escravização, através da exploração do ser humano africano, comumente são fincados em representações estereotipadas. São narrativas que excluem toda e qualquer possibilidade de luta da população afrodescendente contra a escravidão e para se dissociar dos resquícios pós-coloniais. Essas representações influenciam diretamente na compreensão que a população negra possui a respeito de seus descendentes e sobre si.

A forma como a professora apresentou a narrativa histórica do afrodescendente, relatando somente narrativas que em nada contribuem para uma formação identitária étnica de sujeitos negros, a partir de fatos históricos e culturais positivos, ocasionou, de imediato, a reprodução do preconceito racial. Para além, impactou negativamente a protagonista de forma que despertou um sentimento de desprezo, descrédito, vergonha, insegurança sobre aqueles que deveriam ser um reflexo positivo e indispensável para a sua formação enquanto mulher negra autoidentificada com elementos de raízes africanas e afrodescendentes.

Zilá Bernd (1988) destaca que todo esse conjunto de ideais racistas e narrativas distorcidas que sustentam preconceitos raciais são absorvidos pelos negros, os quais, na maioria

das circunstâncias, ao acreditarem em tais fatos podem sofrer com a crise de identidade. Com a afirmação de Zilá Bernd, constata-se que a professora ter narrado a história da população negra de forma equivocada, desencadeou na protagonista um processo de negação identitária, que a levou a uma ação agressiva consigo mesma.

Presas em si mesma, cercada por um mundo segregacionista que vê a sua cor e a sua descendência histórica e cultural como insignificante, Geni de forma impulsiva e, através de um ato cruel, tenta tirar a única coisa que poderia lhe desarraigar da situação de descendente de negros dominados: a sua cor. Assim, ela entra em uma crise de identidade que a machuca interna e externamente. Tal ação é descrita da seguinte forma:

Até então, as mulheres da zona rural não conheciam “as mil e uma utilidades do bombril” e, para brilharem os alumínios, elas trituravam tijolos e com o restante faziam a limpeza dos utensílios. A idéia me surgiu quando minha mãe pegou o preparado e com ele se pôs a tirar da panela o carvão grudado no fundo. Assim que terminou a arrumação, ela voltou para casa, e eu juntei o pó restante e com ele esfreguei a barriga da perna. Esfreguei e vi que diante de tanta dor era impossível tirar todo o negro da pele. (GUIMARÃES, 1998, p. 68-69)

Construir uma identidade negra ligada a aspectos considerados positivos é um processo complexo, uma vez que, o sujeito negro faz parte de uma sociedade em que os elementos que compõem a identidade étnico-racial afrodescendente são apresentados pela sociedade hegemônica a partir de estigmas. Logo, a identidade afrodescendente torna-se uma formação problemática, ocasionando uma construção e um reconhecimento identitário marcado por conflitos.

Contudo, mesmo que todas as práticas racistas tenham interferido negativamente na trajetória infantil de Geni, configuraram-se também como situações que contribuíram de forma positiva no desenvolvimento de um amadurecimento intelectual, que possibilitou a protagonista conhecer mais sobre as histórias e culturas afro-brasileiras e compreender o seu papel de sujeito consciente, crítico sobre situações opressivas que lhe cercam. Permitiu, ainda que Geni analisasse formas que lhe ajudassem a romper com os limites racistas e a ocupar posições de prestígio social, tornando-se símbolo de representatividade e inspiração para todo o grupo étnico afro-brasileiro.

Assim como Geni, integrantes dos Movimentos Negros, escritores, leitores, intelectuais, historiadores, pensadores, pesquisadores e vários outros têm buscado formas de explicar as histórias e culturas afro-brasileiras. Todos eles estão lutando incansavelmente, resistindo,

encontrando meios e possibilidades que ajudem a romper com os limites e desestremem o sistema racista da sociedade.

Através de manifestos sociais, escritos, debates, a população negra está erguendo a sua voz, garantido o reconhecimento dela e tornando visível a luta antirracista em todos os ambientes e localidades. Os ideais, pensamentos, modos de ser, agir, sentir, vivências da população afrodescendente têm ganhado cada vez mais alcance e visibilidade e aos poucos, juntos, os negros estão mudando a sociedade racista, excludente, hegemônica que perdura desde o período colonial.

### 3.3 COMPREENDENDO-SE NEGRA

Em uma sociedade em que a riqueza, a cor e o poder são vistos como fatores de prestígio, as mulheres negras, por muito tempo, foram relegadas à margem da sociedade. Devido a todo um processo patriarcal, racista, machista, misógino, as mulheres negras foram impossibilitadas de adentrar espaços ocupados, comumente, por homens brancos e mulheres brancas. Contudo, ao longo da história brasileira, muitas mulheres negras decidiram não aceitar as imposições da classe dominante e colocaram em prática estratégias exitosas que as possibilitaram ocupar lugares não estigmatizados no meio social.

É nesse contexto de mulheres negras insatisfeitas com os lugares e cargos estabelecidos pela classe dominante que se encontra Geni, protagonista do livro *A cor da Ternura*. Pertencente de uma família de classe média baixa, a protagonista Geni encontrou determinação para lutar, resistir as bases opressoras e vencer as adversidades da vida no desejo de ir além do que lhe foi imposto.

A sala de aula, apesar de não ter sido atrativa o suficiente, foi o meio que Geni encontrou para lutar contra o preconceito racial, superar as dificuldades advindas da cor e alcançar objetivos que pareciam inatingíveis. Para sobreviver, a protagonista precisou demonstrar, além de força emocional, força intelectual.

Foi preciso fazer do conhecimento a arma de combate e subsistência. Angela Davis (2016) afirma que devido a um processo ideológico dominante, os integrantes da população negra foram caracterizados como sujeitos incapazes de progredir intelectualmente. Geni, no entanto, desconstrói esse conceito e o ressignifica ao utilizar a intelectualidade como instrumento auxiliador na realização dos seus objetivos.

O pai de Geni foi quem a motivou a se desvencilhar de situações subalternas ao utilizar o conhecimento como possibilidade de ultrapassar as barreiras. Ao estabelecer um diálogo

reflexivo e carinhoso com o pai, Geni percebe que ele tinha como admiração o jogador Pelé. Na visão do pai de Geni, o jogador Pelé conseguiu romper os limites e ocupar lugares de destaque social. Percebendo esse sentimento de orgulho e encanto do pai para como o jogador Pelé, Geni vê o curso do magistério, como um meio que a possibilitaria ampliar seus conhecimentos, orgulhar seu pai e ocupar posições de prestígio social.

A figura do jogador Pelé, homem negro e bem-sucedido, é mencionada como símbolo de representação na narrativa. Mas, é válido salientar que, embora a narrativa faça menção ao jogador, ele não é o melhor exemplo de engajamento com a causa negra no Brasil. Talvez para a época em que o romance foi escrito, o referido jogador representasse para a população negra um exemplo de superação. Todavia, ainda que tenha se tornado um ícone do futebol, o jogador era subjugado a uma representação identitária do ser negro, longe de ser negra.

Devido a todo um processo de colonização e pós-colonização, durante muito tempo, os afrodescendentes ficaram alheios aos lugares que possuem uma certa estima na sociedade. Com isso, tanto no mundo real quanto no ficcional, dificilmente, era possível vê-los ocupando lugares e cargos, comumente ocupados por pessoas do grupo hegemônico.

Todavia, nos dias que correm, em razão de todo um processo de luta e resistência de Movimentos Negros e dos movimentos sociais em geral, a realidade e a ficção estão sendo alteradas e é possível ver negros ocupando lugares outros. Ainda que seja um número insuficiente de pessoas negras conquistando posições que não invisibilizadas, subalternizadas e opressivas, toda essa modificação é significativa e representa um avanço e uma conquista grandiosa para a população afrodescendente.

O negro em ascensão tem se tornado um fato frequente e contínuo. Logo, está atuado em cargos voltados para questões políticas, econômicas, sociais, culturais e, de forma concomitante, analisando e implementado medidas de reconhecimento e reparação de todo um processo de opressões históricas. Muito mais do que ascender socialmente, é compreender o significado disso para o âmbito coletivo e ter consciência de ações relevantes dentro da área de atuação de cada sujeito.

Motivada pelo desejo de orgulhar o pai e todos da família e de ultrapassar os limites estabelecidos, Geni decidiu entre as profissões listadas pelo pai, que iria romper com as barreiras impostas e ocuparia lugares de prestígio social. Ademais, tomaria decisões que contribuíssem significativamente para fortalecer a luta da população afrodescendente e se tornaria símbolo de representatividade para que outros afrodescendentes, motivados pelo desejo de também quebrar os limites impostos, saíssem dos lugares designados.

Ao longo da narrativa, raras são as vezes que o pai da protagonista aparece, no entanto, quando chega o momento de Geni ultrapassar os limites racistas que restringem os negros em situações inferiores, ele surge como um grande motivador para que Geni continuasse persistindo em seus sonhos. Após as aulas no ambiente educacional, a protagonista costumava encontrar com o pai que, orgulhoso, esperançoso e satisfeito com a decisão da filha, ficava a sua espera e a acompanhava de volta para casa.

Em um desses encontros, enquanto dialogavam, Geni e o pai se depararam com o primeiro obstáculo desmotivacional sobre a decisão da protagonista de estudar para realizar um sonho. O administrador da fazenda, local onde o pai de Geni trabalhava, não resistiu à tentação de destilar seu ódio e insatisfação ao perceber que uma mulher negra estava tentando alcançar lugares outros.

Com o intuito de explicitar sua visão racista e, assim revelar a sua insatisfação em ver negro rompendo barreiras, o administrador da fazenda afirmou para Geni e o pai que lugar de negro “é dando duro na lavoura” (GUIMARÃES, 1998, p. 69). Com isso, o administrador ratificou que existem lugares pré-estabelecidos para a população afrodescendente. No entanto, Geni compreende que possui habilidade, perspicácia, competência, determinação e incentivo para ir além dos lugares designados pela classe hegemônica e ignora o pronunciamento racista do administrador.

Mesmo com as dificuldades e desmotivações que surgiram em seu percurso, Geni não desistiu. Com o apoio familiar, inteligência e determinação, a protagonista continuou trilhando o caminho que lhe permitiria realizar o sonho de ser professora. A sua persistência e motivação eram maiores que quaisquer situações racistas que surgissem para desencorajá-la.

Com a transição da fase infantojuvenil para a fase adulta, Geni passa por um processo de transformação, não só externa como interna. Uma nova Geni foi construída. Uma Geni mulher que não só percebe que “uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo” (SOUZA, 1983, p. 17), como também compreende de forma perspicaz os preconceitos raciais ligados à sua cor e sabe agir diante deles. Uma mulher forte, com postura afirmativa, que reconhece a sua identidade e que luta contra a invisibilidade da mulher negra:

Mulher, cursando o normal, a caminho do professorado, cumprindo o prometido.

Mulher, se fazendo, sob imposições, buscando forças para ser forte.

Mulher, rindo para esconder o medo da sociedade, da vida, dos deslizes dos passos. [...]

Mulher, jogando cintura, diante das coações e preconceitos.

Mulher, contudo e apesar, a um passo do tesouro: o cartucho de papel (GUIMARÃES, 1998, p.81).

Assumir-se negro, ainda que essa negritude esteja atrelada a estigmas não positivados que tendem a estabelecer quem ocupa posições de poder e quem ocupa posições dominantes é, essencialmente, um ato político, uma vez que se assume também a identidade étnico-racial negra. Dizer-se negro é um ato político que requer o conhecimento de histórias, culturas, valores de raízes africanas.

Quando isso acontece o afrodescendente passa ter uma consciência negra, constrói uma visão crítica sobre as situações raciais que lhe cercam, luta ativamente para mudar a sociedade na qual está inserido e contribui significativa e satisfatoriamente para que medidas de reparações históricas sejam implementadas e colocadas em prática. Compreender-se negro é buscar formas de mudar realidades que discriminam e invisibilizam a história, a cultura e a identidade negra.

Com a fase adulta da protagonista, chega o momento mais esperado e sonhado por todos. O momento de Geni explicar que venceu os obstáculos e que estava prestes a se tornar professora e o maior orgulho da família. O momento de explicitar para todos que o conhecimento adquirido ao longo da sua trajetória, a sua perspicácia para lutar, persistir e vencer contribuíram de modo eficaz na construção da mulher que se tornou. E que os desafios e desencantos que fizeram parte dessa trajetória foram elementos cruciais para a sua formação enquanto mulher autônoma, independente.

Com o sonho de ser professora alcançado, a protagonista passou a ser não apenas mediadora do conhecimento, mas também passou a ser mediadora de conhecimentos que favorecem de modo eficaz na luta antirracista, principalmente em um ambiente em que práticas racistas são recorrentes. Geni desconstrói também a imagem relacionada à mulher negra, a qual devido a todo um processo patriarcal, machista e racista, por muito tempo, esteve atrelada a posições de desprestígio social. Ao desconstruir estereótipos e ressignificá-los, a protagonista explicita que a mulher negra pode ser o que ela quiser e ocupar qualquer lugar na sociedade.

Todavia, mesmo após ultrapassar a fronteira que separa negros e brancos, os mecanismos negativos e racistas atrelados à população negra se fizeram presentes e, mais uma vez, a protagonista foi vítima de um sistema racista que acompanha o sujeito negro onde quer que ele esteja. No primeiro dia de aula, a capacidade e habilidade de Geni para ocupar o cargo de professora foram ignoradas diante de olhares discriminatórios de mães de alunos e

funcionários da instituição educacional, na qual desempenharia a sua profissão. No trecho a seguir, a protagonista explica os sentimentos de desconfiança e descrédito direcionados a ela:

No pátio do estabelecimento, tentando engolir o coração para fazê-lo voltar ao peito, suportei o olhar duvidoso da diretora e das mães, que, incrédulas, cochichavam e me despiam em intenções veladas. Só faltaram pedir-me o certificado de conclusão “para simples conferência” (GUIMARÃES, 1998, p.87)

Ao longo da história, aos integrantes da população afrodescendente que ascenderam no meio social foram e ainda são direcionados olhares julgadores. O racismo, geralmente, se manifesta com mais força em espaços de disputa por poder. Quanto mais um negro ascende socialmente, maior a disputa, maior a dúvida das pessoas quanto a sua eficiência profissional e intelectual.

Ao adquirirem e desfrutarem de bens materiais e sociais que, geralmente, são vistos em poder da população branca, os integrantes negros se deparam com olhares de descrédito, insatisfação e até mesmo desconfiança. Negros em ascensão, intelectual, política, acadêmica, econômica têm se tornado um fato. Nos dias que correm, é possível ver o negro atuando em papéis de liderança, de sucesso nas mais diversas esferas sociais.

No entanto, a ascensão não diminui as possibilidades das práticas racistas. O racismo atinge as várias facetas, inclusive da ascensão. O negro em progresso continua sendo alvo do racismo até que essa prática seja um processo extinto no meio social. Dessa forma, olhares de descrédito e dúvida em relação a sua competência e habilidade para ocupar determinada posição, em algumas situações, estarão voltados para ele.

Neuza Santos Souza (1983) justificava essas implicações ao afirmar que a sociedade brasileira é uma sociedade marcadamente branca. Uma sociedade permeada de ideologias dominantes elaboradas e sustentadas pela classe privilegiada. Uma sociedade, onde as histórias, culturas, tradições, sobretudo, elementos estéticos de um grupo específico são enaltecidos e ressaltados a todo instante. Uma sociedade pautada em exigências e expectativas brancas.

Apesar disso, Geni, por meio da sua perspicácia, competência e habilidade subverte esse processo racista ao demonstrar que tem capacidade, eficiência profissional e intelectual para ocupar a posição de professora. De alguém que além de ter voz, transmite o conhecimento e dessa vez não mais conhecimentos ligados somente à população branca, mas sim, conhecimentos a respeito dos afrodescendentes, de suas histórias, culturas, valores e tradições. A partir da afirmação de sua identidade e pertencimento racial, Geni consegue romper as

barreiras do racismo e driblar as situações discriminatórias que lhe acometeram em seu primeiro dia de aula:

Soou o sinal de entrada e meus pequerruchos entraram barulhentos, agitados. Só uma menina clara, linda, terna, na porta se pôs a chorar baixinho. Corri para ver se conseguia colocá-la na sala de aula.  
- Eu tenho medo de professora preta - disse-me ela, simples e puramente. Tanto medo e doce misturados desarmaram-me [...] (GUIMARÃES, 1998, p. 89).

Com estratégias eficientes e com a competência inimaginável aos olhos da diretora, a protagonista conseguiu inverter a situação ao mudar a visão racista da criança branca e fazer com que ela participasse da aula dentro da sala. Com sua agilidade e inteligência, Geni não só superou esse problema, como conquistou o seu espaço e impôs respeito perante aqueles que descreditaram da sua capacidade profissional e intelectual.

Toda essa situação fez a protagonista refletir e compreender tudo o que seu pai lhe ensinara ao longo da sua trajetória de vida. E a partir disso, Geni passou a ver a sua profissão, a sua voz, o seu conhecimento como veículo de reivindicação de seus direitos, dos direitos da população negra com o intuito de reverter conceitos segregacionistas da forma mais engenhosa possível.

Geni, quebrou limites, superou preconceitos raciais, dificuldades financeiras, aprendeu e conheceu um novo mundo de possibilidades. Se identificou com histórias e culturas afrodescendentes e adotou uma profissão, que lhe oportunizou estar na posição de modelo para muitas crianças negras, que estão inseridas no mesmo processo de discriminação e desvalorização racial e desejam ultrapassar as possibilidades que a elas são destinadas.

Geni, assim como milhares de mulheres negras, não recebeu uma aula de como ser uma mulher negra autoidentificada com histórias e culturas afro-brasileiras. Pelo contrário, ao longo de sua vida, recebeu instruções de como agir, pensar, sentir como branco. Mas ainda assim, a protagonista reconheceu a identidade negra após aprender sobre histórias e culturas afro-brasileiras. Com isso, se tornou uma mulher autossuficiente e uma professora dotada de intelectualidade, perspicácia e que analisa com criticidade as implicações que a não aceitação da heterogeneidade pode ocasionar aos sujeitos negros.

A partir de conhecimentos sobre histórias, culturas africanas e afro-brasileiras e de toda a transformação intelectual que esses conhecimentos proporcionaram, afirma-se que a identidade de Geni, enquanto processo em formação, passou por inúmeras modificações, mas atingiu o êxito esperado. Geni sai da condição de subalternidade e consegue a sua liberdade. Seja das memórias que a faziam retomar ao momento em que foi vítima de um ideal de

embranquecimento, sejam dos opressores do presente, demonstrando que sempre haverá luta e resistência por parte dos negros.

*A cor da ternura* (1998) é um livro que reforça a luta da população afrodescendente pela formação e reconhecimento de sua identidade e que evidencia o dia a dia árduo dos negros, ocasionado tanto pela luta diária para vencer a pobreza quanto pelas dificuldades advindas da cor. Todas essas dificuldades, no entanto, são encaradas como motivações que impulsionam o afrodescendente a ir em busca de estratégias que lhe possibilite sair da condição de subalterno na qual foi colocado.

É um livro em que, as vivências da protagonista Geni são apresentadas de forma que as situações positivas sobressaem às negativas. Apesar da trajetória da protagonista estar marcada de desencantos, o amor imensurável da mãe, o incentivo e apoio do pai, a relação amável com os irmãos e a herança ancestral são situações que não só fortaleceram a protagonista ao longo de sua trajetória, como também a motivaram a não desistir perante as dificuldades e a persistir por seus sonhos.

Partindo do pressuposto de que *A cor da ternura* (1998) se configura como um material adequado e indispensável para reflexões em sala de aula sobre etnias, racismo e, principalmente, construção identitária étnico-racial de sujeitos negros, destaca-se a importância do trabalho com o livro nos ambientes educacionais. Pois, é um texto que não só coloca a personagem negra como protagonista como também a coloca em situação de notoriedade. Ademais, explana a necessidade de se ter uma sociedade mais justa, democrática, fraterna, onde a cor da pele e a condição social não sejam considerados como fatores determinantes de exclusão.

## 4 REPRESENTATIVIDADE AFRO-BRASILEIRA NO AMBIENTE EDUCACIONAL

### 4.1 A RELEVÂNCIA DA APLICABILIDADE DAS LEIS 10.639/03 E 11.645/08 POR UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

A educação formal na sociedade brasileira, ao longo de muitos anos, caracterizou-se como excludente e antidemocrática. As histórias e culturas da população negra foram apresentadas e discutidas nas escolas de forma negativa e superficial.

Em razão do não trabalho com questões étnico-raciais de sujeitos negros nos ambientes educacionais, o surgimento de vínculos interpessoais respeitáveis e igualitários vem ocorrendo de modo tardio. O ensino que possibilite aos alunos negros analisarem os mecanismos que lhes mantêm em posições subalternas e aos alunos brancos reverem seus conceitos e, assim agirem de forma ativa político e socialmente, buscando maneiras de descolonizar pensamentos e práticas racistas recorrentes no meio social, esteve alheio aos ambientes escolares.

A existência do racismo na sociedade brasileira e, principalmente nos ambientes educacionais, ocasiona uma série de problemas que interferem negativamente na vida das pessoas negras. Sentimentos como autorejeição; baixa autoestima; rejeição às pessoas que compõem o seu grupo racial; medo de se pronunciar; timidez, o que desencadeia a não participação em sala; a negação de culturas e tradições afrodescendentes; além de dificuldades no processo de aquisição de conhecimentos e desejos de não ir à escola, de se isolar, podendo suceder a evasão escolar.

Algumas crianças negras após vivenciarem o racismo se veem presas em um conflito interno e externo constante. Constata-se com a afirmação de Silva (2005), apresentada a seguir, que em razão desse conflito identitário, as crianças tendem a renegar os seus traços afrodescendentes:

As denominações e associações negativas em relação à cor preta podem levar as crianças negras, por associação, a sentirem horror à sua pele negra, procurando várias formas de literalmente se verem livres dela, procurando a “salvação” no branqueamento (SILVA, 2005, p. 31).

O racismo é aquilo que Geni Guimarães caracterizou como uma “dor sem nome”. É uma “dor sem nome”, talvez inexplicável e inesquecível. É uma das formas de driblar o racismo como afirma Neusa Santos “é possuir um discurso sobre si mesmo.” (SANTOS, 1983, p.17). É conhecendo e compreendendo as histórias e culturas afro-brasileiras e, de forma conseguinte, compreender-se negro.

Através desse conhecimento é possível adquirir autonomia intelectual. É possível se reconhecer, se identificar enquanto negro. É possível saber-se negro, dizer-se negro, compreender-se negro. Através desse conhecimento, de um autoconhecimento e reconhecimento, os sujeitos negros compreenderão que vivem em uma sociedade racista e que devem resistir e lutar para modificar esse sistema opressor.

Diante dessa perspectiva, salienta-se que é extremamente importante a integração do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena no projeto pedagógico educacional. Em 2003, foi implementada a Lei 10.639, a qual torna obrigatório o ensino de questões étnico-raciais nos ambientes escolares, no entanto, a pertinência da implementação da Literatura Afro-brasileira e Indígena nas escolas ainda está sendo discutida nos dias atuais.

Com as reivindicações e posicionamentos dos Movimentos Negros, os órgãos governamentais implementaram medidas que contribuiriam de modo eficaz na luta antirracista e, com isso explicitaram a importância da presença da população afrodescendente em aspectos econômicos, sociais, culturais, históricos. Entre as medidas implementadas destaca-se a Lei Federal nº 10.639/2003, de janeiro de 2003, a qual modificou a Lei 9.394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Com a implementação da Lei 10.639/2003, passou a ser de responsabilidade dos integrantes da comunidade escolar, professores, diretores, coordenadores, elaborarem atividades didático-pedagógicas, mecanismos de ensino alicerçados em Histórias e Culturas Africanas e Afro-Brasileiras na educação básica, bem como ações que formem professores antirracistas e democráticos. Professores que proponham materiais didáticos que, além de contribuam significativamente na luta de combate ao racismo, ocasionem a valorização da diversidade racial presente no cotidiano das escolas

Posteriormente, no ano de 2008, a Lei 10.639/2003 foi modificada e por meio da Lei 11.645/2008 passou a ser de responsabilidade da comunidade escolar propor uma práxis pedagógica fundamentada em Histórias e Culturas Africanas e Afro-Brasileiras e em Histórias e Culturas Indígenas como forma de difundir os procedimentos históricos, culturais, sociais, políticos dessas comunidades, não só por questões de conhecimento como também por questões de valorização e reconhecimento identitário, étnico-racial de sujeitos negros e indígenas que integram a comunidade escolar.

Com a Lei 11. 645/2008 as questões culturais e históricas que definem a constituição da população brasileira, passam a contemplar também aspectos como o estudo da luta dos povos indígenas no Brasil, a cultura indígena brasileira e o índio na formação da sociedade nacional.

Assim, são resgatadas as contribuições das populações indígenas nas áreas sociais, econômicas e políticas pertinentes à história do Brasil.

Com as exigências decretadas pelas Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, algumas escolas passaram a se configurar como ambientes, onde as diferenças são aceitas e contempladas. Visto que, em alguns casos, as escolas modificaram os procedimentos metodológicos excludentes que conduziam o processo de ensino e aprendizagem. Os conteúdos programáticos e propostas de debates e ações foram reavaliadas e replanejadas, com o intuito de proporem novas metodologias que ressaltem a importância da História e Cultural Afro-Brasileira, Africana e Indígena para a formação da sociedade brasileira.

Salienta-se ainda que as leis mencionadas não foram decretadas devido a uma conscientização ou a uma ação política benevolente, e sim devido às lutas e coerções dos Movimentos Sociais e Negros por uma educação antirracista. “A inclusão da temática racial na escola brasileira e o reconhecimento a sua inclusão no currículo deve-se muito à atuação desse movimento.” (GOMES, 2005, p. 153) Todas essas ações exigiram que os órgãos governamentais revissem conceitos, medidas políticas e implantassem outras que ressaltassem a importância de combater o racismo, a discriminação e o preconceito em todos os âmbitos sociais e, principalmente, nas escolas.

Todavia, mesmo com a implementação das leis, muitas escolas optaram por trabalhar a temática racial somente em datas comemorativas, as quais relembram que o país é formado por pessoas negras e indígenas que contribuem para o crescimento e constituição desse país. Portanto, o dia da Libertação dos Escravos, 13 de maio, o dia do Índio, 19 de abril, e o dia da Consciência Negra, 20 de novembro, são os dias escolhidos por algumas instituições escolares para colocar em prática o que é exigido pelas leis.

Para democratizar a educação, tornando-a um processo inclusivo e antirracista, é necessário que toda a sociedade e principalmente o currículo estejam envolvidos de modo ativo e profícuo com o intuito de promover um trabalho educacional antirracista para além da superficialidade. Para que a educação seja inclusiva é preciso adotar medidas eficazes que busquem promover modificações positivas no contexto histórico e social atrelado à população negra.

Para descolonizar os conceitos, práticas racistas, ainda enraizadas na sociedade, é importante construir uma educação democrática, justa, igualitária, um caminho fundamental e necessário. Explanar para os sujeitos as narrativas invisibilizadas, as culturas e identidades que ao longo do tempo foram discriminadas e ridicularizadas é uma das formas de combater os resquícios do pensamento colonial.

É preciso uma educação que proporcione aos alunos negros se entenderem como sujeitos ativos na construção da história e cultura da sociedade brasileira. Uma educação que desenvolva nos alunos negros autonomia, sentimento de liberdade, de luta para explanarem sem medo as suas visões de mundo, os seus pensamentos, os seus sentires. A escola precisa ser um ambiente atrativo para a população negra. Precisa ser um local que apresente de forma positiva os feitos, as narrativas, as lutas, culturas, tradições, modos de ser, sentir, viver, de experimentar o mundo da população negra.

Através da educação o aluno negro tem a possibilidade de romper as barreiras impostas e ser/ter o que ele quiser na sociedade. O aluno negro que é conduzido à evasão escolar, provavelmente está perdendo uma das oportunidades de ultrapassar os limites designados e de desconstruir a ideia de que para a população negra existem lugares estabelecidos.

A educação precisa fornecer mecanismos que auxiliem os alunos negros no ingresso, na permanência e na conclusão escolar. Com isso, os alunos negros terão instrumentos necessários para ocuparem lugares outros. É papel da escola se posicionar politicamente contra qualquer atitude discriminatória, desconstruir pensamentos racistas e desenvolver nos alunos autonomia e pensamentos críticos sobre a sociedade circundante. Dessa forma, a escola se constitui como um ambiente justo, igualitário, democrático, antirracista e formadora de sujeitos alheios a todo e qualquer pensamento discriminatório, preconceituoso e racista.

#### 4.2 O SENTIR E O SENTIDO DA EXISTÊNCIA NEGRA NOS AMBIENTE ESCOLARES

A escola, instituição social responsável pela transmissão do conhecimento, tem por objetivo principal aprimorar a capacidade intelectual do aluno, despertar o desejo de participar ativamente em mecanismos sociais e de se posicionar de forma crítica e reflexiva a cada situação solicitada. É também na escola que a troca de conhecimentos sobre histórias e culturas dos grupos étnicos que formam o país são colocadas em prática com o intuito de reconhecer e valorizar a diversidade étnica e cultural. Assim, os alunos compreendem que o país é composto de diferenças e que essas diferenças devem ser respeitadas.

Devido à implementação das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 muitas instituições escolares já possuem em suas grades curriculares o ensino das histórias e culturas dos negros e indígenas. No entanto, alguns professores não obtiveram em sua formação instruções de como trabalhar com questões étnico-raciais de forma que esse trabalho desconstrua e exclua práticas racistas dos ambientes educacionais. Conforme destaca Munanga (2005), no trecho a seguir, verifica-se que o despreparo de alguns educadores para desencadear reflexões sobre a

diversidade e conscientizar os alunos sobre a importância de respeitá-las tem raízes em ideias eurocêntricas, as quais possibilitaram a construção do mito da democracia racial:

Essa falta de preparo, que devemos considerar como reflexo do nosso mito de democracia racial, compromete, sem dúvida, o objetivo fundamental da nossa missão no processo de formação dos futuros cidadãos responsáveis de amanhã. Com efeito, sem assumir nenhum complexo de culpa, não podemos esquecer que somos produtos de uma educação eurocêntrica e que podemos, em função desta, reproduzir consciente ou inconscientemente os preconceitos que permeiam nossa sociedade. (MUNANGA, 2005, p. 17)

É, portanto, responsabilidade do professor adotar uma prática pedagógica que facilite a identificação do racismo e que quando praticado seja visto como uma atitude incorreta e inadequada. Salienta-se, no entanto, que essa não é somente uma responsabilidade que deve ficar a cargo dos professores, mas sim de todos os envolvidos na comunidade escolar. É relevante que juntos, coordenadores, professores, gestores reavaliem e revejam os planejamentos que estão sendo utilizados e reutilizados.

As práticas pedagógicas devem contemplar a diversidade e colaborar para a construção de uma sociedade mais harmônica e democrática. Todavia, com a afirmação do Munanga (2005), a seguir, percebe-se que as metodologias de muitos profissionais da educação ainda estão alicerçadas em ideias racistas:

Os instrumentos de trabalho na escola e na sala de aula, isto é, os livros e outros materiais didáticos visuais e audiovisuais carregam os mesmos conteúdos depreciativos e preconceituosos em relação aos povos e culturas não oriundos do mundo ocidental (MUNANGA, 2005, p.17).

O livro didático, na maioria das circunstâncias, é o único material disponibilizado para o trabalho realizado nas escolas públicas. É também para alguns alunos o único material de leitura e escrita no ambiente escolar e familiar para adquirir informações, conhecer novos mundos, perspectivas, formas de ser, pensar e agir e, assim ampliar o seu cabedal de conhecimentos.

Algumas escolas, no entanto, possuem bibliotecas com um acervo literário que pode contribuir significativamente no processo de formação de leitores reflexivos e críticos. Todavia, tanto o livro didático quanto essas obras disponibilizadas para as escolas, em sua maioria canônicas, tendem a se configurar, por vezes, como mecanismos reprodutores do racismo e de preconceitos.

A Literatura Afro-brasileira, por sua vez, mesmo configurando-se como uma literatura indispensável na formação de sujeitos conscientes, de que a sociedade é composta por pessoas que dispõem de ideologias, culturas, valores diferentes. Dificilmente a Literatura Afro-brasileira faz parte do acervo literário do público leitor nas bibliotecas escolares como uma possibilidade crítica para a formação literária dos alunos na escola, ficando restrita apenas às pessoas que possuem o interesse de conhecê-la e de entender os mecanismos de exclusão legitimados pela sociedade.

A escola não pode se configurar como um mecanismo de reprodução de atitudes e conceitos fundamentados na exclusão, mas sim como um ambiente que reproduz ações igualitárias e democráticas. “É preciso que a escola se conscientize cada vez mais de que ela existe para atender a sociedade na qual está inserida e não aos órgãos governamentais ou aos desejos dos educadores” (GOMES, 2005, p.149). O dever da escola é, juntamente com seus alunos, desconstruir a história estereotipada, equivocada que foi contada ao longo dos anos para, então ressignificá-la e a Literatura Afro-brasileira é um dos caminhos para atingir tal objetivo.

Entender e aceitar que o racismo existe e se faz presente em todos os ambientes sociais, inclusive nas escolas, é indispensável e o primeiro passo para prover um ensino voltado para o desenvolvimento igualitário dos indivíduos. Pensando nisso, apresenta-se no próximo subcapítulo procedimentos metodológicos organizados através do Livro *A cor da Ternura* (1998), livro literário afro-brasileiro, da escritora Geni Guimarães, como forma de explicitar a importância das histórias, culturas afro-brasileiras, de combater o preconceito racial e de construir percepções positivas a respeito da identidade étnico-racial dos sujeitos negros.

As atividades didático-pedagógicas presentes na Sequência Didática, *A cor da ternura*, desvelando o racismo e suas consequências no ensino de literatura, têm como objetivo contemplar as demandas exigidas pela Lei 10.639/2003 e atualizadas pela Lei 11.645/2008. Assim, por meio das reflexões apresentadas no livro *A cor da ternura* (1998) e das reflexões que serão suscitadas através de cada atividade proposta, será despertado no aluno negro o sentimento de compreensão da sua identidade étnico-racial e no aluno branco a consciência crítica sobre a importância de respeitar, aceitar e conviver com as diferenças.

Através do trabalho com o livro literário afro-brasileiro o (a) professor (a) poderá contribuir para desfazer discursos de ódio e práticas violentas que ocasionam morte de sujeitos negros na sociedade, cotidianamente. Através de conhecimentos sobre histórias e culturas dos afro-brasileiros, é possível não somente conhecer visões e temáticas diferentes, das quais alunos e professores estão acostumados a trabalhar e ler; como também, aprender a reconhecer, valorizar o outro, o diferente.

A Literatura Afro-brasileira é uma das estratégias para o avanço da luta contra o racismo e o desenvolvimento da população negra em todo o mundo, uma vez que possibilita que os negros tenham voz e que essas vozes ecoem por todos os lugares. Por meio dos conhecimentos explanados nas obras afro-brasileiras, os leitores negros compreenderão que os lugares designados não são a única opção e, compreendendo isso, romper as barreiras impostas passa a ser um dos maiores objetivos da população afrodescendente.

#### 4.3 SEQUÊNCIA DIDÁTICA: A *COR DA TERNURA*, DESVELANDO O RACISMO E SUAS CONSEQUÊNCIAS NO ENSINO DE LITERATURA

Com base no livro *A cor da Ternura* (1998) e considerando-o como um instrumento necessário para a reflexão crítica sobre as relações étnico-raciais no ambiente educacional, apresenta-se a seguir, como forma de cumprimento das Leis 10.639/03 e 11.645/08, atividades didático-pedagógicas que possibilitam o trabalho com histórias e culturas afro-brasileiras. Essas atividades têm como intuito ressaltar a identidade negra de forma positiva; desencadear o sentimento de pertencimento e explicitar a importância da população afrodescendente para a construção da sociedade brasileira em seus aspectos sociais, econômicos, políticos e histórico-culturais.

Notabiliza-se que as atividades propostas estão voltadas para a educação básica, mais especificamente, as turmas do 9º ano do ensino fundamental. Considera-se relevante trabalhar com o 9º ano, pois são alunos que possuem a faixa etária entre treze e dezesseis anos, momento em que a formação identitária e intelectual está se consolidando, sendo fundamental aperfeiçoar ou adquirir habilidades críticas e reflexivas sobre questões étnico-raciais.

Ademais, em razão do livro *A cor da ternura* compor o acervo literário infanto-juvenil e apresentar uma perspectiva do ser negro de modo sublime, aprazível, sensível e criativo, despertando fascinação e encanto do início ao fim. Torna-se, desse modo imprescindível um trabalho didático-pedagógico com a referida obra em sala de aula. Com o objetivo de proporcionar uma compreensão eficaz da metodologia utilizada as atividades estão divididas em seis etapas.

1ª Momento (para a realização dessa etapa serão necessárias 5 aulas.)

- Aulas iniciais (3 aulas)

Nessa primeira etapa, destaca-se a imprescindibilidade da (o) professora (o) se apresentar e conhecer os alunos que compõem a turma. Essa apresentação será realizada através

de uma dinâmica que tem como intencionalidade permitir que alunos e professora (o) se conheçam ao estabelecerem uma interação. Possibilita também constatar o perfil da turma ao averiguar os níveis de concentração, cooperação e participação.

Após os alunos se organizarem em círculo, de modo que todos sejam vistos pelos demais colegas, a atividade poderá ser iniciada. Primeiramente, sugere-se que a (o) professora (o) recite o poema “Integridade”, de Geni Guimarães (**Anexo A**). Ao finalizar a declamação desse poema a (o) professora (o) com uma bola na mão, dará início a dinâmica, relatando algumas informações a seu respeito. Por exemplo: Eu sou Diana, moro em Salvador-Ba, tenho 22 anos, gosto de músicas, filmes e séries e sou compreensiva. Após relatar essas descrições, perguntará ao primeiro integrante do círculo: e você, quem é? Feito isso, os alunos darão continuidade a brincadeira, revelando também nome, local onde mora, idade, gostos, preferências, entre outros.

A atividade mencionada é extremamente importante, uma vez que proporciona uma interação inicial, entre alunos e alunos e professora (o), de forma descontraída e agradável. Com o despertar de sentimentos como conforto e aconchego, os alunos constatarão que a sala de aula é um espaço aberto para a comunicação, o que possibilita a participação ativa de todos e desconstrói o ensino e aprendizado fundamentado em métodos tradicionais, em que somente a (o) professora (o) fala e os alunos, passivamente, ouvem.

Há a possibilidade da (do) professora (o) que mediará as aulas dispor de informações da turma por já terem trabalhado juntos em momentos anteriores. Diante dessa situação, a (o) professora (o) iniciará a aula recitando o poema “Integridade”, de Geni Guimarães e prosseguirá com as atividades listadas a seguir.

Após a realização da dinâmica ou a declamação do poema de Geni Guimarães, a (o) professora (o) pedirá que os alunos fiquem em círculo, entregará uma folha em branco e recomendará que, anonimamente, escrevam na folha uma palavra ou frase que explicita o que é ser negro e o que é ser negro na sociedade brasileira. Em seguida, a (o) professora (o) recolherá os papéis e irá misturá-los de forma a deixar embaralhados.

Feito isso, a (o) professora (o) convidará os alunos a ficarem de pé, recomendará que peguem um dos papéis embaralhados, leiam em voz alta o que está escrito e solicitará para aqueles que concordarem com a resposta dar um passo à frente e justificar os motivos que os levaram a concordar com o que fora escrito. Através dessa atividade, a (o) professora (o) poderá captar os conhecimentos prévios que os alunos possuem sobre questões referentes à população negra.

Para aperfeiçoar o entendimento sobre o que é ser negro na sociedade brasileira deverá ser exibido o documentário<sup>3</sup> “8 relatos sobre o que é ser negro no Brasil” com duração de 4 minutos. No documentário são apresentados relatos de pessoas negras que descrevem o que é ser negro na sociedade brasileira, como o racismo impacta negativamente na vida de cada uma delas, a importância de lutar contra o sistema opressor e a relevância de se compreender enquanto sujeito negro.

Assim como as pessoas entrevistadas no documentário, a protagonista Geni do livro *A cor da Ternura* (1998), ao longo da sua trajetória, foi vítima do sistema racista que busca invisibilizar os negros, cotidianamente. Dessa forma, o documentário é extremamente importante, pois despertará nos alunos o processo de formação de pensamentos críticos sobre as relações étnico-raciais na sociedade brasileira. A (o) professora (o) poderá trabalhar as diferenças étnicas e de classe presentes no meio social, levantar discussões sobre a pertinência de se compreender enquanto sujeito negro e preparar a turma para a leitura do livro *A cor da Ternura*.

No vídeo “8 relatos sobre o que é ser negro no Brasil”, os entrevistados apresentam alguns pontos negativos que evidenciam como é ser negro na sociedade brasileira. Tendo em vista isso, a (o) professora (a) solicitará que os alunos se dividam em grupos e recomendará que cada grupo elenque pontos positivos que caracterizem como é ser negro no Brasil.

A atividade poderá ser realizada da seguinte forma: após os alunos se dividirem em grupos e sentarem de forma que todos consigam visualizar a turma, a (o) professora (o) explanará algumas frases<sup>4</sup> que poderão servir como exemplo para iniciar a dinâmica. Feito isso, a professora solicitará que os grupos continuem a atividade e apresentem novos pontos positivos que evidenciem o que é ser negro no Brasil. Com essa atividade será possível entender a importância de ao falar sobre negros na sociedade brasileira salientar os pontos positivos a eles atrelados. Dessa forma, será possível extinguir a ideia de que a população negra só tem aspectos negativos ligados as suas histórias.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f16tvDITJbg> Acesso: 03 de ago. de 2020.

<sup>4</sup> Ser negro no Brasil é saber que Zumbi dos Palmares e Dandara dos Palmares foram dois grandes líderes na luta contra a escravidão;

Ser negro no Brasil é saber que a sociedade brasileira foi também construída por negros africanos e afrodescendentes;

Ser negro no Brasil é saber que a língua falada na sociedade brasileira teve grande influência de línguas africanas;

Ser negro no Brasil é saber que os ancestrais lutaram incansavelmente para mudar a realidade social na qual estavam inseridos;

Ser negro no Brasil é ver em programas televisivos um número significativo de pessoas negras, ainda que esse número não seja suficiente;

Ser negro no Brasil é ver negros conquistando cada vez mais espaços privilegiados.

O grupo que não conseguir pensar em algo, passa a vez para o próximo. O grupo que elencar mais pontos positivos poderá ser presenteado pela (o) professora (o) com algum brinde. Um objeto que pode ser usado para presentear o grupo ganhador é a boneca Abayomi<sup>5</sup>, a qual pode ser confeccionada pela (o) professora (o). Caso a (o) professora (o) não disponha de habilidades suficientes para criar a boneca Abayomi pode utilizar vídeos<sup>6</sup> do youtube como recurso para adquirir as informações necessárias.

**Figura 1: Bonecas Abayomi**



**Fonte:** <http://www.afreaka.com.br/notas/bonecas-abayomi-simbolo-de-resistencia-tradicao-e-poder-feminino/>

Acesso em: 13 de jul de 2021

- Aulas subsequentes (2 aulas)

A atividade consiste em um caça ao tesouro literário. Para a realização dessa atividade a (o) professora (o) precisará de alguns baús pequenos, os quais podem ser confeccionados ou comprados, e moedas de chocolate que deverão ser colocadas nos baús. Esses baús serão distribuídos em esconderijos pela escola e através das pistas listadas abaixo os alunos deverão procurá-los até encontrar o último tesouro.

---

<sup>5</sup> As bonecas Abayomi são caracterizadas como símbolo de resistência, uma vez que eram confeccionadas pelas mães africanas no percurso da África para os países da diáspora africana. Abayomi significa “encontro precioso”, portanto, ao presentear alguns alunos com bonecos e/ou bonecas Abayomi, a (o) professora (o) estará desejando também que os encontros das aulas sejam preciosos e repletos de felicidade, prazer e conhecimentos. Essas informações foram retiradas do site: <http://www.afreaka.com.br/notas/bonecas-abayomi-simbolo-de-resistencia-tradicao-e-poder-feminino/> Acesso em: 14 de janeiro de 2021.

<sup>6</sup> Disponíveis em: [https://www.youtube.com/watch?v=DC991Z\\_cBQY](https://www.youtube.com/watch?v=DC991Z_cBQY) Acesso em: 14 de janeiro de 2021.  
<https://www.youtube.com/watch?v=y781wJPW74E&t=5s> Acesso em: 14 de janeiro de 2021.

O último tesouro será um baú repleto de cópias do livro *A cor da Ternura* (1998) que poderá ficar na biblioteca da escola. Se, por ventura, a escola não puder ofertar as cópias do livro ou a (o) professora (o) não dispuser de recursos financeiros suficientes para ofertar aos alunos, poderá ser disponibilizada algumas cópias para o grupo que encontrar o tesouro na biblioteca. A (o) professora (o) poderá escanear o livro e disponibilizar em PDF para aqueles que dispuserem de suportes tecnológicos que permitam a leitura e, ao longo das aulas, a (o) professora (o) deverá transmitir também a obra em PDF em projetores de imagens para que todos tenham acesso.

Antes de iniciar a busca pelo tesouro a (o) professora (o) disponibilizará para as equipes algumas folhas de cartolinas e pedirá que produzam um cartaz com frases ou palavras que explicitem formas de combater o racismo. Ao terminar o cartaz cada equipe deverá colá-lo em algum lugar específico na sala. A equipe que finalizar o cartaz primeiro terá a oportunidade de iniciar a caça ao tesouro. A seguir apresenta-se dois exemplos de palavras e modelos que podem ser utilizados como moldes para aguçar a criatividade dos alunos. O primeiro modelo foi elaborado na plataforma digital Canva<sup>7</sup> e o segundo na plataforma digital Wordart<sup>8</sup>.

Salienta-se a imprescindibilidade da (o) professora (o) dispor de conhecimentos sobre as palavras utilizadas como exemplo. Há a possibilidade de os alunos não conhecerem os termos, ou conhecerem de forma superficial e questionarem a (o) professora (o). Ademais destaca-se a relevância da (o) professora (o) mediar a elaboração cartazes com o intuito de evitar que atividade tenha um efeito contrário daquilo que se espera.

---

<sup>7</sup> O Canva é uma plataforma digital utilizada para criar designs gráficos criativos e dinâmicos. A plataforma pode ser encontrada no site a seguir: <https://www.canva.com/> Acesso em 03 e maio de 2021. No Youtube estão disponíveis tutoriais sobre como utilizar o Canva: [https://www.youtube.com/watch?v=S-KCKC\\_cfKM](https://www.youtube.com/watch?v=S-KCKC_cfKM) Acesso em 03 de maio de 2021.

<sup>8</sup> O Wordart é uma ferramenta digital que permite o usuário elaborar nuvem de palavras. A plataforma pode ser encontrada no site a seguir: <https://wordart.com/> Acesso em 03 de maio de 2021. No Youtube estão disponíveis tutoriais sobre como utilizar a plataforma digital Wordart: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_NEuYX-AQx0](https://www.youtube.com/watch?v=_NEuYX-AQx0) Acesso em; 03 de maio de 2021.

Figura 2: Modelo para a produção dos cartazes



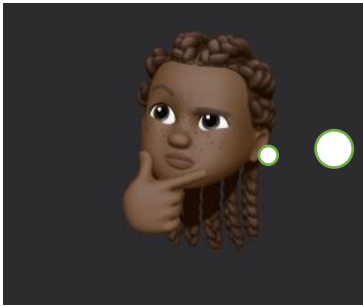
Fonte: Acervo pessoal (2021)

Figura 3: Modelo para a produção dos cartazes



Fonte: Acervo pessoal (2021)

Após a elaboração dos cartazes, o grupo que terminar primeiro poderá iniciar a caça ao tesouro. Salienta-se a importância da (do) professora (o) iniciar a atividade na sala de aula, pois a primeira pista será referente a algo presente nesse local. Antes da atividade ser iniciada, a (o) professora (o) informará aos alunos que escondeu tesouros em diversos lugares da escola e caberá a eles seguir as pistas para encontrar o último tesouro. Se necessário, a (o) professora (o) poderá modificar ou acrescentar outras pistas.



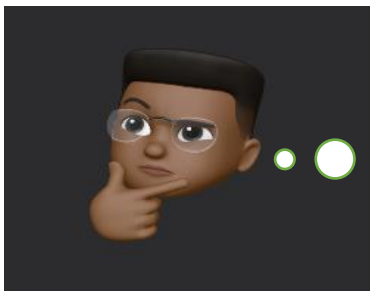
**Pista 1** – Cite um autor negro ou uma autora negra e ganhe o primeiro tesouro.



**Pista 2** - Quanto barulho lá fora, não é mesmo? Talvez se a fecharmos o barulho amenize.



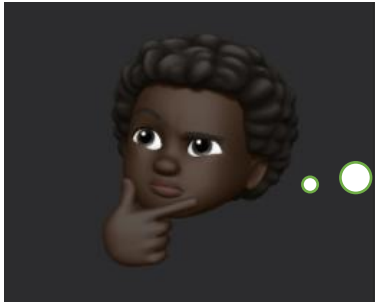
**Pista 3** - Procure o tesouro como se estivesse com muita sede de encontrá-lo.



**Pista 4** - Para avançar mais um pouco na caça, tenha uma visão mais ampla de onde poderia estar a próxima pista. Pense alto. Pense alto.



**Pista 5** - Será que a diretora se encontra no colégio?



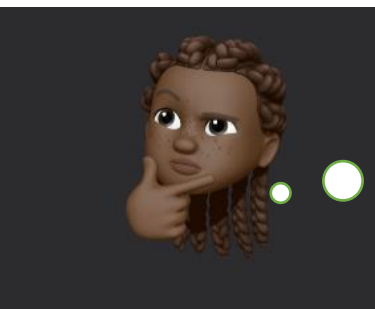
**Pista 6** - Hum... Que fome!



**Pista 7** - Hoje, acontecerá uma reunião com todos os professores.



**Pista 8** - Cansou? Se precisar, pare e sente um pouquinho.



**Pista 9** - Você está quase lá, a dica da vez é que tem algo muito próximo ao ambiente que usamos para fazer algumas necessidades fisiológicas.



**Pista 10** - Muito bem você está a poucos passos do tesouro, mas precisa continuar procurando. E se você parasse para admirar a natureza da escola?



**Pista 11** - Para encontrar o último tesouro será necessário ir até o lugar repleto de objetos utilizados por autores para expressar a imaginação e a criatividade.

Após os alunos encontrarem o último tesouro na biblioteca a (o) professora (o) falará brevemente sobre o que fora encontrado observando os seguintes questionamentos: que tesouro imaginavam encontrar? Gostaram do tesouro que encontraram? Vocês acham que a literatura é um tesouro? Por quê? Com o livro em mãos, a (o) professora (o) deverá explorar ainda os elementos presentes na capa como o título e a ilustração.

**Figura 4:** Geni Guimarães e o livro *A cor da ternura*



**Fonte:** <https://claudia.abril.com.br/cultura/escritoras-negras-brasileiras-que-voce-vai-adorar-conhecer/> Acesso em: 21 de dez. De 2020.

Portanto, deverão ser levantados questionamentos sobre o sentido explicitado no título e a imagem apresentada, e com base nesses elementos instigar os alunos a explanarem as impressões iniciais sobre a história que será narrada no livro. É interessante que a (o) professora

(o) não fale sobre a escritora nesse momento, pois, após a leitura do livro, será destinado um momento para que os alunos conheçam Geni Guimarães. Ao final dessa etapa, a (o) professora (o) deverá solicitar que os alunos leiam em casa o capítulo “Primeiras lembranças” do livro *A cor da ternura* para a próxima aula.

2ª Momento (para a realização dessa etapa serão necessárias 5 aulas)

- Aulas iniciais (2 aulas)

A (o) professora (o) deverá realizar, juntamente com os alunos, a leitura do livro *A cor da ternura* (1998). A leitura desse livro será realizada por capítulos. Antes que o processo de leitura inicie a (o) professora (o) deverá decorar a sala com objetos que deixem os alunos confortáveis como tapetes, almofadas para que eles sentem em círculo e agucem a imaginação. É importante que a leitura seja realizada pelos próprios alunos. Feita a leitura, os alunos deverão relatar as impressões que obtiveram do primeiro capítulo e da protagonista.

No primeiro capítulo, a protagonista Geni apresenta algumas reflexões sobre a pele negra. Tomando como base essas reflexões, a (o) professora (o) deverá transmitir em um projetor de imagens o documentário<sup>9</sup> “Dudu e o lápis de Cor” com duração de 19 minutos. É relevante que o documentário seja transmitido por completo para que os alunos visualizem toda trajetória do personagem principal.

No documentário o protagonista Dudu, menino negro que estuda em escola particular, é tomado por uma crise de identidade após a professora solicitar que ele pinte o desenho com o lápis de cor claro considerado por muitos como o “lápis cor de pele”. Com isso, é explanado que o racismo ainda que velado manifesta-se em todos os lugares, principalmente nos ambientes escolares.

Ao longo do documentário, o protagonista estabelece um diálogo com um personagem secundário e os dois ressaltam a importância de todos compreenderem que a sociedade brasileira é heterogênea e é imprescindível respeitar essa multiplicidade. Portanto, através da transmissão do documentário, a (o) professora (o) poderá estabelecer ligações com as reflexões apresentadas pela protagonista Geni no livro *A cor da ternura*. Com a analogia entre texto, recurso audiovisual e contexto os alunos poderão ampliar a visão crítica a respeito da pele negra e compreender a importância de se reconhecer enquanto sujeitos negros.

---

<sup>9</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=-VGpB\\_8b77U](https://www.youtube.com/watch?v=-VGpB_8b77U) Acesso em: 22 de dez. 2020.

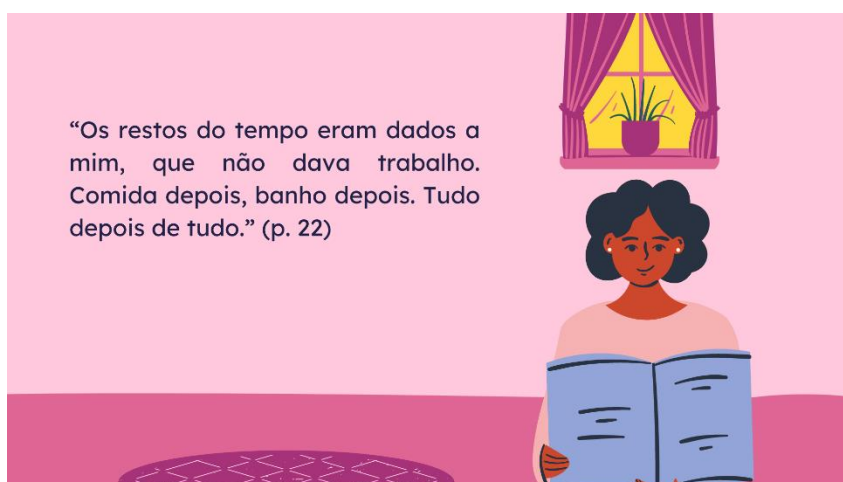
Em seguida, a (o) professora (o) entregará aos alunos algumas revistas e pedirá que eles procurem e recortem imagens de pessoas que possuam semelhança com a cor de pele e os traços físicos de cada um. Feito isso, será solicitado que os alunos apresentem a imagem escolhida e justifique os motivos que os auxiliaram na escolha.

A partir das discussões levantadas no capítulo trabalhado, no documentário e na atividade a (o) professora (o) poderá explicar que existem diferenças étnicas e elas precisam ser respeitadas. Os alunos terão a percepção de que a sociedade é composta por etnias diferentes, o que resulta em uma multiplicidade de tons de pele. Ao final da atividade a (o) professora (o) solicitará que os alunos leiam em casa os capítulos “Solidão das vozes” e “Afinidades”.

- Aulas subsequentes (3 aulas)

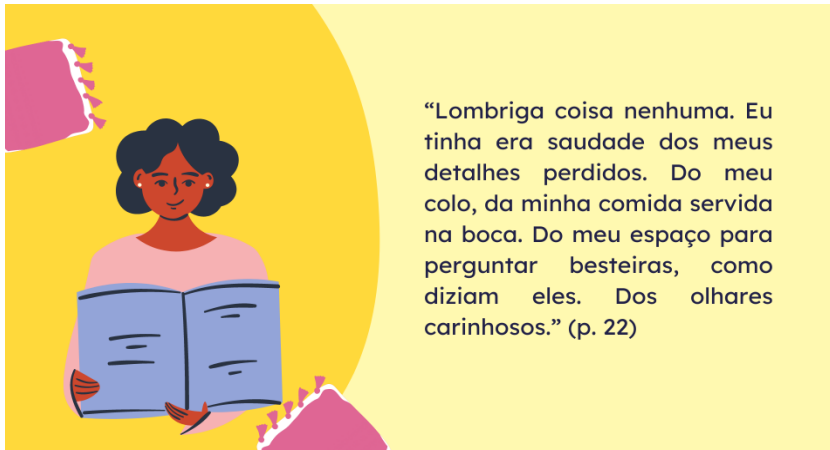
Com intuito de averiguar se os alunos fizeram a leitura dos capítulos solicitados na aula anterior, será realizada a seguinte atividade: após colocar os trechos dos capítulos “Solidão das vozes” e “Afinidades” listados abaixo dentro de uma caixa, a (o) professora (o) dividirá a turma em grupos e pedirá que o integrante retire da caixa um papel e comente sobre o trecho escolhido. Ao ler o trecho, o grupo deverá tecer alguns comentários, destacando as impressões e reflexões que obteve, o que mais achou interessante e/ou surpreendente e quais sentimentos foram despertados. Os trechos estão listados a seguir:

**Figura 5: Trecho 1 do livro *A cor da ternura***



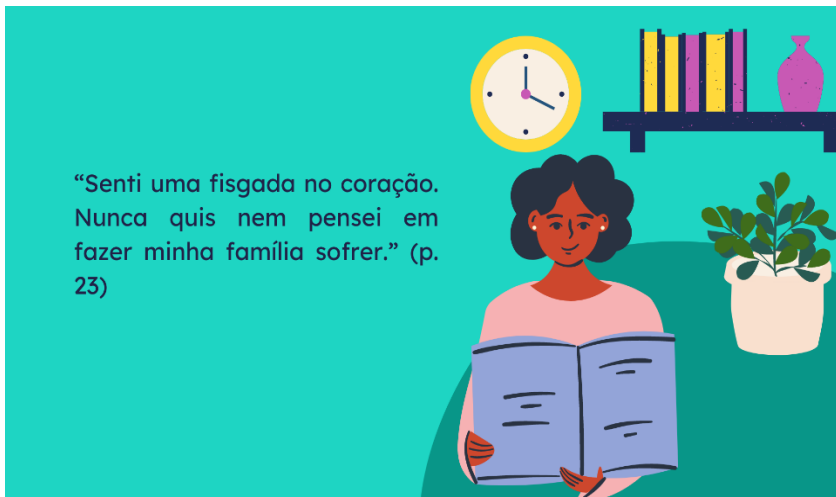
Fonte: Acervo pessoal (2021)

**Figura 6: Trecho 2 do livro *A cor da Ternura***



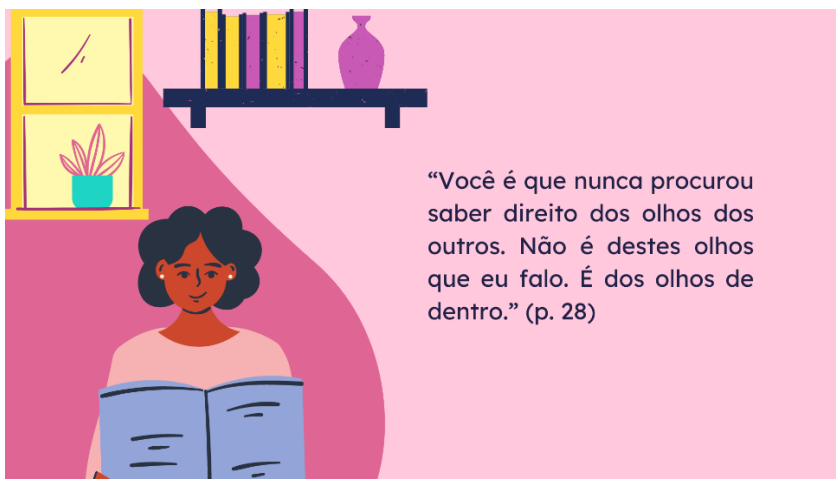
Fonte: Acervo pessoal (2021)

**Figura 7: Trecho 3 do livro *A cor da ternura***



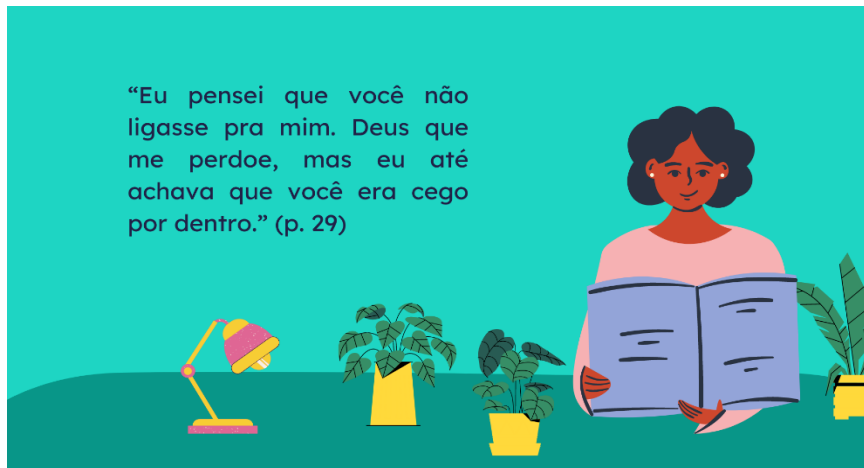
Fonte: Acervo pessoal (2021)

**Figura 8: Trecho 4 do livro *A cor da ternura***



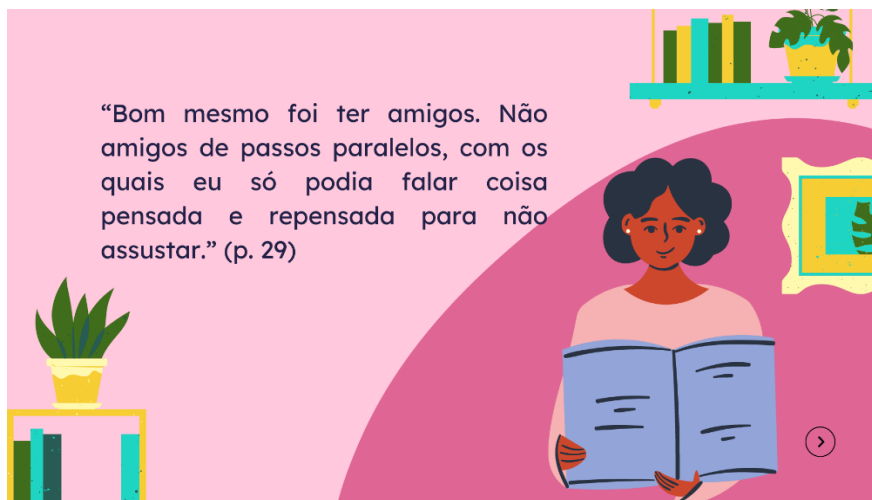
Fonte: Acervo pessoal (2021)

**Figura 9: Trecho 5 do livro *A cor da ternura***



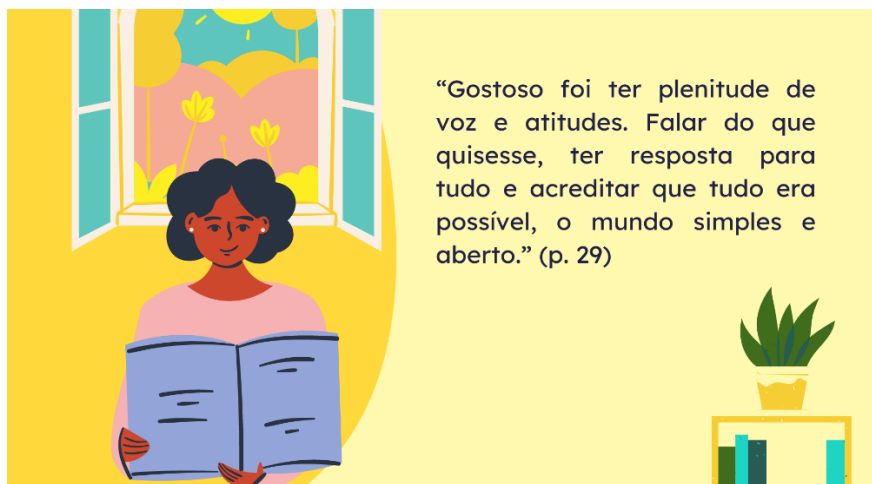
Fonte: Acervo pessoal (2021)

**Figura 10: Trecho 6 do livro *A cor da ternura***



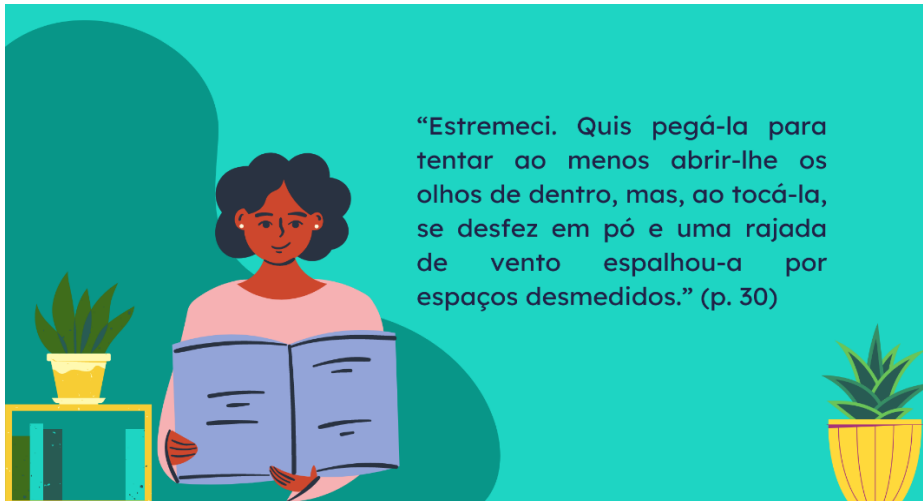
Fonte: Acervo pessoal (2021)

**Figura 11: Trecho 7 do livro *A cor da ternura***



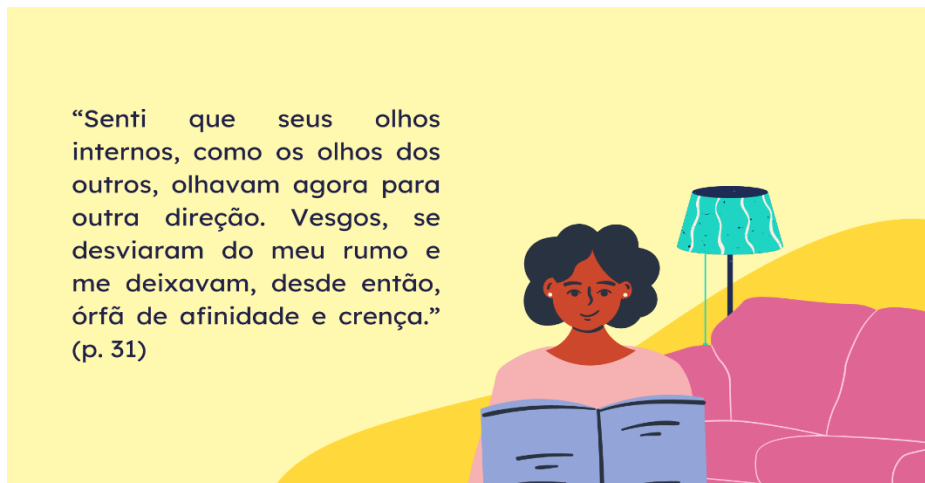
Fonte: Acervo pessoal (2021)

**Figura 12: Trecho 8 do livro *A cor da Ternura***



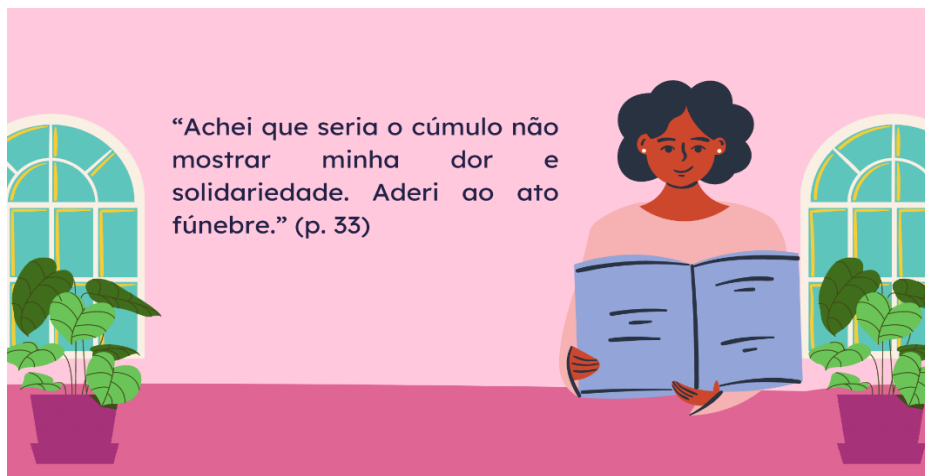
Fonte: Acervo pessoal (2021)

**Figura 13: Trecho 9 do livro *A cor da ternura***



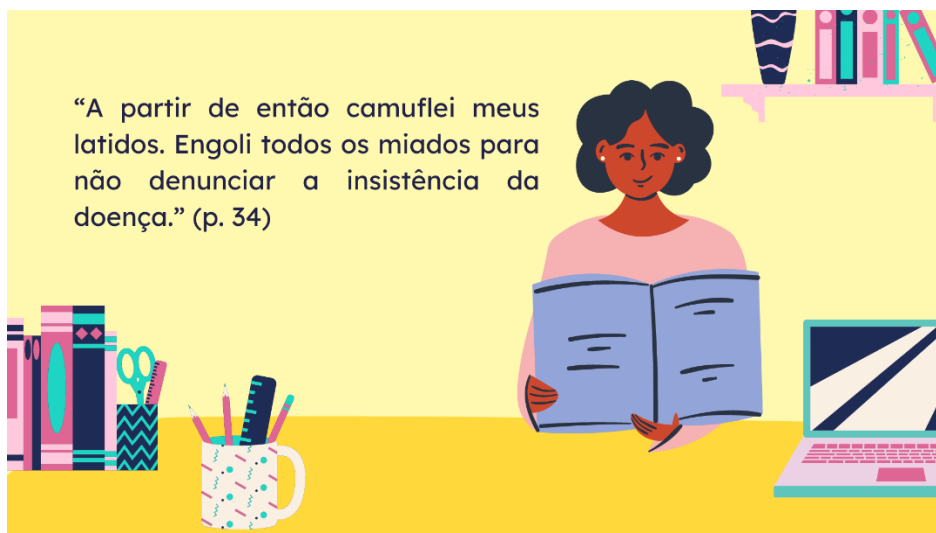
Fonte: Acervo pessoal (2021)

**Figura 14: Trecho 10 do livro *A cor da ternura***



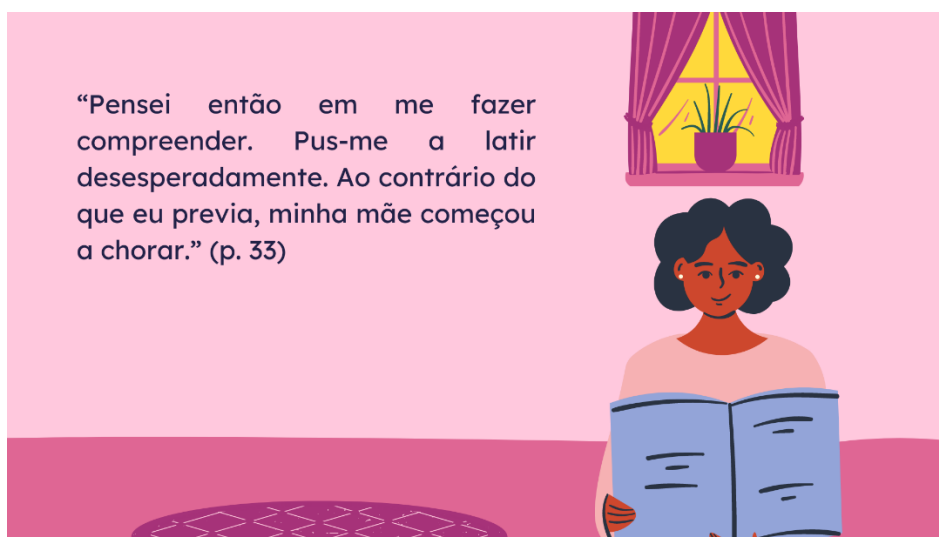
Fonte: Acervo pessoal (2021)

**Figura 15: Trecho 11 do livro *A cor da ternura***



Fonte: A cervo pessoal (2021)

**Figura 16: Trecho 12 do livro *A cor da ternura***



Fonte: A cervo pessoal (2021)

Ainda no capítulo “Afinidades”, Zumbi dos Palmares, líder quilombola, é mencionado. Desse modo, a (o) professora (o) poderá questionar aos alunos sobre a narrativa dessa figura histórica. Com o objetivo de apresentar mais informações deverá ser exibido em um projetor de imagens o livro<sup>10</sup> *Zumbi o pequeno guerreiro*. Nessa narrativa são explanadas algumas vivências e dados bibliográficos de Zumbi dos Palmares.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://pt.slideshare.net/AugustoBertotto/baixeo-livro-zumbi-o-pequeno-guerreiro-em-pdf>  
Acesso em: 10 de dez. de 2020.

Salienta-se a imprescindibilidade de serem explanadas também informações sobre o Quilombo dos Palmares, local onde Zumbi habitou durante 20 anos e formulou estratégias que contribuíram significativamente na luta contra o período abolicionista. Após explicitar as informações supracitadas, a (o) professora (o) auxiliará os alunos na reprodução das características estruturais do Quilombo em uma maquete<sup>11</sup>, semelhante à gravura abaixo, por exemplo:

**Figura 17: Maquete do Quilombo dos Palmares**



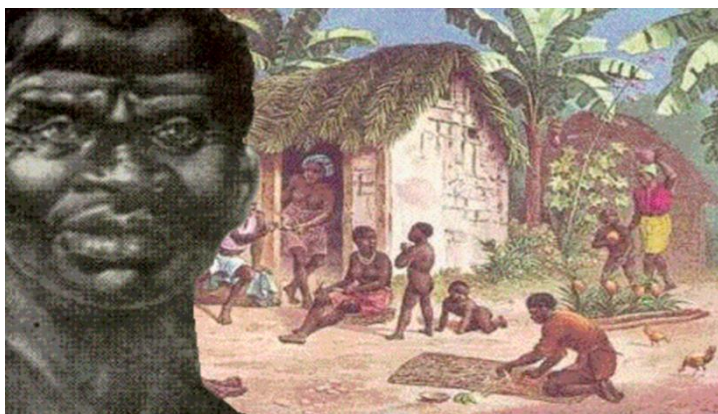
**Fonte:** <https://www.criandocomapego.com/atividade-sobre-o-quilombo-dos-palmares/> Acesso em 10 de dez. de 2020.

Para a construção da maquete os alunos deverão se organizar em grupo e serão necessários materiais como isopor, tinta guache, palitos (de dente, churrasco ou picolé), bonecos em miniatura para maquete, plantas artificiais e outros materiais que forem considerados essenciais. Destaca-se que ao transmitir em um projetor de imagens os dados bibliográficos de Zumbi dos Palmares a (o) professora (o) deverá transmitir também imagens do Quilombo dos Palmares para que os alunos conheçam um pouco mais desse ambiente e utilizem as imagens como inspiração para a criação das maquetes, conforme as figuras que seguem:

---

<sup>11</sup> O objetivo da maquete é apresentar para os alunos um pouco da estrutura e organização do Quilombo do Palmares.

**Figura 18: Zumbi e o Quilombo dos Palmares**



Fonte: <https://www.estudokids.com.br/a-historia-de-quilombo-dos-palmares/> Acesso em 10 de dez de 2020.

**Figura 19: Quilombo dos Palmares**



Fonte: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/quilombo-dos-palmares> Acesso em: 11 de dez. de 2020.

3ª Momento (para a realização dessa etapa serão necessárias 5 aulas)

- Aulas iniciais (3 aulas)

A sala de aula deverá ser organizada de modo que fique aconchegante e confortável para os alunos. Feito isso, juntos, professora (o) e alunos iniciarão a leitura dos capítulos “Viagens” e “Tempos escolares”. Nesses capítulos são narradas algumas situações racistas que ocorrem ainda na infância da protagonista. Assim, após a leitura, a (o) professora (o) deverá transmitir em um projetor de imagens e de som a música Black black<sup>12</sup> com duração de 2 minutos.

Na música Black black os elementos da identidade étnico-racial de sujeitos negros são apresentados de forma positiva, desconstruindo visões racistas que ainda perduram na sociedade. Portanto, através dessa música os alunos negros perceberão a importância de se compreender

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O9tp2ImWC-M> Acesso em 11 de dez. de 2020.

enquanto negro, de se amar, se conhecer e reconhecer a identidade étnico-racial e os alunos não negros compreenderão a importância de respeitar a diversidade que o mundo explicita.

Em seguida, os alunos deverão se organizar em grupos para a realização da seguinte atividade: o nome da atividade é concurso musical. Cada grupo deverá escolher músicas de cantores negros que falam sobre questões étnico-raciais e cantar para o resto da turma. O grupo que não apresentar alguma música, deverá passar a vez para o próximo grupo. Conquistará a posição final que conseguir cantar mais músicas.

Se, por ventura, os alunos não conseguirem realizar a atividade listada anteriormente, a (o) professora (o) poderá substituí-la pela seguinte dinâmica: inicialmente, a (o) professora (o) deverá selecionar algumas músicas e apresentar para os alunos apenas a melodia de cada uma delas. Caberá aos alunos adivinhar a letra da música que estará sendo transmitida em uma caixa de som. O grupo que identificar o maior número de letras musicais chegará ao final da dinâmica.

Apresenta-se a seguir algumas músicas que podem ser utilizadas para a realização da atividade:

Um sorriso negro, de Dona Ivone Lara;  
Olhos coloridos, de Macau;  
Linda e Preta, de Nara Couto;  
Respeita a minha pele, de Marvyn;  
Negro gato, de Getúlio Cortês;  
Conto das três raças, Mauro Duarte e Paulo Cesar Pinheiro;  
A coisa tá preta, de Rincon Sapiência;  
Respeitem meus cabelos brancos, de Chico César;  
Negro Lindo, do Parangolé.

As músicas utilizadas além de despertarem os alunos para a importância do enaltecimento de aspectos da identidade afrodescendente, servirão como inspiração, motivação para que os alunos realizem a próxima atividade. Finalizada a competição, a (o) professora (o) solicitará que os alunos criem uma canção ou façam uma paródia, que pode ser baseada nas canções utilizadas na atividade anterior ou que pode ser baseada em outras músicas que os alunos conheçam.

Para a realização dessa atividade os alunos terão que criar canções ou paródias sobre questões étnico-raciais. Podem ser canções sobre elementos culturais, históricos da população afrodescendente, podem ser sobre representatividade; sobre respeito para os negros, identidade negra, entre outras questões. Com as canções criadas, professora (o) e os alunos poderão

organizar podcasts<sup>13</sup> como forma de veicular as publicações. Após o término da atividade, a (o) professora (o) solicitará que os alunos leiam em casa o capítulo “Metamorfose” para a próxima aula.

- Aulas subsequentes (2 aulas)

No capítulo “Metamorfose” as histórias do período escravocrata são contadas a partir de visões estigmatizadas formuladas pela classe hegemônica. Com o intuito de explicar o processo de luta e resistência da população negra para se dissociarem das amarras do processo colonial e evidenciar as conquistas dessa população a (o) professora (o) distribuirá para os alunos alguns cordéis<sup>14</sup>, da escritora Jarid Arraes.

Através das histórias de Acotirene, Anastácia, Antonieta de Barros, Aqualtune, Carolina Maria de Jesus, Dandara dos Palmares, Laudelina Campos, Luísa Mahin, Maria Felipa, Maria Firmina dos Reis, Mariana Crioula, Tereza de Benguela, Tia Ciata, Tia Simoa, Zacimba Gaba e Zeferina, e outras, os alunos poderão desconstruir as histórias equivocadas e estigmatizadas referentes a população negra e conhecer narrativas de mulheres que lutaram incansavelmente contra o sistema opressor e racista.

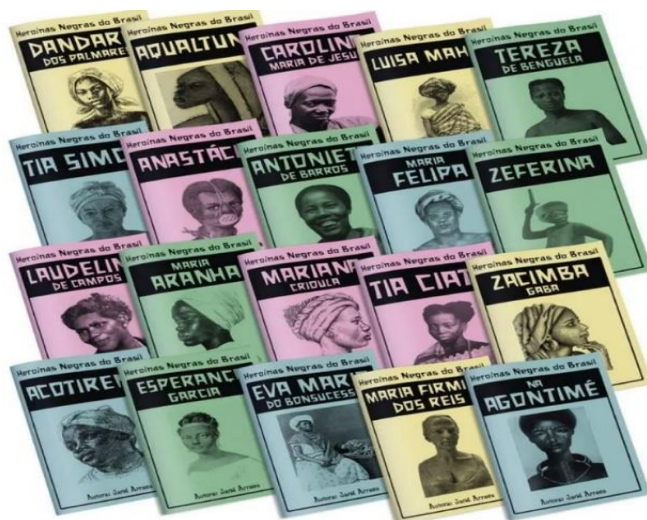
Ademais, a (o) professora (o) pedirá que cada aluno conte uma dessas histórias para familiares, amigos, conhecidos e recomendará que ele convide essas pessoas para a próxima aula, com o objetivo de relatarem como procedeu a experiência de conhecimento das narrativas. Se, por ventura, os convidados não puderem comparecer ficará a cargo dos alunos descreverem como as narrativas foram recepcionadas, se as pessoas gostaram, como se sentiram, se já conheciam a protagonista da história e se consideraram importante conhecê-la.

---

<sup>13</sup> Podcast é um conteúdo em forma de áudio criado pelos usuários para transmitir informações. O Podcast pode ser criado na plataforma digital Podomatic, ferramenta que possibilita a criação e compartilhamento de Podcasts. Por meio do Podomatic os alunos têm a possibilidade de organizarem um arquivo MP3 ou criar uma rádio virtual. A ferramenta digital Podomatic está disponível no site a seguir: <https://www.podomatic.com/login?.done=https%3A%2F%2Fwww.podomatic.com%2Fuser%2Fonboarding>. Acesso em 16 de fev. 2021.

<sup>14</sup> Os cordéis podem ser encontrados no site a seguir: <http://jaridarraes.com/cordeis/> Acesso em 25 de nov. de 2020.

Figura 20: Cordéis de Jarid Arraes



Fonte: <http://jaridarraes.com/cordeis/> Acesso em: 25 de nov. de 2020.

4ª Momento (para a realização dessa etapa serão necessárias 5 aulas)

- Aulas iniciais (3 aulas)

Antes de iniciar a leitura do capítulo “Alicerce”, a (o) professora (o) pedirá que os convidados ou os alunos relatem as informações adquiridas na atividade solicitada ao final da aula anterior. Salienta-se a importância da (do) professora (o) receber os convidados e apresentá-los para os demais. Em seguida, deverá ser iniciada a leitura do capítulo. No capítulo “Alicerce” a protagonista Geni inicia o processo que lhe levará a realização do sonho de ser professora.

Esse desejo foi despertado em Geni após seu pai constatar informações sobre o jogador Pelé no jornal. Desse modo, a (o) professora (o) deverá disponibilizar para os alunos um jogo de tabuleiro que tem por objetivo despertar o sentimento de representatividade assim como Pelé despertou em Geni.

Através do jogo, os alunos terão contato com imagens de pessoas negras que ocuparam e ocupam posições de destaque na sociedade brasileira, o que despertará no aluno afrodescendente o sentimento de identificação através da representatividade. O jogo está disponibilizado no **Apêndice A** e funciona da seguinte forma: de início a (o) professora (o) deverá dividir a turma em grupos e cada grupo terá que escolher um representante para competir. Feito isso, as regras do jogo deverão ser explanadas.

Logo depois da decisão sobre qual o (a) representante jogará primeiro, por meio da técnica eliminatória 0 ou 1, este deverá jogar o dado. A quantidade de números que revelar deverá ser o local em que o aluno colocará o pino. Destaca-se que para chegar ao final e ser o ganhador cada integrante passará por alguns desafios. Em um desses desafios será necessário

escolher fotografias de algumas pessoas negras que estarão em uma caixa fechada. Ganha o desafio quem acertar o nome da pessoa presente na imagem escolhida. As fotografias estão presentes no **Apêndice B**.

Se o representante jogar o dado e a quantidade de números o levar até a casa em que está desenhado uma nuvem, o integrante deverá solucionar o desafio presente na caixa. Porém, se a quantidade de números o levar até a casa com uma seta, o participante deverá pular duas casas. O X, por sua vez, indica que o representante perdeu e deverá voltar ao ponto de chegada e a seta virada ao contrário revela que deverá voltar três casas.

Se ao jogar o dado, a quantidade de números levar o integrante até o *emoji* bônus ele terá a chance de escolher se prefere avançar duas casas ou que algum dos integrantes retroceda duas casas. Porém, se ele jogar e cair em uma posição que não indique nada além de números, permanece no local onde está e passa a vez para o outro competidor.

Caso alguns dos integrantes não consigam solucionar o desafio outro integrante poderá responder corretamente e avançar duas casas. Chegará ao final do jogo quem ultrapassar todos os obstáculos e acertar os desafios. Ao final da aula, a (o) professora (o) deverá solicitar que os alunos leiam em casa os capítulos “Mulher”, “Momento cristalino” e “Força flutuante” para a próxima aula.

- Aulas consecutivas (2 aulas)

Nos capítulos “Mulher”, “Momento cristalino” e “Força flutuante”, é apresentado o caminho que a protagonista Geni precisou percorrer para realizar o sonho de ser professora. Portanto, a (o) professora (o) solicitará que os alunos relatem os sonhos e desejos que mais anseiam e os caminhos que pretendem percorrer para alcançá-los.

Em seguida, a (o) professora (o) organizará a turma para a realização da dinâmica Bexiga dos sonhos. Para a dinâmica ser colocada em prática cada aluno receberá uma bexiga e um papel. A (o) professora (o) solicitará que os alunos escrevam no papel os sonhos que pretendem alcançar e que ao final coloquem esse papel na bexiga, a qual deverá ser inflada. Logo após, a (o) professora (o) pedirá que cada aluno proteja os seus sonhos.

Geralmente, alguém estoura a bexiga dos demais alunos, motivando o resto da turma. Com os balões estourados a (o) professora (o) deverá relatar que ao longo da vida surgem obstáculos que podem despertar sentimentos negativos em relação aos sonhos almejados. Mas, assim como a protagonista, que fez dos desafios motivação para continuar trilhando o seu caminho, os alunos devem driblar cada obstáculo e utilizá-los como instrumentos motivacionais e auxiliares na realização de seus sonhos. Com essa atividade, a (o) professora (o) explicitará

para os alunos que os sonhos são motivos que impulsionam os sujeitos a seguirem em frente independente dos obstáculos que surjam ao longo de sua trajetória.

5ª Momento (para a realização dessa etapa serão necessárias 5 aulas)

- Aulas iniciais (3 aulas)

A (o) professora (o) iniciará a aula indagando os alunos a respeito do escritor ou escritora do livro. Deverá ser criado um suspense sobre a pessoa que escreveu a obra. A (o) professora (o) poderá perguntar como os alunos imaginam o escritor ou escritora do texto e quem eles acreditam ser. Após as especulações dos alunos, a (o) professora (o) apresentará no data show imagens de alguns autores e pedirá que os alunos destaquem a pessoa que eles acreditam ser o autor ou autora do livro. As imagens encontram-se no **Anexo B**.

Destaca-se a importância da (do) professora (o) averiguar se as escolhas dos alunos estão centradas em autores brancos e/ou autoras brancas. Caso isso aconteça, a (o) professora (o) deverá explicitar que em razão do sistema racista ainda presente na sociedade os escritores negros foram reconhecidos como escritores de modo tardio e por esta razão muitas pessoas ainda acreditam que os negros, dificilmente escrevem. Outro fator é o trabalho constante com obras da literatura canônica escritas, em sua maioria, por autores brancos e autoras brancas e que retratam os negros a partir de estereótipos.

Após os alunos constatarem que Geni Guimarães é a autora do livro, a (o) professora (o) perguntará se já conheciam a pessoa da imagem, se já viram em algum lugar e se já leram alguma obra dessa autora. Logo em seguida, a (o) professora (o) deverá expor algumas informações biográficas de Guimarães e através da explanação do documentário<sup>15</sup> “Nós mulheres: entrevista com Geni Guimarães”, com duração de 6 minutos, apresentar informações da autora de forma mais detalhada.

Antes da (o) professora (o) iniciar a explanação da biografia de Geni Guimarães, será necessário salientar para os alunos prestarem atenção em cada informação disponibilizada e anotarem como o intuito de fixarem melhor essas informações. Isso será necessário, uma vez que após a transmissão do vídeo que contém a entrevista com Geni Guimarães a professora solicitará que os alunos elaborem um mapa mental com informações e fotografias da autora, do lugar onde mora e dos familiares.

Para isso, será necessário que a (o) professora (o) leve para aula todo o material necessário. Essa atividade será realizada em conjunto. Todos os alunos participarão. O mapa

---

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8FBv8jGSPdc> Acesso em: 12 de fev. de 2021.

mental pode ser criado em uma folha de papel metro ou pode ser criado no aplicativo Gonconqr<sup>16</sup>. Caso o professor opte pela plataforma digital, há a possibilidade de transmiti-la no projetor de imagens e juntos, alunos e professora (o) construirão o mapa mental.

- Aulas subsequentes (2 aulas)

A atividade consiste em uma oficina de personagens. A (o) professora (o) pedirá que os alunos tomem como base a narrativa de Geni Guimarães e elaborem personagens protagonistas negros, apresentando uma narrativa para cada um deles. Para a realização da atividade a (o) professora (o) deverá entregar aos alunos papel cartão, papel EVA, papel crepom, cola, tesoura, lápis de cor, hidrocor, régua, tecido e outros materiais necessários para a realização de uma oficina de criação de personagens.

Após os alunos finalizarem a criação, a (o) professora (o) solicitará que eles iniciem a escrita de uma narrativa para os personagens criados na oficina. Na narrativa deve conter os seguintes quesitos: nome do personagem, características físicas e psicológicas, local onde nasceu e mora atualmente, descrição desses ambientes, revelando se ficam localizados nos centros ou em comunidades periféricas.

É importante destacar também se o personagem estuda e/ou trabalha, a instituição ou cargo de estudo e trabalho, apresentar os familiares e amigos. Explicitar se o personagem já passou por alguma situação constrangedora, se a situação constrangedora interferiu na construção e reconhecimento da sua identidade, se ficaram traumas, se despertou o desejo de mudar aspectos físicos, comportamentos por causa desse acontecimento, se ele superou e como superou.

Em seguida, os alunos farão a socialização dos personagens construídos e explanarão a narrativa solicitada. Com a apresentação a (o) professora (o) deverá verificar como os personagens foram construídos e descritos nas narrativas. Se houver a reprodução de estereótipos, preconceito, racismo a (o) professora (o) deverá dialogar com turma sobre como surgiram esses arquétipos, o motivo que ainda são difundidos pela e na sociedade e a importância de não os reproduzir.

---

<sup>16</sup> A plataforma digital Gonconqr é um recurso que dispõe de alguns instrumentos educacionais, possibilitando que o professor elabore e compartilhe conteúdos e crie mapas mentais, notas, quizzes, flashcards, entre outros. O Gonconqr pode ser encontrado no site a seguir: <https://www.goconqr.com/pt-BR>. No link a seguir a (o) professor encontrará um tutorial sobre como criar mapas mentais na plataforma supracitada: <https://www.youtube.com/watch?v=n--cBBtSfb8>. Acesso em: 12 de fev. de 2021.

6ª Momento (para a realização dessa etapa serão necessárias 5 aulas)

- Aulas iniciais (3 aulas)

Para iniciar essa aula a (o) professora (o) disponibilizará aos alunos uma atividade com o objetivo de finalizar a leitura do livro *A cor da Ternura*. Para a realização dessa atividade os alunos deverão, individualmente, produzir um texto autobiográfico, apresentando suas vivências durante a trajetória de vida. A atividade está disponibilizada no **Apêndice C**. Após a escrita e reescrita das produções autobiográficas, professora (o) e alunos deverão produzir um mini livreto das produções textuais que pode compor o acervo literário disponível na biblioteca da escola.

Em seguida, alunos e professora (o) deverão elaborar e organizar uma página em redes sociais como *Instagram*, *Facebook*, *Piterest*. O objetivo da página é compartilhar com outras pessoas as atividades que foram realizadas ao longo do processo. Assim, outros poderão perceber a relevância do trabalho com questões étnico-racial dos sujeitos negros e os efeitos positivos que ele desencadeia. Com a escolha do nome e a abertura da página, as atividades realizadas ao longo do projeto deverão ser postadas, a exemplo de fotografias dos trabalhos organizados e os textos produzidos pelos alunos. Salienta-se a importância de os alunos divulgarem a página para ter mais visibilidade e alcançar um grande número de pessoas. Ademais, a (o) professora (o) solicitará que os alunos preparem e organizem uma intervenção literária para as próximas aulas. Com a intervenção literária outros sujeitos que fazem parte da comunidade escolar poderão conhecer um pouco do trabalho que foi realizado ao longo do projeto.

- Aulas consecutivas (3 aulas)

Para a realização da intervenção literária poderão ser feitas encenações teatrais do livro *A cor da Ternura*, exposição das imagens presentes no livro, declamações de poemas de Geni Guimarães, exibição da página organizada na plataforma digital, do mini livreto e apresentações dos trabalhos realizados ao longo do projeto como os textos, os painéis, os cordéis da escritora Jarid Arraes, fotografias dos alunos, dentre outros. A atividade deverá ocorrer no auditório do colégio ou em outra área propícia para as apresentações e a ornamentação do ambiente escolhido será de responsabilidade dos alunos, que escolherão uma decoração referente ao tema trabalhado ao longo do projeto.

### Avaliação

Notabiliza-se que a avaliação será processual, uma vez que por essa avaliação a (o) professora (o) verificará se os objetivos traçados foram atingidos e se o processo de aprendizagem ocorreu de modo exitoso ao longo do projeto. Para isso, será necessário que a (o) professora (o) se atente ao desenvolvimento dos alunos ao averiguar se ao longo das aulas eles compreenderam e absorveram as informações passadas, se pensamentos críticos e reflexivos a respeito da temática trabalhada foram formados, se concepções fundamentadas no racismo foram modificadas e se houve a participação por parte de todos nas atividades.

Ademais, a (o) professora (o) deverá analisar as atividades orais e escritas e o desenvolvimento de todos nos diálogos que foram suscitados. Deverá solicitar também que os alunos avaliem as atividades que foram colocadas em prática ao longo das aulas, a forma como o professor mediou as aulas e se autoavaliem, revelando se todo esse trabalho foi significativo e satisfatório não só em suas trajetórias educacionais como pessoais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Difícilmente, ao folhear um livro literário tradicional, o leitor irá encontrar personagens negros dotados de vozes, autonomia e de sentimento de existência para o outro. Diante disso, a Literatura Afro-brasileira, pretende, dentro da sua narrativa, seja ela em prosa ou em verso, questionar o racismo no Brasil e valorizar as raízes africanas e afrodescendentes. A partir de uma linguagem, uma temática e um ponto de vista afro-brasileiro, os textos que fazem parte dessa categoria, buscam evidenciar a resistência, as reivindicações e denunciar as condições subalternas de vida do afrodescendente impostas por uma sociedade dominante que o oprime, cotidianamente.

No entanto, mesmo após um longo período de pesquisas, debates e implementação de leis que ratificam a relevância da Literatura Afro-brasileira e a necessidade e urgência de incluí-la nos projetos pedagógicos de ensino, poucas são as vezes que as escolas trabalham com temáticas étnico-raciais dos sujeitos negros. Logo, o racismo, o preconceito e a discriminação tendem a ser práticas recorrentes nos ambientes educacionais.

Diante disso, averiguou-se a relevância de elaborar uma pesquisa que promova discussões referentes a necessidade de educar os sujeitos através de práticas alicerçadas em uma literatura que apresente culturas e histórias afrodescendentes. Através de obras da Literatura Afro-brasileira os professores explanarão para os alunos a importância de problematizar as hierarquias sociais construídas, a formação de identidades estabelecidas, promover o combate ao preconceito, a discriminação e o racismo e, ainda valorizar a autoestima como principal ponto de partida na luta contra a formulação de estereótipos.

Na medida em que a escola assume uma postura transformadora de pensamentos e atitudes e fornece subsídios para a compreensão de uma construção humana diversificada, crítica, reflexiva e consciente da sua atuação e interferência em toda e qualquer situação social, ela ocasiona discussões significativas sobre diversos assuntos que por muito tempo foram considerados irrelevantes. Por isso, ao longo desse projeto destacou-se a imprescindibilidade do trabalho com o livro *A cor da ternura*, o qual compõe o acervo literário afro-brasileiro e contribui relevantemente para a construção de uma educação democrática e antirracista.

Ao incluir temáticas étnico-raciais nos projetos pedagógicos, a escola passa a cumprir o papel de instrumento transformador de pensamentos e realidades. O trabalho com as exigências determinadas pelas Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, desde as primeiras idades em que se processa e se elabora informações na mente humana pode contribuir de maneira eficaz para

que os sujeitos compreendam rapidamente a sua relação no mundo a partir da sua identidade étnico-racial.

Desse modo, elaborou-se uma sequência-didática com atividades alicerças no livro *A cor da Ternura*, as quais poderão auxiliar professores e professoras na inserção de temáticas afro-brasileiras no ensino de literatura. Com as atividades será despertado nos alunos a consciência crítica para analisarem o mundo circundante ao estabelecerem analogias contundentes entre texto e contexto. Ademais, a sequência possibilitará que os alunos negros se compreendam negros e adquiram autonomia para se desvencilharem dos lugares designados.

Portanto, é necessário que os gestores escolares e educadores, possuam formação, habilidade e competência para trabalhar com questões étnico-raciais de forma a rever conceitos, desconstruir estereótipos, detectar práticas racistas, reavaliar e replanejar métodos pedagógicos. Feito isso, a sociedade brasileira terá inúmeras possibilidades de mudar o seu cenário desigual, racista e antidemocrático.

A comunidade escolar poderá explanar para os alunos outros modos de ser, se compreender e se conceber no mundo. Ela explicitará perspectivas, vivências que foram excluídas ao longo do tempo e de forma conseguinte evidenciará para os alunos negros a importância de compreenderem que os lugares no mundo vão muito além dos que foram estabelecidos pela sociedade hegemônica. Dessa forma, a escola permitirá que todos os alunos entendam o passado histórico que foi invisibilizado, ao longo do tempo, tentem modificar o presente e tenham um futuro, no qual as diferenças sejam aceitas e respeitadas.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Wlamyra e FILHO, Walter. **Uma História do negro no Brasil. Centro de Estudos Afro-Orientais**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.
- ALVES, Bruno, **Chimamanda Adichie: o perigo da história única**. Youtube, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EC-bh1YARsc>. Acesso em: 11 de maio de 20.
- ALVES, Mirian. **Brasil Autorrevelado: Literatura Brasileira Contemporânea**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- ANDRADE, Mário. **Macunaíma: o herói sem caráter**. São Paulo: Oficinas Gráficas, 1928.
- BALADA LITEÁRIA. Abertura da balada literária 2020. Youtube, 2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Gy2jOpwu\\_EU&list=FLc9ChBfINxUc9oiT\\_SlgJ9Q&index=2&t=0s](https://www.youtube.com/watch?v=Gy2jOpwu_EU&list=FLc9ChBfINxUc9oiT_SlgJ9Q&index=2&t=0s). Acesso em: 3 de set. de 2020.
- BERND, Zila. **O que é negritude**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- DALCASTAGNÉ, Regina. **Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea**. v. 13, p. 86-110, 2008. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9620/1/ARTIGO\\_SilencioEstereotiposRelacoes.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9620/1/ARTIGO_SilencioEstereotiposRelacoes.pdf). Acesso em: 22 de set. de 2020.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**; tradução de Heci Regina Cndiani. 1.ed. São Pulo: Boitempo, 2016.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, v. 1, p. 11-24, 2008. Disponível em: [https://social.stoa.usp.br/articles/0037/3053/Literatura\\_Afro-brasileira\\_EDUARDO.pdf](https://social.stoa.usp.br/articles/0037/3053/Literatura_Afro-brasileira_EDUARDO.pdf). Acesso em: 24 de nov. de 2019
- DUARTE, Eduardo de Assis. O negro na literatura brasileira. **Navegações**, v.6, n. 2, 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/16787>. Acesso em: 15 de jun. de 2020.
- GOMES, Nilma Lino. Educação e Relações Raciais: refletindo Sobre Algumas Estratégias de Atuação. In: MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Fundamental, 2005.
- GUIMARÃES, Geni. **A cor da ternura**. 12. ed. São Paulo: FTD, 1998.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. **Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil**. IBGE, 2018. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/10091/0>. Acesso em: 10 de ago. de 2020.

MUNANGA, Kabengele. (Org.) **Superando o Racismo na Escola**. 3ed. Brasília: Ministério da Educação, 2005.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional Versus Identidade Negra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude usos e sentidos**. Belo horizonte: Autêntica Editora, 2009.

PENSADOR. Geni Guimarães: Integridade. S.D. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MjcwOTYyMA/> Acesso em: 15 de set. de 2020.

SANTOS, Gabriele Borges Santos e. **Imagens com trechos do livro A cor da ternura**. 15 de maio de 2021. Disponível em: [https://www.canva.com/design/DAEZIfwpnVQ/hR9p9v3ggINV2JDW70CwVg/view?utm\\_content=DAEZIfwpnVQ&utm\\_campaign=designshare&utm\\_medium=link&utm\\_source=publishsharelink](https://www.canva.com/design/DAEZIfwpnVQ/hR9p9v3ggINV2JDW70CwVg/view?utm_content=DAEZIfwpnVQ&utm_campaign=designshare&utm_medium=link&utm_source=publishsharelink). Acesso em: 15 de maio de 2021.

SANTOS, Gabriele Borges Santos e. **Modelo para a elaboração de cartazes**. 15 de maio de 2021. Disponível em: [https://www.canva.com/design/DAEZfMrjxxo/wqNfENkOTGiFZqOvinfLJQ/view?utm\\_content=DAEZfMrjxxo&utm\\_campaign=designshare&utm\\_medium=link&utm\\_source=publishsharelink](https://www.canva.com/design/DAEZfMrjxxo/wqNfENkOTGiFZqOvinfLJQ/view?utm_content=DAEZfMrjxxo&utm_campaign=designshare&utm_medium=link&utm_source=publishsharelink). Acesso em: 15 de maio de 2021.

SANTOS, Gabriele Borges Santos e. **Modelo para a elaboração de cartazes**. 15 de maio de 2021. Disponível em: <https://wordart.com/edit/bqol1a6likuf>. Acesso em: 15 de maio de 2021.

SILVA, Ana Célia da. A desconstrução da discriminação nos livros didáticos. In: MUNANGA, Kabengele (org). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Fundamental, 2005.

SILVA, Luiz. **Literatura Negro Brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

SOUZA, Florentina da Silva. **Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU**. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOUZA, Florentina da Silva; LIMA, Maria Nazaré. **Literatura Afro-Brasileira**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

SOUZA, F. S. **Literatura afro-brasileira: algumas reflexões**. Revista Palmares (Brasília), v. 1, p. 64-72, 2006. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/revista2/revista2-i64.pdf>. Acesso em: 10 de dez. de 2018.

SOUZA, Neusa Santos. **Torna-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Geral. 1983.

STUART. Hall. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MORAES, Vinicius. **Soneto de separação**.1938. Disponível em:  
<http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/soneto-de-separacao>.  
Acesso em: 08 de jun. de 2021.

# **ANEXOS**

**ANEXO A – POEMA INTEGRIDADE**

Integridade

(Geni Guimarães)

Ser negra

Na integridade

Calma e morna dos dias

Ser negra

De carapinhas,

De dorso brilhante

De pés soltos nos caminhos

Ser negra

De negras mãos

De negras mamas,

De negra alma.

Ser negra,

Nos traços,

Nos passos,

Na sensibilidade negra.

Ser negra,

Do verso e reverso,

De choro e riso,

De verdades e mentiras,

Como todos os seres que habitam a terra.

Negra

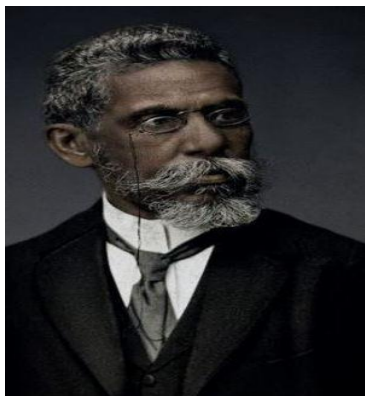
Puro afro sangue negro

Saindo aos jorros,

Por todos os poros.

## ANEXO B - IMAGENS DE ESCRITORES E ESCRITORAS

**Figura 21: Machado de Assis**



**Fonte:** <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2019/05/campanha-resgata-imagem-de-machado-de-assis-como-negro.html>

**Figura 22: Conceição Evaristo**



**Fonte:** <https://sempreumpapo.com.br/conceicao-evaristo-encerra-programacao-no-sesc-santo-andre/>

**Figura 23: Djamila Ribeiro**



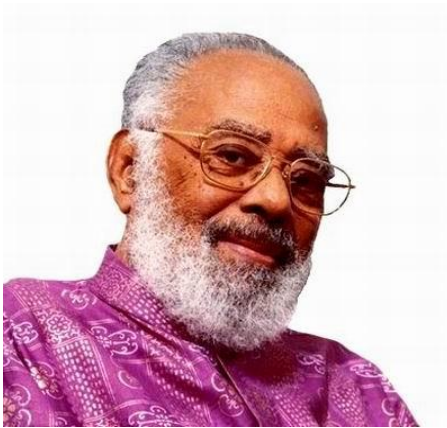
**Fonte:** <https://www.folhape.com.br/noticias/djamila-vai-ao-ministerio-publico-questionar-lucro-do-twitter-em/150375/>

**Figura 24: Vinicius de Moraes**



Fonte: <http://www.elfikurten.com.br/2016/04/vinicius-de-moraes-entrevistado-por.html>

**Figura 25: Abdias do Nascimento**



Fonte: <https://poesiafaclube.com/poemas/abdias-nascimento-escritor>

**Figura 26: Geni Guimarães**



Fonte: <http://www.lettras.ufmg.br/literafrro/autoras/267-geni-guimaraes>

# APÊNDICES

## APÊNDICE A – JOGO DE TABULEIRO

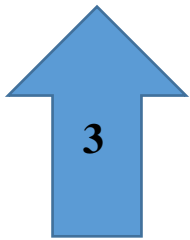


Solucione um desafio e avance três casas.

Obs: caso não consiga solucionar o desafio pague uma prenda escolhida por outros grupos e avance uma casa



Pule duas casas e continue jogando.



Volte três casas e passe a vez para o próximo.



Volte ao ponto de chegada e jogue o dado novamente.

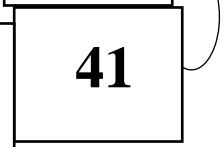
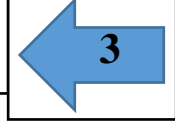
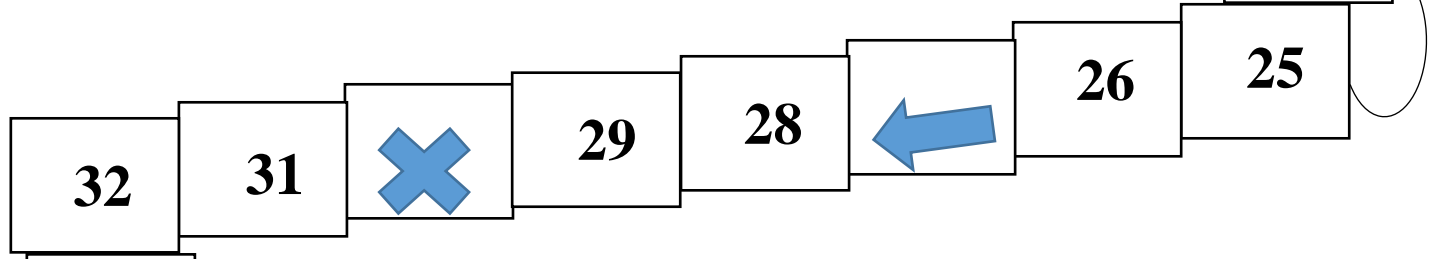
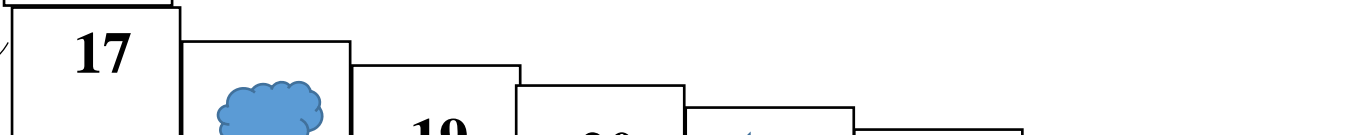
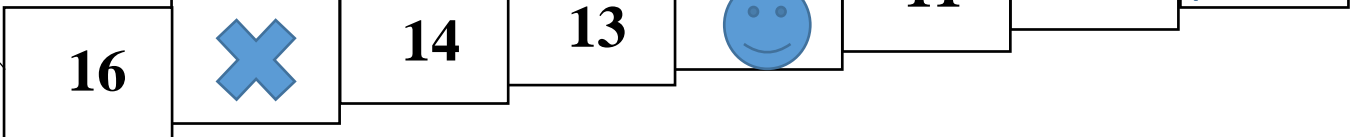
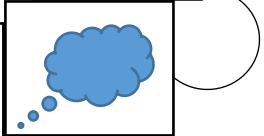
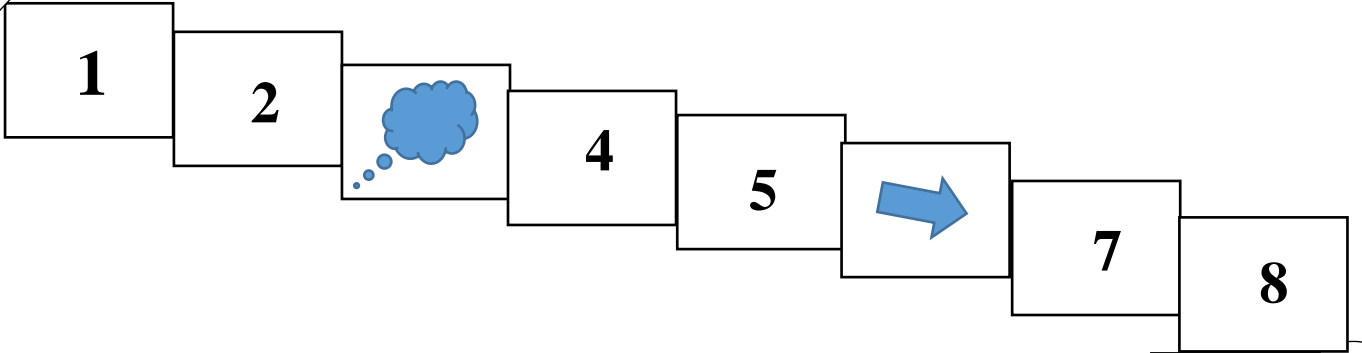


Escolha se prefere avançar duas casas ou que outro integrante volte duas casas.

- Os quadrinhos com números indicam: permaneça no local e passe a

- Caso alguns dos integrantes não consigam solucionar o desafio outro integrante poderá responder corretamente e avançar duas casas.

SAÍDA



CHEGADA

## APÊNDICE B - IMAGENS PARA O DESAFIO DO JOGO DE TABULEIRO

**Figura 27: Beyonce**



**Fonte:** [https://www.purepeople.com.br/noticia/beyonce-iconica-7-provas-que-a-cantora-e-um-fenomeno-da-musica\\_a300700/1](https://www.purepeople.com.br/noticia/beyonce-iconica-7-provas-que-a-cantora-e-um-fenomeno-da-musica_a300700/1)

**Figura 28: Michael Jackson**



**Fonte:** <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2021/02/01/equipe-de-michael-jackson-posta-sobre-negritude-apos-fala-de-karol-conka.htm>

**Figura 29: Pelé**



**Fonte:** <https://sportbuzz.uol.com.br/noticias/futebol/pele-80-anos-relembre-trajetoria-do-rei-do-futebol.phtml>

**FIGURA 30: Rihanna**



Fonte: <https://www.lettras.mus.br/blog/frases-rihanna/>

**Figura 31: Mariele Franco**



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Marielle\\_Franco](https://pt.wikipedia.org/wiki/Marielle_Franco)

**Figura 32: Táís Araújo**



Fonte: <https://www.adorocinema.com/personalidades/personalidade-191669/>

**Figura 33: Thiaguinho**



**Fonte:** <https://www.petropolis.rj.gov.br/pmp/index.php/imprensa/noticias/item/12598-thiaguinho-se-apresenta-no-segundo-dia-da-30%C2%AA-expo-agropecu%C3%A1ria.html>

**Figura 34: Léo Santana**



**Fonte:** <http://salvadorproducoes.com.br/novidades/leo-santana-confirmado-no-galinho-2019>

**Figura 35: Will Smith**



**Fonte:** <https://ovicio.com.br/will-smith-pode-estrelar-filme-de-jordan-peelee-do-universo-de-monstros-da-universal/>

**Figura 36: Iza**



Fonte: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/musica/noticia/2019/03/iza-diz-que-ficou-na-fila-para-turnstile-de-sandy-e-junior-ate-conseguir-ingressos-cjtp1n52j00d501prcjfnyse9.html>

**Figura 37: Lázaro Ramos**



Fonte: <https://www.gaz.com.br/lazaro-ramos-se-firma-como-autor-infantil-com-lancamento-de-dois-livros/>

**Figura 38: Maju Coutinho**



Fonte: <https://oglobo.globo.com/ela/gente/a-frente-do-jornal-hoje-maju-coutinho-reflete-sobre-os-desafios-de-ocupar-posto-em-tempos-de-cri-se-sanitaria-turbulencias-politicas-24961950>

